

GUARDIÃO

(espírito Guardião)



Confraria dos Livros Bons

Pablo de Salamanca (médiuim)

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Guardião”, é o 17º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo e a sua sétima obra mediúnica. Atualmente, ao final de 2014, 16 livros já foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012), *Faces da projeção astral* (2012), *Novas percepções* (2013), *Experiências extrafísicas III* (2013), *Vivências* (2014) e *Projeção astral: perguntas e respostas via Internet* (2014).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é fotografia que pertence aos arquivos do site <http://pixabay.com/pt/> (acesso em 19/03/2014), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo site www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do “autor” (médium), após contato através do *e-mail* contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na Internet.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
A MENSAGEM INICIAL DE “GUARDIÃO”	3
ADENDO À MENSAGEM INICIAL DE “GUARDIÃO”	4
PARTE 1 – Algumas atividades atuais de “Guardião”	
A- O MORIBUNDO	6
B- DEFUNTO NO CAIXÃO	8
C- O MÉDIUM E O DOENTE	10
PARTE 2 – A jornada do “Guardião”: da morte aos dias de hoje	
1- MINHA ÚLTIMA VIDA E MORTE	13
2- MEU PRIMEIRO INSTRUTOR	15
3- PRIMEIRA TAREFA	17
4- NO POSTO DE ATENDIMENTO	19
5- A RECUPERAÇÃO DE LOURDES	21
6- ESCLARECIMENTOS	23
7- O REEQUILÍBRIO COMPLETO DE LOURDES	25
8- O FILHO DE ROBÉRIO	27
9- NA CASA DE LUCIANO	29
10- ASSÉDIO EM AÇÃO	31
11- CAPTURA DOS ASSEDIADORES	33
12- EXPLICAÇÕES	36
13- O PASSADO SE REVELA	38
14- ESCLARECIMENTOS E PLANOS FUTUROS	40

15- DETALHAMENTO DOS PLANOS FUTUROS	42
16- O ENCONTRO COM SARA	44
17- PROJEÇÃO ASTRAL	47
18- APRENDENDO SOBRE MEDIUNIDADE	49
19- SÍNTESE DA PRIMEIRA AULA	51
20- O CURSO BÁSICO DE MEDIUNIDADE	53
21- O CURSO AVANÇADO DE MEDIUNIDADE	55
22- ABERTURA DO CURSO AVANÇADO	58
23- O PORQUÊ ESTÁVAMOS ALI	60
24- PRIMEIRA AULA NA TERRA	62
25- A PRIMEIRA AULA CONTINUA	64
26- A NOSSA PRIMEIRA ATUAÇÃO	66
27- ÚLTIMAS LIÇÕES DA PRIMEIRA AULA	68
28- CONVERSA COM ROBÉRIO	70
29- PREPARATIVOS	72
30- A SESSÃO DOS EXUS	74
31- MINHA PRIMEIRA TAREFA MEDIÚNICA	76
32- A AULA CONTINUA	78
33- CUSTÓDIA	80
34- O FECHAMENTO DA SESSÃO	82
35- AULA NA IGREJA	84
36- MEDIUNIDADE NA IGREJA	86
37- ROBÉRIO E QUESTÕES SOBRE DESDOBRAMENTO	88
38- SARA EM TRABALHO NO ASTRAL	90
39- NA BOATE DO UMBRAL	92
40- DÚVIDAS E ESCLARECIMENTOS	94
41- NA CASA DE TIBÚRCIO	97
42- O CENTRO ESPÍRITA	99
43- A SESSÃO DE DESOBSessão	101
44- O CASO DE CARLINA	103
45- PREPARAÇÃO PARA AULA NA CASA DE MALÊ	105
46- NA CASA DE MALÊ	107
47- APRENDIZADOS E ESTÁGIO	110
48- PRISÃO E DIÁLOGO	112
49- MAGIA NEGRA	114

50- O SACRIFÍCIO	116
51- ESCLARECIMENTOS POSTERIORES	118
52- O TÉRMINO DO CURSO	121
53- O INÍCIO DOS TRABALHOS MEDIÚNICOS DE LUCIANO	123
54- CAMINHOS QUE SE CRUZAM	125
55- OS DIAS ATUAIS	127
56- MENSAGEM FINAL	128

INTRODUÇÃO

Há muitos anos, desde o início de minha caminhada mediúnica, eu guardava uma sutil intuição de que deveria escrever, num momento futuro, algo sobre a Umbanda. Não sabia exatamente o que seria, nem se deveria ser pela via da psicografia.

Pensava eu, que essa intuição talvez fosse, pelo menos em parte, devido a um desejo inconsciente de trazer algum esclarecimento e reduzir preconceitos quanto ao umbandismo. Aliás, a Umbanda não é muito uniforme como religião, pois as formas de prática são bastante variadas, de acordo com a base teórica e vivencial de cada centro ou terreiro. Isto eu fui percebendo, ao longo dos anos, na minha busca pessoal pelo transcendente. E esta variedade de “umbandas” acabou por arrefecer o meu sentimento original de escrever sobre este assunto, até porque, com a maturidade, descobri que em minha caminhada havia me tornado um espiritualista universalista. Ou seja, eu passei a fazer uma síntese bastante pessoal sobre diversas visões religiosas e filosóficas, entendendo que eu não era mais católico (a religião que me foi ensinada na infância), não era mais espírita (a doutrina que abracei na adolescência devido à lógica de Allan Kardec e aos livros consoladores de Chico Xavier), e não era mais umbandista (a religião que pratiquei por muitos anos, por necessidade do aprendizado da humildade). Agora eu me tornara um misto desses conhecimentos e práticas, fundidos a elementos do Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, bem como de algumas vertentes do saber psicológico/terapêutico, sem ignorar, de maneira nenhuma, a minha base científica no campo da engenharia, adquirida em muitos anos de vida acadêmica, até o doutoramento.

Mas, as conexões espirituais não terminam com o passar do tempo e, embora eu estivesse quase esquecido da minha intenção juvenil, eis que recebo uma visita espiritual, numa noite solitária da última semana de outubro de 2013. Naquela oportunidade, na minha mente não parava de “tocar” um cântico da Umbanda, da chamada “Linha dos Exus”. Era um antigo companheiro de trabalhos espiritualistas, que me avisou de forma muito clara, atingindo as minhas percepções mediúnicas, da seguinte maneira: “Você vai escrever um livro sobre nós!” Eu, ao ouvir aquela proposta, feita de forma serena, mas também bastante convicta, simplesmente respondi: “Sim, quando vocês quiserem.”

Na semana seguinte, a entidade espiritual retornou a minha residência, mais uma vez à noite. Ele vinha para deixar sua primeira mensagem pela via da psicografia, que está expressa a seguir, no próximo capítulo. Foi a primeira de muitas, que formaram o presente livro, que trouxe-me frequentes e variadas surpresas. Parte dos bastidores da vida e das tarefas de um guardião foram reveladas nesta obra, que compartilho com prazer, com todo aquele que busca compreender, honestamente e sem preconceitos, o que move os espíritos além do mundo material. Ou seja, este

livro é dedicado não só aos simpatizantes da Umbanda, mas de todos os buscadores da Espiritualidade, especialmente os que se interessam por mediunidade e por experiências fora do corpo (também denominadas como “viagem astral”, “projeção astral”, “desdobramento espiritual”, “projeção da consciência” etc.).

Lembro, ao final desta introdução, que esta obra não tem a pretensão de esgotar os assuntos aqui abordados. E para efeito de registro temporal, fica assinalado que os textos deste livro foram psicografados entre 05/11/2013 e 06/08/2014.

Pablo de Salamanca

Confraria dos Livros Bons

A MENSAGEM INICIAL DE “GUARDIÃO”

O homem encarnado não tem boa noção do Todo Divino, ou simplesmente Deus. Ele tudo abarca, desde o amor e o sacrifício até a manifestação da Justiça incompreensível e aparentemente dura e implacável. O encarnado, ao fugir de suas próprias sombras, busca uma luz idealizada e irreal. O Todo Divino é luz e sombra quando se manifesta. É o equilíbrio perfeito. Quando Ele não se manifesta, simplesmente é Potência. Está além do que é manifestado. Transcende às dualidades. É o Uno que tudo abrange: luz e sombra, doce e amargo, amor e justiça, pessoalidade e impessoalidade, prazer e dor, ...

Eu, Guardiã, busco entender e agir na sombra e na luz, com amor e com justiça, de forma pessoal quando possível, e de maneira impessoal quando necessário. Não estou além do bem e do mal. Não transcendi às dualidades, mas aceito-as, em ambos os polos, porque os opostos são parte do Todo Divino. Minha meta é o equilíbrio, porque o Todo Divino é equilíbrio.

Vou contar uma história. Houve uma época em que eu precisava ver o sangue escorrer. A guerra consistia na minha atmosfera e era o que a minha alma respirava. O poder era a meta. Então, tive que experimentar o outro polo: o dos submetidos, os escravizados. Mas, ao experimentar este lado da moeda, de alguma forma isto aguçou a minha própria sede de poder. Eu tinha, então, sede de poder para libertar àqueles que estavam escravizados. E assim, fui caminhando de vida em vida, sempre experimentando polos extremos. Nada do que sentia ou fazia era raso. Tinha que ser profundo. Era sempre tudo ou nada. Mas, de vivência em vivência, século após século, esta característica foi arrefecendo. Fui adquirindo entendimento e percebendo que não eram as circunstâncias da vida que estavam “erradas”, mas sim, eu apenas repetia o procedimento da dualidade extrema. Agora vejo melhor, embora precise ainda testar-me futuramente no ambiente terreno, de volta à carne. Hoje, busco e atuo na direção do centro, na direção do equilíbrio, na direção do Uno.

Guardião

5 de novembro de 2013.

Confraria dos Livros Bons

ADENDO À MENSAGEM INICIAL DE “GUARDIÃO”

Quando terminei de psicografar a primeira mensagem de “Guardião”, a li e reli. Após um tempo meditando sobre o conteúdo, buscando compreender também o que poderia estar nas “entrelinhas”, a entidade, ainda presente no meu quarto, “soprou-me aos ouvidos”: some cada um dos números da data de hoje!

Levantei-me e, ato contínuo, conferi a data no calendário: cinco de novembro de 2013. Somei os algarismos em seguida: $5 + 1 + 1 + 2 + 0 + 1 + 3 = 13$. Então, veio-me à mente que, no Tarô de Marselha, a carta número 13 representa a morte. Simbolismos genéricos vinculados a esta carta significam grandes transformações, novos espaços de realização, renascimento, destruição, fatalidade, fim necessário, renovação etc. Ou seja, compreendi que o livro que se iniciava, iria tratar desses assuntos que, de uma forma ou de outra, estão associados à questão da morte. E qual tipo de ser espiritual seria tão bem conectado aos variados aspectos da morte e da renovação? Quem, senão os próprios guardiões, trabalham frequentemente no desligamento material de tantas pessoas, e no encaminhamento das mesmas para uma nova vida, para uma transformação espiritual? Então, aquietei-me e concluí que o livro em formação traria conteúdos muito interessantes. Minhas expectativas estavam se tornando muito positivas...

Pablo de Salamanca

PARTE 1

ALGUMAS ATIVIDADES ATUAIS DE “GUARDIÃO”

A- O MORIBUNDO

Um dia, tinha a missão de libertar um moribundo. Ele estava preso a aparelhos num grande hospital. Laços de energia ainda prendiam seu espírito ao corpo quase inútil. O homem estava lúcido fora do veículo físico. Queria reassumir sua matéria e comandá-la novamente. O apego era grande. E os negócios? Suas posses? Tinha vários imóveis, como grandes apartamentos e casas de veraneio. Além do mais, por trás disso tudo estava a agradável sensação de poder sobre pessoas.

Quando ele me viu, foi logo se defendendo:

- Você é a morte? Não estou preparado para morrer! Tenho muito o que fazer na vida...

E desfiou uma série de outras razões, que seria enfadonho repetir aqui. Seus olhos estavam arregalados com a minha presença. O homem estava impressionado pela minha vestimenta escura. Então, respondi-lhe:

- Não sou a morte. Estou aqui para ajudá-lo a libertar-se. Você está preso à matéria que pede descanso. Seu corpo não lhe serve mais. Sua alma continua além corpo.

Com a notícia que lhe dei, o homem passou a chorar. Apelou para os sentimentos que tinha em relação à mulher, aos filhos e aos netos. Deixei-o chorar por um tempo, sem nada falar. Aquilo era necessário a ele. Em seguida, disse-lhe:

- Não é preciso mentir para mim! Sei que não tem afeto pela esposa. Quanto aos filhos, você os considera sanguessugas. E sobre os netos, você não gosta de crianças. Você não tem, nem ao menos, paciência com elas.

Então, o homem sentiu-se nu. Entendeu que eu conhecia seu passado e presente. Mas, tentando ainda argumentar, colocou:

- Preciso viver! Não sei fazer outra coisa, senão viver! Posso doar dinheiro aos pobres, posso fazer caridade! Posso ajudar orfanatos!

Após sua tentativa de barganha, expliquei-lhe que o tempo para isso havia passado. Agora precisava renovar seu modo de pensar e sentir. Reforcei que seu corpo estava inutilizado, e que eu estava lhe oferecendo a libertação. Se ele aceitasse de bom grado, o levaria a um local de recuperação, de modo que, depois, pudesse estudar e reaprender.

Mas o homem deu sinais de revolta. Tentou agarrar-se ao corpo em coma, no leito do hospital. Então, voltei a falar com ele:

- Olhe a sua volta. Veja o que te espera se quiser permanecer aqui.

O homem soltou o corpo inerte, ergueu-se e prestou atenção. Só então começou a perceber que, nos arredores, estavam seres sombrios observando-o com interesse. Desejavam suas bioenergias, densificadas pelo seu modo de pensar, sentir e agir. Em seguida, pôde ouvir alguns gemidos e demonstrou medo. Alguns começaram a rir da situação dele. Os seres, a partir deste momento, já aproximavam-se do moribundo. Ergui meu braço e as sombras recuaram. Era possível captar alguns resmungos, após meu gesto.

A seguir, cheguei perto do homem e estendi-lhe a mão. Rogério, finalmente, aceitou a realidade. Ainda que de forma vacilante, ele seguiu comigo...

B- DEFUNTO NO CAIXÃO

Naquela noite, iríamos ajudar um infeliz. Eu e um companheiro de falange estávamos num cemitério. A cova era rasa. O corpo já havia sido comido pelos vermes. Mas lá ainda estava o “falecido”. Dentro do caixão, entre sonhos e ilusões, lembrava de sua vida terrena e, volta e meia, sentia as entranhas em degradação. Ora devaneava, percorrendo mentalmente as poucas vitórias e prazeres de sua vida material, ora chorava e sofria pelo corpo em decomposição. Mas que corpo? Sim, ele já havia sido consumido. No entanto, na sua mente, de tempos em tempos, o sofrimento retornava.

Eu e meu “braço direito” paramos na beira da sepultura. Vimos lá o infeliz, que justamente estava num momento em que rememorava os desconfortos da matéria em desagregação. Concentrando a minha mente, chamei-o pelo nome que tivera na Terra.

- Válter! Levanta daí! Você está vivo!

O espírito estremeceu ao ouvir o seu nome, mas continuou a estertorar dentro do caixão. Ainda estava na semiconsciência que domina os que têm muito apego à matéria. Então, tornei à carga, evocando a sua presença com mais força:

- Válter! Levanta para a vida! Tua mãe te espera!

O “falecido” tinha grande apreço pela sua mãe, que não via há muito tempo, já que ela perdera o corpo físico há décadas. Desta feita, Válter parecia sair do torpor. Colocou seus braços para fora do ataúde e fazia força para se levantar. Apenas conseguiu sentar-se e visivelmente estava confuso. Então, eu o peguei por um braço e meu ajudante segurou-o pelo outro. De supetão, o pomos de pé. Sua figura seria muito desagradável para um encarnado que o pudesse enxergar. A mente dele estava fixada, naquele momento, num certo ponto da decomposição corpórea, que fazia com que ele se apresentasse com parte das costelas e algumas vísceras visíveis. Ele exalava um cheiro de podre, oriundo de sua própria memória espiritual, que reproduzia o fenômeno no Mundo Astral. Ele plasmava aquela realidade.

A seguir, utilizando-me da energia de um médium que dormia naquele instante, foi possível fazer um expurgo daquelas formas-pensamento de Válter. Isto transformou o seu corpo astral (perispírito), que agora apresentava um melhor aspecto. Mas, aquela situação não se sustentaria, se o desencarnado voltasse a sua mente para o passado. Precisariamos desligá-lo do choque da morte física e da degradação do corpo. Eu e meu “braço direito” o pusemos de joelhos e

mostramos onde estavam seus restos mortais. Em seguida, perguntei-lhe:

- O que você vê Válter?

Ele não queria observar, mas, energicamente, insistimos:

- O que você vê no caixão Válter?

Então, ele grunhiu:

- Ossos! São ossos!

E, dito isso, vomitou miasmas e larvas astrais que ainda guardava no veículo perispiritual. Logo após, dei um retorno ao desequilibrado:

- Isso mesmo, Válter! São os ossos do corpo físico que você usou. Só sobrou isso! Você agora é espírito e está vivo! Somente o seu corpo morreu.

Ele mostrou surpresa em seu olhar esquálido. Estava ainda confuso. Na sequência, falei a ele:

- Que ver a sua mãe? Ela te espera.

O desencarnado concordou com a cabeça. Havia uma esperança nele. Estava se desligando do trauma da morte, depois de anos de fechamento em si próprio.

Então, o levamos para um lugar onde seria tratado, até se reequilibrar. Sua mãe o visitaria lá. No futuro, se Válter quisesse, seria treinado como guardião. Conhecíamos seu histórico de vida e sua vibração era compatível com a da minha falange. No fundo, ele era um dos nossos...

C- O MÉDIUM E O DOENTE

Fui buscar um médium para um trabalho no Astral e disse a ele:

- Preciso de você, hoje! Vamos, desperta!

O médium flutuava próximo ao corpo carnal, em profunda sonolência. Estremeceu ao ouvir-me, mas manteve-se inconsciente.

- Vamos, acorda! Está na hora de ir trabalhar!

Júlio, este era o nome dele, estava finalmente despertando. Olhou-me e logo reconheceu-me, embora não estivesse plenamente lúcido ainda. Então transmiti-lhe uma vibração energética para melhorar seu estado de consciência.

Em seguida, tomei o seu braço e fomos até um hospital. No caminho, passei a ele que precisava de suas bioenergias de encarnado, para ajudar um doente a curar-se.

Lá chegando, conversei rapidamente com um companheiro de falange, que montava guarda perto do enfermo. Este tinha merecimento da nossa proteção. Era cumpridor de seus deveres e, pelo seu excesso de zelo com a família, ficara doente. O homem “carregava nas costas” muita gente, inclusive seus filhos, que já deviam estar trabalhando.

Então, falei ao médium:

- Júlio, se aproxime mais! Fique aqui do meu lado. Olha o peito de Agenor. Vê aquela massa escura?

Após instantes de observação, o médium desdobrado colocou:

- Vejo sim. O que é aquilo?

E respondi, de pronto:

- Júlio, aquilo ali é a energia da pneumonia. Estenda as suas mãos! Vamos tirar ela dali, agora.

Enquanto o médium irradiava, com muito boa vontade, suas bioenergias sobre a extensa mancha, eu fazia o mesmo ao seu lado. A pneumonia já tomava boa parte dos pulmões, e a nossa intervenção no Mundo Sutil, facilitaria a recuperação orgânica de Agenor.

Depois de um tempo, acoplei-me ao campo áurico de Júlio, de modo a direcionar melhor as bioenergias do médium. Naqueles momentos, a lucidez do jovem projetado iria baixar,

porque eu usaria uma grande dose de ectoplasma dele, na intenção de acelerar o processo de cura. Após um período de esforço, a mancha já cedia e, agora, a função da irradiação era revitalizar Agenor. O doente estava fraco e precisava daquela verdadeira “transusão de energias”.

Quando a tarefa terminou, Agenor já respirava melhor. Ele chegou, mesmo, a deslocar-se de seu próprio corpo físico, mas não tinha consciência. Dormia próximo a seu veículo de carne, flutuando um pouco acima da cama.

Desacoplei-me de Júlio e agradei sua dedicação. Ele era um bom médium de um centro espiritualista, onde eu atuava junto com a minha falange. Mas, agora, Júlio estava sonolento. Tomei um de seus braços e o conduzi, num deslocamento rápido, até sua residência. Deixei-o próximo ao seu corpo material e observei o reencaixe natural. Ele precisava de descanso. Provavelmente, no dia seguinte, o médium lembraria pouco ou nada de suas atividades noturnas.

Quanto a Agenor, recuperou-se rapidamente a partir da nossa intervenção. Os médicos surpreenderam-se com a eficácia dos remédios que lhe aplicaram, acreditando que sua ação fora exclusiva. Não imaginavam que, na noite anterior, ali estiveram dois “enfermeiros” com outro tipo de medicação. Um dia, os médicos terrenos vão ter plena ciência de que uma ação conjunta, a material e a espiritual, são a melhor terapêutica.

PARTE 2

A JORNADA DO “GUARDIÃO”: DA MORTE AOS DIAS DE HOJE

1- MINHA ÚLTIMA VIDA E MORTE

Fui médico na minha última vida terrena. Tive uma carreira boa, mas foi encurtada pelos meus vícios. Um deles era a bebida. O outro vício era o gosto excessivo pelas mulheres. Assim, desgastei-me bastante em noitadas, o que, a princípio, não interferia muito na profissão. Mas, com o tempo, fui perdendo o foco. Comecei a deixar de ser tão eficiente nos diagnósticos e tratamentos. Além disso, as fofocas sobre os meus procedimentos noturnos já chegavam na porta do meu consultório. Então, fui perdendo clientes e a reputação. Com isso, descarreguei a frustração em mais noitadas. Transformei-me num alcoólatra. Morri antes do tempo programado.

Vaguei em áreas obscuras do Astral por vários anos. Perdi a noção do tempo. Continuava a frequentar lugares, onde o álcool era farto.

Numa noite iluminada pela lua cheia, que está bem nítida na minha memória espiritual, fui retirado da sarjeta por braços fortes. Dois homens vestidos de negro, roupas finas da época, me falavam para deixar de ser vagabundo. Um deles repetia insistentemente que eu agia como um fraco. E volta e meia me perguntava se eu queria continuar a ser um covarde. Aquilo me irritou, mas eu estava muito bêbado para reagir a altura. Eu havia ficado, por longo período, bebendo junto com um outro alcoólatra.

Então, os homens de capa preta me levaram até o cemitério da cidade, onde eu nascera. Passamos pelas suas grandes portas de ferro, onde estavam outros dois homens, também de roupas escuras, que pareciam guardas ou sentinelas. E continuaram me arrastando até uma lápide. Ali me soltaram no chão e o mais chato perguntou:

- Você é capaz de ler o que está escrito aí?

Olhei com cuidado e curiosidade, mas minha visão não estava boa. Demorei um tempo observando, até que percebi que era o meu nome. Então, soltei um palavrão, questionando logo em seguida:

- Que brincadeira é essa? Eu não estou morto!!

Um deles respondeu:

- Você está vivo, mas seu corpo já morreu.

- Mentira!! Sacanagem!! – respondi.

A seguir, um deles disse em tom firme:

- Seu espírito vive, mas sua carne já foi comida pela terra. Procura lembrar!

Então, um redemoinho tomou conta da minha mente. Tive enjoos. Vomitei. Desmaiei. Só fui despertar um bom tempo depois, numa cama simples, mas limpa. Tivera muitos pesadelos, nos quais vi, revi e revivi minha morte física.

2- MEU PRIMEIRO INSTRUTOR

Depois de um tempo de recuperação, quando pude me refazer do choque pela morte física, e dos vícios que ainda carregava, passei por um treinamento para tornar-me um guardião, como aqueles que me resgataram. No fundo, eu gostaria mesmo de voltar às atividades médicas. No entanto, haviam me convencido de que, como guardião, também poderia realizar tarefas curativas. Seria questão de tempo.

Meu período de treinamento incluiu, dentre outras coisas, passar por situações práticas no Astral Inferior, em contato com seres que possuíam meus vícios anteriores. Eu deveria ser testado, de modo a provar se não cairia nas tentações que me subjugarão antes. Esta fase não foi fácil, porque a minha mentalidade terrena permanecia forte. Eu ainda estava me acostumando, com a ideia de que não tinha mais um corpo de carne e ossos. Aos poucos, fiquei bem consciente do que seria melhor para o meu caminho. Foi difícil, mas superei a mim mesmo.

Mas, não nego que passei por crises. Uma delas foi devida à bebida. No início dos testes práticos, na terceira vez que saía com guardiões mais experientes, a proximidade com um bêbado desencarnado, que retiramos de velha taverna, quase me pôs a perder. Ele exalava álcool e a substância inundava o meu ser. Tive sintomas de abstinência e quase revoltei-me. Eu precisava de mais força de vontade, que só adquiri com o tempo.

Uma outra crise que passei, confesso que foi por arrogância. Depois que o álcool ficara para trás, queria reassumir o papel de médico. Quem me chamou à realidade foi meu primeiro instrutor, um guardião que há muito tempo labutava nesta tarefa. Havia sido ele que, desde o início, me explicara que poderia realizar atividades de cura, mesmo sendo guardião nas zonas inferiores e próximas do mundo material.

Num dia em que minha impaciência aflorou, quando apontei minha origem de médico, e que não devia somente resgatar bêbados e mendigos, o instrutor me deu uma lição, dizendo:

- O que seria dos médicos, sem os enfermeiros? O que seria dos enfermeiros, sem os auxiliares de enfermagem? O que seria dos auxiliares, sem os faxineiros?

Fiquei o observando, sem uma resposta. Então, ele arrematou:

- Pois aqui estamos precisando de faxineiros! Seja, primeiro, um bom faxineiro. Sem limpeza não há saúde e você sabe muito bem disso. Se for um bom faxineiro, vai ajudar a curar muita gente. Mas, comece por você mesmo! Limpe e cure a sua cabeça.

Calei-me, diante da sua lógica simples e direta. Eu sabia de parte da história do instrutor. Ele fora, na Terra, um fazendeiro e político respeitado à época, mas também tinha seus vícios e falhas. Por isso, fora para ali. Ele também havia sido um homem relativamente culto e não se queixava do que fazia agora. Já estava trabalhando naquela região há muito tempo. Ele merecia meu respeito. Além disso, se não fosse pela falange espiritual que ele integrava, provavelmente eu ainda estaria na sarjeta, por longo período.

3- PRIMEIRA TAREFA

Quando ocorreu o término do treinamento, recebi a minha primeira tarefa. Eu estava confirmado, junto com um companheiro mais experiente, para ir buscar uma prostituta que havia morrido há um tempo. Ela permanecia na sua casa material e não tinha entendido que perdera o corpo de carne. O plano de trabalho era eu adentrar a residência, de modo a retirá-la, enquanto o outro guardião ficaria esperando do lado de fora. Eu devia convencê-la a ir comigo.

O que nos contaram, previamente, é que a desencarnada estava confusa, agora convivendo com uma família desconhecida de encarnados. A sua presença não era boa para os indivíduos que foram morar lá, afetando principalmente uma moça, filha mais nova do casal que adquirira a residência. A jovem tinha insônia, e quando finalmente adormecia, encontrava-se com a velha prostituta, assustando-se com ela. Despertava, dizendo que uma bruxa a perseguia.

Chegando lá, atravessei a porta dos fundos da humilde casa. Passei pela cozinha e atingi a sala. Nenhum movimento havia no ambiente físico. Era tarde da noite e todos já dormiam. Fui ao quarto do casal e não vi a alma feminina. No quarto do filho, também não estava. Mas, no quarto da jovem Henriqueta, lá estava a entidade. Eu havia sido informado que o nome da mulher era Lourdes. Então, a chamei.

Ela me olhou com surpresa e perguntou quem eu era. Respondi que era um amigo. Lourdes, de supetão, perguntou se eu não era da parte do cobrador. Disse-lhe que não. Assim, ela passou a reclamar que não tinha dinheiro para pagar o que devia. E para piorar a situação, ela havia aceitado dividir a casa com aquela família, mas ainda não tinha recebido nem um vintém pelo aluguel.

Após o que eu ouvi da entidade, tive certeza de sua confusão mental. Aproveitei a oportunidade, para convencê-la a sair dali, dizendo-lhe:

- Lourdes, venha comigo! Sei de um lugar onde se julgam essas questões. Lá vão esclarecer esta situação do aluguel.

Ela me olhou desconfiada e retrucou:

- Não quero ir para a delegacia! Eles sempre me trataram muito mal lá. Não quero nem pensar no delegado Godofredo!

Falei à infeliz idosa que não iria levá-la para delegacia nenhuma. Ela ia encontrar um juiz, que daria ganho de causa para si, pois afinal de contas, deviam-lhe dinheiro. Mas, ela insistiu

na dúvida:

- Você não está me enganando, não é mesmo? Você é policial da parte do delegado?

- Não! – respondi – Veja que minha roupa não é de policial!

A seguir, ela me mirou de cima a baixo e concordou, falando:

- É verdade. Você parece mais um oficial de justiça. Eu conheço você de onde? Você me lembra alguém...

Aproveitei a empatia criada e estendi-lhe a mão. Ela ainda vacilava. Em seguida, coloquei:

- Não sei de onde, mas também acho que já conheço você. Vamos conversando no caminho e talvez lembremos.

Quando ela segurou na minha mão, senti que era a hora de usar uma técnica para induzi-la ao sono. Não foi difícil, pois ela estava combatida. A prostituta morrera doente e envelhecida. Isto se refletia no seu corpo astral. Assim, ela veio andando comigo para fora da casa, já em estado de entorpecimento. Quando atingimos o lado externo, meu companheiro de falange a amparou pelo outro braço. Levamos a mulher, já dormindo profundamente, para um Posto de Atendimento.

4- NO POSTO DE ATENDIMENTO

Ao chegarmos no Posto, deixamos ela com um atendente. Ele estava de prontidão e encaminhou-a para uma enfermaria de primeiros socorros. Neste local, ela receberia uma limpeza inicial no seu corpo astral. Então, iria para a “sonoterapia”, em outro ambiente, onde entraria em sono mais profundo, recordando-se dos principais fatos de sua última vida terrena. Quando despertasse, seria esclarecida paulatinamente quanto a sua real situação de momento.

Após a execução desta minha tarefa, a primeira, fui chamado pelo instrutor. Ele perguntou como eu me sentia. Respondi que estava bem, e que já estava pronto para outra missão. Mas, ele mirou-me no fundo dos olhos e indagou:

- O que você sentiu em relação à mulher?

Eu, estranhando, coloquei:

- Bem, nada de especial, apenas tive pena da infeliz!

O instrutor retrucou rapidamente:

- Epa! Ou você ainda está muito xucro, ou você está querendo esconder seus sentimentos. Confesse que você sentiu algo diferente!

Na realidade, o que estava acontecendo era um pouco das duas coisas. Eu sentira algo mais que simplesmente pena, mas também eu ainda estava um tanto xucro, pois não sabia explicar o porquê aquela velha me inspirou remorsos. Por isso, falei ao instrutor:

- Não sei o motivo, porém senti culpa por ela estar naquela situação. Mas, nem mesmo a conheço!

A seguir, o experiente guardião passou a esclarecer:

- Veja bem, vou clarear sua memória. O nome que a prostituta recebeu ao nascer foi Lourdes, como você já sabia. Mas, o apelido dela era “Lulu”. Isso te diz alguma coisa?

Aquele nome funcionou como uma fagulha na minha mente, pois incendiou o escuro do meu passado, trazendo à luz do presente, as minhas memórias da bela Lulu. Ela havia sido a minha preferida no bordel de Rosalina. Era a mais cara que o dinheiro podia comprar. E eu gastei muito com ela, enquanto tive dinheiro farto. Isto durara um período significativo de minha vida material, talvez sete ou oito anos, até que a bebida me derrubou, acabando também com a minha fama de bom médico. Recordei que eu ficara quase apaixonado por ela, havendo lhe prometido que a

retiraria do bordel. Mas, meus sentimentos não eram mais fortes do que a desconfiança da condição de prostituta de Lulu. E assim, deixei a vida me levar para um lado, enquanto Lulu prosseguiu no próprio rumo.

Agora, eu descobrira o desfecho da vida de Lourdes. Ela permaneceu encarnada, aos trancos e barrancos, e eu, por minha vez, acabei com minha vida anos antes, conforme já contei. Notei, um pouco surpreso, que a minha materialidade ainda era grande, pois não distingui na velha prostituta, aquela bonita mulher que eu gostara um dia.

Então o instrutor, aproveitando a oportunidade, apontou-me questões importantes:

1- Tudo está interligado na vida! Mais cedo ou mais tarde as almas se reencontram na Terra ou no Astral, para “acertarem os ponteiros”; e ...

2- Um guardião que se preze, precisa ter capacidades psíquicas aguçadas. Com a situação ocorrida, ficou evidente que eu era um neófito, apesar de já ter completado o treinamento. Ou seja, era óbvio que o aprendizado continuaria durante as tarefas práticas.

Após os esclarecimentos do instrutor, que resumi acima, confesso que estava um pouco envergonhado, não só com a minha inexperiência, mas também em relação ao meu passado. Eu não tinha muito como me orgulhar do que fizera na vida material.

Mas, em seguida, tive uma boa notícia. Eu poderia começar a exercitar a cura, ali no Mundo Espiritual, através do caso de Lourdes. Ela falecera de tuberculose e mantinha "sequelas" no corpo astral. Fui alertado de que meus conhecimentos terrenos da medicina não seriam muito úteis no Astral. Deveria colocar em prática algumas instruções de “limpeza energética”, que aprendera no treinamento. No entanto, eu precisaria estudar mais sobre esse assunto. De qualquer forma, esta parte da atividade já se parecia um pouco com a finalidade que um médico tem. No fundo, eu me apegava as minhas memórias profissionais do Plano Material.

5- A RECUPERAÇÃO DE LOURDES

Lulu demorou a se recuperar. Os primeiros sinais de melhora foram na sua condição psíquica. Ela, ao final de certo tempo, não apresentava mais a confusão mental em que já estava mergulhada, na realidade, desde a velhice material. Podia raciocinar com clareza e entendera que seu corpo físico perecera. Compreendera, enfim, que a vida continua no Mundo Espiritual.

No entanto, ela permanecia com as sequelas da tuberculose, firmemente refletidas no seu corpo astral. Ainda eram recorrentes, sintomas como a tosse. Embora ela não tivesse mais o corpo carnal, a sua mente, muito voltada à vida física, reproduzia o sofrimento que tivera antes. Além disso, a doença, que ocorrera em passado recente, alterou os “tecidos astrais” que correspondiam a região pulmonar do corpo denso. E, em última análise, o fluxo de energias no seu corpo astral não era livre. Havia “agregações escuras” no tórax, que impediam o seu equilíbrio energético.

Neste último ponto do meu “diagnóstico” é que pude atuar mais diretamente. Através de visitas periódicas à Lourdes, a minha tarefa era retirar o que chamei de “agregações escuras”. Consistia num trabalho de limpeza que eu executava paulatinamente, tendo-se em vista que o problema estava profundamente entranhado nos “tecidos” torácicos dela, com o apoio de sua mente, já muito acostumada àquele sofrimento crônico.

Numa dessas “visitas de limpeza” a velha Lulu me reconheceu. E enfatizo o termo “velha”, porque aquela entidade mantinha-se com a aparência e atitudes de uma idosa, devido ao seu condicionamento mental. Mas, como dizia, logo ao término de um dia de retirada de “agregações”, Lourdes foi tomada de surpresa:

- Mas, é você...

E ao dizer meu nome terreno, começou a chorar. Percebi que os sentimentos dela eram uma mistura de alegria pelo reencontro, saudades de um amor que ela chegou a nutrir por mim e espanto por eu estar ali, tão próximo a ela, com a mesma aparência da juventude de outrora.

Então, os enfermeiros disseram a ela que eu precisava ir embora, naquele momento. Acrescentaram que eu voltaria depois para continuar o tratamento, e que ela poderia conversar comigo um pouco, da próxima vez. Em seguida, encontrei-me com o médico espiritual responsável por aquele setor. Ele me disse:

- Guardião, ela deve ficar só por um tempo, de modo a assimilar este encontro contigo,

pois isso irá reavivar certas memórias da vida terrena, que trarão emoções à tona, necessitadas de reequilíbrio.

Aproveitei a oportunidade e perguntei:

- Mas, por quê não poderíamos conversar agora? Eu tinha coisas para falar a ela...

Então, o médico explicou:

- Eu sei, mas você precisará primeiro ouvir o que ela tem a dizer, para somente depois dar o seu testemunho dos fatos. Ela ainda está enfraquecida e, por ora, precisa de repouso.

Em prosseguimento, o médico esclareceu um pouco mais:

- E quanto a ti, vejo que ficou um tanto abalado com o reconhecimento por parte dela. Você também precisa de um tempo, para meditar no que poderá dizer para ela, mais à frente.

6- ESCLARECIMENTOS

Numa próxima oportunidade, encontrei-me com Lourdes. Eu lembrava das instruções que havia recebido anteriormente. Por isso, cheguei e deixei-a falar livremente. De início, mostrou alegria pela minha presença. Comentou sobre memórias de sua vida terrena, sobre o quanto ela era bela e desejada. Assinalou que eu era o preferido dela, mas não entendia muito bem, porque eu ainda tinha a aparência da juventude. Como ela esperava uma explicação de minha parte, eu esclareci:

- Lulu, eu estraguei a minha vida física antes que você. Meu corpo não resistiu ao álcool e a outros excessos. Como faleci ainda relativamente jovem, mantive esta aparência.

Ela aceitou minhas ponderações, sem maior dificuldade. Portanto, para não alongar muito a conversa, não dei continuidade a este aspecto, embora eu pudesse lhe explicar que a sua aparência de velhice poderia ser mudada, por ela própria, com a força de sua mente. Mas, o principal era apontar que ela poderia ajudar a si na cura das mazelas, que ainda carregava.

Em seguida, Lulu perguntou sobre detalhes da minha morte e como eu havia me recuperado. Comentei algumas coisas sobre mim, que poderiam ser úteis para ela também restabelecer-se.

Logo depois, Lourdes indagou sobre minhas atividades ali. Contei-lhe, então, brevemente sobre parte do que eu fazia, já que ela não entenderia tudo de imediato. Ficou admirada e mostrou interesse de ser útil também. Aproveitando este ensejo, falei a ela:

- Veja bem, já que você quer ajudar, precisa se recuperar mais rápido. Vamos ao tratamento!

Assim, convenci-a de encerrarmos o assunto naquele dia. Passei à limpeza das “agregações escuras” ainda presentes no tórax. Depois do meu procedimento, notei que o resultado fora melhor naquela oportunidade. Fiquei intimamente satisfeito e despedi-me dela.

No dia seguinte a esta etapa da minha atividade junto à Lourdes, o médico espiritual responsável foi procurar-me. E ele falou:

- Guardiã, você percebeu que as agregações reduziram-se bastante?

Respondi de bate-pronto, que sim. Então, o médico fez outra pergunta:

- E você, Guardiã, entendeu o porquê?

Eu apenas balancei a cabeça negativamente. Minha atitude fez com que o doutor me dissesse:

- Os laços de afinidade entre vocês, uma vez bem restabelecidos, criou uma maior abertura de Lourdes ao reequilíbrio. Além disso, sabendo sobre o seu trabalho por aqui, trouxe-lhe um estímulo para melhorar e ser útil também.

Respondi ao médico que isso era interessante. Ele, em seguida, continuou e complementou seu raciocínio:

- Guardiã, todo ser humano precisa ter um sentido para a própria vida. Você está sendo muito importante à Lulu, agora. Parece-me que ela está se espelhando no seu exemplo de recuperação.

Então, contei ao doutor que eu não me sentia como bom exemplo para ninguém. Embora, na Terra, a minha profissão houvesse sido a mesma daquele médico espiritual, as nossas atitudes, enquanto encarnados, foram bem diferentes. Eu havia terminado na sarjeta, mas ele, Arnaldo, morrera velho junto à família.

A seguir, o doutor Arnaldo sorriu e me falou francamente:

- Guardiã, eu não estou aqui à toa. Cometi muitos enganos na Terra. A diferença entre nós, é que eu escondi melhor meus vícios da sociedade e da família. Por isso estou neste lugar de trabalho intensivo, onde posso me corrigir. Aqui é minha morada certa!

Fiquei surpreso com a confissão do médico. Entendi que aquilo que eu sabia dele, era muito superficial. Agradei a sua sinceridade, mas retruquei:

- Doutor, não sei onde você errou. Mas, reconheço a sua superioridade. Você, pelo menos, pode clinicar aqui. Minha tarefa é basicamente a de um enfermeiro aprendiz e, lá fora, onde atuo por mais tempo, contribuo como um guardião ainda novato.

O médico espiritual, se despedindo sorridente, me disse:

- Tudo é questão de tempo...

7- O REEQUILÍBRIO COMPLETO DE LOURDES

Retornei mais vezes ao encontro de Lourdes, no intuito de terminar a tarefa de retirar as agregações. Em cada oportunidade que eu fazia o procedimento, mais seu tórax ia se livrando do problema. Eu estava satisfeito com a evolução do caso.

Notei, entretanto, que Lulu estava remoçando de uma maneira natural. Em cada dia que a via, suas rugas reduziam-se mais. Sobre isso, comentei com o Doutor Arnaldo, que prontamente explicou-me:

- Guardiã, aqui ninguém orientou Lourdes para alterar a própria aparência. A nossa prioridade é estimular o reequilíbrio. Simplesmente, o processo de rejuvenescimento é um desejo interior dela. Assim, a mente de Lulu está trabalhando nessa direção, ainda que inconscientemente.

E o tempo passou, até que Lourdes readquiriu completa saúde. Além disso, agora aparentava ser uma mulher com cerca de 40 anos de idade. Apresentava a beleza que eu tanto admirara um dia, na Terra.

Embora não tivesse mais a tarefa de ajudá-la, no tempo vago entre minhas atividades de guardião, ainda a visitava. Tínhamos laços de afinidade. Numa de nossas conversas, ela manifestou a vontade de fazer algo, de ser útil. Queixou-se que não tinha muita habilidade para contribuir como auxiliar, na área de enfermagem da instituição. Respondi-lhe que tivesse paciência, pois o Dr. Arnaldo iria encaminhá-la a outro setor, já que estava bem disposta. Então, ela disse:

- Eu sei, o Arnaldo falou que estou quase pronta para a Triagem. Aqui, faço pequenos serviços para passar o tempo e ser útil. Mas, sinto que não estou no lugar certo. Não tenho vocação para a enfermagem.

Retruquei, em seguida:

- Calma, Lulu! Conheço a tua agitação. Vão achar algo mais adequado a ti. Eu desconfio para onde você vai, mas não posso adiantar-me ao Robério. Ele é que vai te ajudar a definir seu rumo.

- E quem é o Robério? – indagou Lulu.

- É o responsável principal pela Triagem. – respondi, despedindo-me.

Um tempo depois, soube que Lulu havia passado pelo processo de avaliação. O resultado era o que eu já esperava: Lourdes seria uma guardiã! No entanto, o seu treinamento teria

características um tanto diferentes daquele pelo qual passei. Seu agrupamento era coordenado por entidades na polaridade feminina, e suas funções nas regiões umbralinas seriam outras das que eu realizava. Contudo, em algumas oportunidades guardiões masculinos e femininos trabalhavam juntos, quando necessário. Cada missão no submundo astral tinha a sua particularidade.

Eu havia me tornado amigo de Robério, o chefe da Triagem. Um dia ele me explicou, após uma indagação minha, o seguinte:

- Espíritos que chegam por aqui, no intuito de recuperarem-se de seus desencarnes não muito felizes, sempre passam pela Triagem. Após o reequilíbrio de suas forças, fazemos avaliações por meio de entrevistas e aferições nos seus campos magnéticos. Revemos também o histórico recente e distante de cada um. Assim, indicamos pelo menos dois caminhos de desenvolvimento espiritual. Então, a escolha é realizada e, conforme a necessidade, o indivíduo passa por aprendizados para bem exercer as suas funções. Alguns vão para zonas vibratórias menos densas, para realizarem tarefas e/ou estudos condizentes. Mas, a maioria que passa por aqui, trabalhará próximo ao campo energético da superfície terrena.

Depois dessa explanação de Robério, fiz a seguinte colocação:

- Bem, a Lourdes eu já esperava que viesse a ser uma guardiã. Mas, e outros desencarnados mais desequilibrados que são recolhidos por nós, guardiões, e trazidos aqui?

Robério pareceu pensar em algo distante, respondendo com um olhar no vazio:

- Estes, Guardiões, muitas vezes precisam reencarnar um pouco mais rapidamente, embora nem sempre tenham esta oportunidade abençoada na Terra.

Percebi que, sem querer, havia tocado em alguma memória triste de Robério. Assim, agradei a sua atenção e fui me afastando. No entanto, o chefe da Triagem me falou:

- Não vá embora ainda Guardiões! Fique sabendo que, se desejar, vou te levar à Terra para ver uma pessoa que amo.

Respondi-lhe, de pronto, que iria sim. Acrescentei que eu só precisaria de autorização de meu superior. Robério mostrou-se satisfeito com minha boa disposição, contando-me ao final de nossa conversa:

- Guardiões, falarei eu mesmo com o responsável pela tua falange. Depois nos encontraremos...

8- O FILHO DE ROBÉRIO

No meu encontro seguinte com Robério, ele me informou que eu havia sido liberado para uma descida à Terra, com ele próprio. Fiquei sinceramente feliz com a notícia, e estava curioso para entender o porquê Robério gostaria da minha presença lá, dentro de três dias terrenos.

Em seguida, o amigo contou-me que falecera com 51 anos de idade. Na época do seu desencarne, devido a problema cardíaco, deixara para trás a esposa e um filho com quase 20 anos. O jovem era rebelde e tinha hábitos viciosos. Com a morte de Robério, o moço Ronaldo sentiu-se mais livre para cometer excessos. Gostava muito de carros e da velocidade. Tornou-se um bom mecânico e, ganhando seu próprio dinheiro, prosseguiu com o seu principal passatempo. Além disso, adquiriu um carro para si, de segunda mão, que preparara para corridas ilegais nas vias públicas.

Eu prestava muita atenção à história contada por Robério, mas ele fez uma pausa, para revelar um aspecto:

- Guardiã, vejo que está bem interessado sobre os fatos que estou informando. Mas, antes de prosseguir, gostaria de te dizer que estou lhe contando tudo isso, porque acredito que você possa me ajudar em relação ao meu filho.

Ouvindo a sua intenção, respondi-lhe:

- Robério, o que estiver ao meu alcance, eu farei.

Na sequência, o chefe da Triagem continuou suas explicações. E ele colocou que Ronaldo, seu único filho, ficou alguns anos neste estilo de vida: vícios, o trabalho como mecânico e as disputas de corrida. Porém, em pouco tempo, sua vida teve fim num acidente automobilístico. Por ironia do destino, o acidente não ocorreu durante uma de suas “competições”.

Depois de um período perdido em zonas obscuras do Astral, Ronaldo foi recolhido à instituição que havia albergado Robério. O jovem desencarnado passou por uma recuperação que nunca foi completa, pela rebeldia do próprio espírito. Após passar pela Triagem, compreendeu-se que o melhor caminho para Ronaldo seria o retorno à matéria. E a oportunidade ocorreu dentro da mesma família de sua última existência terrena, através de um primo mais jovem, que seria seu novo pai.

Bem, eu ainda prestava muita atenção à narrativa, quando Robério fez nova pausa. Seu olhar estava distante, como que vendo o passado em cores vivas. Então, meu amigo prosseguiu:

- Guardião, meu filho nasceu com uma perna meio torta, reflexo do acidente de carro, e com uma grande sensibilidade psíquica. Esta “abertura mediúnica” foi decorrente de suas próprias capacidades desenvolvidas em vidas mais antigas, através da magia, somada ao uso de drogas na sua passagem terrena mais recente.

Então, não resisti e perguntei:

- Mas quantos anos ele tem na Terra agora?

- O menino, que foi batizado com o nome “Luciano”, já está com quase 10 anos de idade. – respondeu Robério, que prosseguiu com as informações.

- Ele está passando dificuldades, justamente pela sua condição mediúnica, sendo perseguido por duas entidades desequilibradas.

Fiquei em silêncio, pensando na questão, quando Robério arrematou:

- É por isso que eu quero levá-lo até a Terra. Acredito que você poderá ajudar a analisar a situação e auxiliar numa solução, ainda que não seja definitiva. Esta existência terá muitos desafios a Luciano, mais à frente. Mas, por ora, ele precisa de socorro.

9- NA CASA DE LUCIANO

No dia combinado, eu e Robério nos encontramos. Desceríamos ao Mundo Físico, com um determinado padrão vibratório, de modo que nossos veículos astrais estivessem sutis o suficiente, para que os assediadores de Luciano não pudessem nos enxergar. O objetivo básico era avaliar a situação e buscar uma solução, evitando desgastes desnecessários e preservando o garoto o quanto possível.

Ao chegarmos na casa de Luciano, uma típica residência de subúrbio, de grande cidade brasileira, notamos que o ambiente material era relativamente limpo e organizado. Aquele espírito havia reencarnado dentro de um contexto bem estruturado, e pelo jeito com pais equilibrados, para que ele tivesse boa chance de se harmonizar consigo e com a vida.

Estávamos num quintal, na frente da casa, e não notamos nada de anormal. Veio nos receber uma entidade, que tinha a tarefa de zelar pela paz doméstica. Tibério, este era o seu nome, havia notado o problema com Luciano, tendo ido até Robério para informá-lo sobre o que se passava. Tibério estava sorridente e falou:

- Que bom que chegaram! A família está por se recolher, para uma noite de descanso.

Robério, muito seriamente, indagou ao “zelador”:

- Os obsessores estão na casa? Não sinto presenças desequilibradas!

E teve como resposta:

- Ainda não! Eles chegam normalmente depois da meia-noite, quando todos já estão dormindo.

Então, adentramos o lar. Notamos que a esposa terminava de lavar a louça do jantar. O pai assistia televisão e o garoto o acompanhava. Depois de um tempo, quase todas as luzes da casa foram apagadas. Pudemos ouvir o jovem Luciano protestar que não queria dormir, porque tinha medo dos sonhos ruins voltarem. O pai lhe disse para rezar ao seu anjo de guarda e não temer. O menino foi para o seu próprio quarto, acompanhado pela mãe, que o ajudou a fazer uma oração. Em seguida, o lar silenciou-se.

Eu, Robério e Tibério ficamos na sala da residência por um tempo, aguardando os acontecimentos. Em breve, todos já dormiam. Passei em frente à porta entreaberta do quarto de casal, e achei interessante que a mãe do menino flutuava fora de seu corpo, dormindo no Mundo

Astral. Já o marido, ele estava razoavelmente encaixado no veículo denso. Robério, sentindo a minha curiosidade sobre o fenômeno, comentou:

- Isto é natural, Guardiã! Enquanto o corpo carnal descansa, o espírito se liberta!

Em seguida, eu disse ao chefe da Triagem:

- Eu sei disso, Robério. Estudei essa questão no treinamento. Mas assistir isso aqui, na Terra, é muito interessante. Dá a impressão de que o corpo material é basicamente como uma máquina, e o espírito é o operador.

- É uma boa comparação, Guardiã. Mas, acompanhe-me até o quarto de Luciano.

Lá chegando, vimos o garoto dormindo. Uma de suas pernas era defeituosa, mas isso não o impedia de andar razoavelmente bem. Ele mancava no dia a dia, segundo Robério, o que o fazia ser alvo de piadas na escola. Luciano dormia tranquilamente, mas Robério pediu-me atenção para a cabeça da criança.

- Veja, Guardiã, os fios escuros que saem do crânio de Luciano. É através desses laços magnéticos, que seus perseguidores estão tentando intensificar o processo de retirada de bioenergias.

Logo a seguir, Tibério adentrou o quarto, avisando que os obsessores haviam chegado. Em poucos instantes, eles invadiram o cômodo gargalhando. Não conseguiram nos ver, pois mantínhamos nossos veículos astrais num padrão vibratório mais elevado. Rapidamente, o sono de Luciano passou a ser agitado. O menino, antes imóvel na cama, agora fazia alguns movimentos bruscos. Sua alma sentia a presença negativa dos visitantes indesejados.

10- ASSÉDIO EM AÇÃO

Ficamos a observar o que faziam os dois seres umbralinos. Um tomou a dianteira, tocando as têmporas de Luciano. Era nítido que ele absorvia energia vital do garoto, que agora se agitava mais. O segundo assediador, então, foi pelo outro lado da cama e deitou-se ao lado do menino. Em seguida, encostou a sua cabeça no crânio de Luciano. A cena era desagradável. Estávamos assistindo a uma espécie de parasitismo. Recordei da minha última vida terrena, quando era médico, e lembrei-me de vários casos em que o ser humano é parasitado por outras espécies, de várias classes taxonômicas. Mas, ali, eu estava assistindo a um parasitismo de uma pessoa por outras duas: um jovem encarnado, por dois homens sem corpo físico. Aquilo me incomodou bastante. Então perguntei, um tanto angustiado:

- O que podemos fazer para impedir isso?

Robério respondeu:

- Calma Guardião. Eu, que fui pai dele e ainda me sinto nesta condição, estou instruído a fazer uma tentativa de intervenção e conto com vocês. Vamos irradiar sobre eles uma energia associada ao perdão. Estes dois assediadores foram prejudicados por Luciano num tempo antigo. Encontraram-no agora e querem vingança. Podemos, através da irradiação no sentido de perdoar, promover um início de transformação no sentimento dessas duas entidades.

- Mas, como fazer isso? Não sou muito bom neste tipo de ação! – coloquei, um pouco aturdido.

Robério orientou a mim e a Tibério, da seguinte forma:

- Procurem lembrar da sensação que tiveram, em algum momento de suas vidas, quando foram perdoados por algum equívoco. Pode ser qualquer fato vivido por vocês. Evoquem as lembranças e o sentimento de alívio por terem sido perdoados.

Dito isto, pusemo-nos em concentração. Lembrei-me automaticamente de uma travessura que havia feito quando criança, na minha última vida terrena. O que fiz deixou minha mãe muito triste e eu com remorsos. Quando recebi o perdão da minha mãe, toda a angústia que vinha sentindo, foi retirada como mágica. Foquei a mente na minha genitora, que tão generosa sempre fora comigo. Ela era minha inspiração e, assim, estendi as minhas mãos para os seres amontoados naquela cama.

Senti um forte influxo de energias passar através de mim. Notei que Tibério irradiava

uma luz de boa intensidade, melhor que a minha. Mas, a corrente energética mais intensa vinha através das mãos de Robério. Ele era superior a nós.

Depois de um tempo, Luciano e seus perseguidores estavam no meio de uma nuvem de vários matizes luminosos, que não podiam enxergar. Robério interrompeu a irradiação e fez um sinal para que parássemos também.

Os seres sombrios haviam reduzido a volúpia com que absorviam as bioenergias de Luciano, mas ainda permaneciam no processo, como parasitas. No entanto, haviam deixado de gargalhar. Então, Robério tornou a falar conosco:

- Infelizmente se confirma o que já havia me sido relatado. São entidades muito endurecidas e impermeáveis ao perdão. As ideias deles são fixas na vingança contra o menino. Precisaremos agir de outra forma, para que a programação pré-reencarnatória de Luciano não se perca.

Em seguida, o garoto despertou chorando alto. Logo sua mãe entrava no quarto, acendendo a luz e dizendo:

- O que foi meu filho? Pesadelos de novo?

Os obsessores desgrudaram do jovem e voltaram a gargalhar. O abraço da mãe envolveu a criança numa aura de tons rosados e dourados. O amor da genitora era sincero e profundo, funcionando como uma energia protetora. A dupla de seres sombrios começou a evadir-se do lugar e, entre as risadas estrepitosas, era possível ainda ouvir um deles a dizer:

- Voltamos amanhã, na mesma hora, para continuar nosso trabalho...

11- CAPTURA DOS ASSEDIADORES

No dia seguinte, por volta do mesmo horário da Terra, retornamos à residência de Luciano. Mas agora, éramos eu, Robério, Tibério e mais quatro guardiões. Havia um plano, em duas etapas. Na primeira etapa, eu, Robério e Tibério agiríamos dentro da casa. Se funcionasse bem, os quatro guardiões não teriam muito trabalho na fase seguinte. Estes quatro já desceram de nosso Posto, usando uma “densidade vibratória” significativa, o que permitiria aos assediadores verem a eles. Ou seja, seus corpos astrais estavam tão densos quanto o dos perseguidores do menino. Assim, permaneceriam fora da residência, nas imediações, aguardando os acontecimentos.

Então, esperamos os moradores irem repousar e nos pusemos de prontidão. Tibério ficou na entrada, por onde os obsessores costumavam entrar no lar. Robério postou-se em frente à cama de Luciano, próximo à porta do quarto. Eu fiquei de pé, no lado esquerdo do leito do garoto.

Tudo estava em silêncio, já há algum tempo, quando foi possível ouvir as gargalhadas das entidades ao longe. Logo Tibério apareceu na entrada do quarto, para confirmar a aproximação. Em seguida Robério concentrou-se, assimilando as bioenergias do ambiente terreno, densificando seu veículo astral. Desta forma, quando os obsessores atingiram a entrada do quarto, pararam bruscamente. Um deles, o mais atrevido, falou:

- Epa! Tem alguém invadindo o nosso pedaço. Pode ir saindo, que esta carne é nossa!

Robério, impassível, retrucou firmemente:

- Irmãos! Ninguém pertence a ninguém! A criança que dorme, merece a liberdade de viver em paz.

- O quê?! – respondeu o líder – Quem é você para se intrometer na nossa vingança?

E Robério esclareceu:

- Conheço a história de vocês todos. Sei que o espírito de Luciano é devedor de vocês. Por isso, e por outras razões, o garoto retornou como médium. Ele poderá, num futuro breve, beneficiar a vocês, se tiverem um pouco de paciência.

As duas entidades, ouvindo as palavras de Robério, revoltaram-se. Gritaram vários palavrões e disseram que não tinham mais tempo a perder. No entanto, o chefe da Triagem desejava argumentar mais:

- Irmãos, sei dos sofrimentos que passaram e da revolta com os erros de Luciano. Estou aqui para propor um acordo com vocês. Garanto que terão muito mais a ganhar...

O obsessor mais malicioso, demonstrando algum interesse, perguntou com ironia:

- O que você vai nos dar em troca? O que é melhor do que a vingança?

Robério, então, colocou diversas vantagens que as duas entidades teriam, se aceitassem ir para a sua instituição no Astral, onde teriam cuidados especiais e instrução. Disse-lhes que lá não sentiriam fome e sede, acrescentando que um futuro bem melhor seria preparado para eles.

Eu permanecia invisível, à esquerda do garoto, que dormia um sono razoavelmente tranquilo. Notei que os assediadores, na realidade, não prestavam grande atenção às palavras de Robério. Estavam, de fato, avaliando como atacar o meu amigo, para afastá-lo e poderem “vampirizar” Luciano.

E o ataque não demorou. De súbito, avançaram na direção de Robério. Então, o chefe da Triagem rapidamente lançou um escudo luminoso à frente, barrando a progressão das entidades. Os dois seres passaram a gritar toda sorte de improperios. Conforme esbravejavam e gesticulavam, massas de energia escura brotavam deles, pressionando o escudo de Robério. Eu estava assistindo uma batalha de trevas contra a luz.

Após um momento de impasse, resolvi agir do jeito que eu estava acostumado. Densifiquei-me, captando ao máximo as bioenergias do ambiente terreno. Eu ia dar uma boa lição nos dois abusados. Evoquei sentimentos instintivos de combate, entrando inesperadamente numa espécie de transe primitivo. Quando dei por mim, eu grunhia como um animal.

Os obsessores, notando a minha presença desavisada a uma certa distância, bateram em retirada. Robério baixou seus braços, deixando de emitir o escudo protetor. Fui atrás dos assediadores, que corriam assustados pelo quintal da casa. Persegui a eles por uma rua lateral até que, numa grande encruzilhada, os quatro guardiões os capturaram. Eles haviam sido avisados por Tibério.

Finalmente relaxei, enquanto assistia aos obsessores serem levados pelos meus companheiros de falange. Tibério, agora, se acercava de mim. Ele estava sorridente e me disse:

- Guardião, bela fantasia você arrumou hein?

Então, olhei para meus braços, tórax e pernas. De alguma maneira, minha forma astral estava animalesca. Eu não havia planejado nada, mas, das profundezas da minha mente, havia emergido um bicho. E indaguei a Tibério, enquanto meu corpo perispiritual retornava paulatinamente ao normal:

- Você gostou Tibério?

E o zelador daquela família respondeu:

- É, foi diferente. Não é todo dia que a gente encontra com um lobisomem!

12- EXPLICAÇÕES

Depois da captura, retornei com Robério para o nosso Posto. Tibério continuou no Plano Terreno, zelando pela família que lhe fora confiada. Meus quatro companheiros de falange levaram os dois assediadores para uma região do submundo astral. Era uma localidade que funcionava como prisão, pois era cercada por barreiras magnéticas instaladas por guardiões específicos. Os dois perseguidores de Luciano, por não terem aceitado a oferta de Robério, teriam que ficar lá de modo que não atrapalhassem a programação de vida do jovem, na fase em que estava. E sobre isso, Robério, seu antigo genitor, esclareceu:

- Guardiã, vejo que tem uma curiosidade sadia. Então, vou lhe passar alguns pormenores deste caso. Luciano não poderia ser mais atacado, como vinha sendo, porque ainda é muito jovem e, neste período, a formação de seu caráter seria baseada no medo. Assim, aflorariam as fraquezas alimentadas em vidas anteriores e ele tenderia, novamente, a usar drogas para fugir de seus problemas.

- Entendi, Robério. Mas, quanto tempo os obsessores ficarão presos? – indaguei, na sequência.

O chefe da Triagem respondeu:

- Guardiã, aquele lugar não é exatamente uma prisão. É um espaço amplo como uma cidade, mas que possui barreiras vibratórias. Lá, como você já deve imaginar, vivem muitas almas afins, burilando-se entre si, através de suas tendências desequilibradas. Eles simplesmente não encontram saída, mas, de tempo em tempo, aqueles que precisam sair, em conformidade com a Lei Maior, encontram brechas. Isto é o que acontecerá com os dois espíritos que odeiam Luciano.

Ouvindo esta revelação, não me contive e perguntei:

- É possível prever quanto tempo eles ficarão lá?

Robério, olhando para o vazio, como a prever o futuro, colocou:

- Guardiã, eles ficarão tolhidos naquela localidade por algo em torno de sete anos terrenos.

Logo voltei ao inquérito:

- Então, eles tornarão a procurar Luciano?

- Muito provavelmente... – respondeu meu amigo, com uma certa expressão de tristeza.

- E o que sucederá, Robério? – inquiri de bate-pronto.

Pacientemente, o chefe da Triagem esclareceu:

- Guardiã, não é possível saber ao certo. Porém, é provável que tentarão continuar com o projeto de vingança. No entanto, encaminharemos Luciano a um centro espiritualista, para que desenvolva a sua mediunidade. Através dela, Luciano poderá ajudar espíritos desarmônicos, inclusive seus dois perseguidores, reparando alguns desvios do passado.

Raciocinei com calma e assinalei:

- Muito interessante este plano, Robério. Estou entendendo... , então o jovem terá mais ou menos 17 anos de idade, já não sendo uma criança...

Interrompendo-me, Robério comunicou:

- Sim, Guardiã. Mas, há muita imaturidade na alma de Luciano. O processo de educação dele deverá ser cuidadoso, para que não volte a falhar. Seus próprios desafetos, mais à frente, no reencontro, funcionarão como um teste na vida. E isto faz parte de seu caminho de aprendizado...

Havendo um intervalo natural em nosso diálogo, o chefe da Triagem aproveitou o momento e me disse:

- Guardiã, você fez muitas perguntas hoje. Portanto, agora é a minha vez. Você entendeu de que maneira transformou-se naquele “bicho”, lá na casa de Luciano?

Fiquei surpreso com a questão colocada, mas respondi que foi do mesmo jeito que aprendi no treinamento, ou seja, usando a força da mente e assimilando as energias do ambiente, para densificar-me. Após minha explicação, o meu amigo espiritual ficou um tempo me olhando de uma forma estranha, até que falou:

- Guardiã, não foi só isso. Você estava do lado de Luciano. Inconscientemente, você utilizou uma boa quantidade de bioenergias do garoto, para a transformação perispiritual e para a densificação. Você, Guardiã, tem grande afinidade com Luciano. Está na hora de você saber mais coisas...

13- O PASSADO SE REVELA

Fiquei atônito com as palavras de Robério. Eu confiava muito nele e, na realidade, ultimamente vinha aprendendo bastante em sua presença. Mantive-me quieto, aguardando as revelações que o chefe da Triagem tinha para me fazer. Talvez pelo meu olhar curioso e, de certo, ansioso, ele sorriu e disse:

- Guardião, num passado relativamente distante, você e Luciano viveram juntos na Terra. Aprenderam artes divinatórias e magia. Foram duas vidas consecutivas em que erraram juntos, prejudicando outras almas.

Após um intervalo continuei quieto, aguardando seu relato e mais detalhes. Meu amigo prosseguiu:

- Veja você como a vida é. O mundo gira; pessoas desencarnam; reencarnam próximas ou distantemente; falecem mais uma vez, alimentando um ciclo contínuo, até que ocorrem reencontros. Sinta-se feliz por isso, Guardião. Vocês erraram juntos, mas, agora, podem acertar juntos.

Mantive-me calado por um tempo, pois não estava entendendo completamente o que Robério explicava. Mas, ele voltou a falar:

- Talvez você ainda não tenha compreendido tudo, Guardião. Você entendeu?

Apenas balancei a cabeça negativamente. Assim, Robério arrematou:

- Meu caro, estou falando sobre mediunidade. Você tem afinidade com Luciano, que reencarnou com a programação de ser médium atuante. Portanto, você é candidato a ser uma entidade de trabalho, através das bioenergias do jovem, lá no ambiente terreno.

Confesso que fiquei muito surpreso, com tudo o que o antigo genitor de Luciano acabara de me transmitir. Eu estava feliz, mas confuso. Eu já tivera informações sobre mediunidade, durante meu treinamento básico para ser um guardião. Inclusive, já havia visitado o Mundo Terreno, em outras oportunidades, para assistir a sessões mediúnicas de vários tipos. Mas, não imaginava que eu teria esta chance de atividade, nem estava preparado para isso.

- E então? – inquiriu Robério, esperando uma manifestação minha.

A seguir, respondi com outra pergunta:

- Robério, isto é uma proposta de trabalho?

A resposta foi logo proferida, pelo meu interlocutor:

- Sim, meu caro. Na vida nada é por acaso. Nós mesmos já nos conhecemos de antigos tempos. Você não recorda ainda, mas eu pude acessar parte do meu passado. E você faz parte do meu passado e deste momento presente.

Eu, que já estava atordoado, aprofundei meu estado de surpresa. Ali, naquele instante, estava tendo certeza de quanto eu era ignorante. Mas, Robério me chamou à realidade:

- E então, Guardiã?! Você não respondeu à proposta...

Saindo do torpor, me manifestei:

- Aceito, Robério! Mas, eu não sei praticamente nada sobre mediunidade. Apenas entendo um pouco da teoria.

Com a minha aceitação, Robério adiantou-se e me deu um abraço. Eu estava feliz e, agora, mais atônito ainda, pois durante seu sincero abraço, minha mente retornou a um passado remoto. Vi-me no colo de meu pai, num tempo há muito esquecido. Robério havia sido meu pai...

Emoções afloraram e eu fiquei entre o passado e o presente. Havia uma espécie de fusão entre o que havia ocorrido e o agora. Percebendo a minha confusão, Robério colocou:

- Guardiã, vá para o seu alojamento. Você precisa meditar sobre isso tudo. Depois nos encontramos para outros esclarecimentos.

14- ESCLARECIMENTOS E PLANOS FUTUROS

Quando tornei a encontrar Robério, contei-lhe minha visão durante o abraço, na última oportunidade em que estivemos juntos. O chefe da Triagem, então, comentou:

- É isso mesmo, Guardiã. Fico feliz em saber que a sua mente já está se abrindo para o passado. Fui seu pai, numa vida há alguns séculos terrenos, quando Luciano era seu irmão.

Ouvindo isso, senti-me animado a obter mais informações:

- Robério, eu gostaria de saber mais sobre esta vivência. Basicamente recordo de estar no seu colo, como um garoto de talvez cinco anos de idade. Tive também o retorno de alguns sentimentos, mas, foi só.

Ele colocou em seguida:

- Guardiã, não se preocupe com isso agora. Mais informações virão à tona, nos seus momentos de descanso e meditação. Pratique olhar mais para dentro de você e, assim, reassumirá as memórias mais importantes para a sua jornada atual.

Depois dessas palavras, pensei em insistir um pouco mais em conhecer sobre o passado. No entanto, compreendi que ele estava certo. Além disso, ele não me deu muito tempo para refletir, logo salientando:

- Guardiã, o que mais importa agora é você tomar uma decisão. Entendi que aceitou realizar uma tarefa mediúnica através de Luciano. Você tem certeza disso?

- Sim Robério! – respondi rapidamente – E confesso que estou muito interessado nesse assunto da mediunidade.

A reação do chefe da Triagem foi imediata:

- Ótimo, Guardiã! Sendo assim, conversarei com o comandante da sua falange. Vou solicitar que você faça um outro tipo de treinamento.

- E qual é esse treinamento? – perguntei, curioso.

- Ora, Guardiã, terá que compreender melhor o que é a mediunidade e como se dá o intercâmbio entre os Mundos Físico e Espiritual. Você terá que fazer um curso básico, que é mais teórico, e um curso avançado, que conjuga a teoria e a prática. – explicou Robério, sorrindo largamente em seguida.

Fiquei entusiasmado com a oportunidade, mas preocupei-me com as minhas atividades ordinárias de guardião, junto a minha falange. Assim, indaguei:

- Robério, terei que me afastar de minhas tarefas atuais?

Ele esclareceu:

- Não, meu caro, você irá reduzir um pouco as suas atividades, para fazer estes novos aprendizados, que na realidade serão muito úteis na sua função atual.

Gostei da resposta do chefe da Triagem, mas pensei brevemente também no meu desejo de atuar como médico. Então, Robério, captando meu fugaz pensamento, colocou:

- Guardiã, você foi médico na sua última existência terrena. Hoje, age aqui como “policia” em boa parte das vezes, e em outras oportunidades, como “enfermeiro”. Mas, eu tenho uma boa notícia para você...

O silêncio de meu amigo, após a fala interrompida por ele mesmo, deixou-me expectativas. O que me contaria? Aguardei ansioso, enquanto ele me observava com um meio sorriso nos lábios, até que comunicou:

- Guardiã, ao aprender sobre mediunidade, você não descobrirá apenas como intercambiar ideias, mas, sobretudo, vai entender sobre troca de energias e o fluxo delas pelos veículos físico e o astral. E isto é a base da medicina espiritual. Então você poderá, no futuro, atuar como médico aqui no Mundo Extrafísico.

Sorri, muito feliz, com a boa notícia. Mas Robério logo arrematou, antes que eu perguntasse a respeito:

- Contudo, Guardiã, o tempo para isso ocorrer dependerá da sua dedicação...

15- DETALHAMENTO DOS PLANOS FUTUROS

Robério havia me chamado. Existiam novidades, após uma conversa do chefe da Triagem com o comandante da minha falange. Logo que cheguei, meu amigo pediu-me que sentasse a sua frente, junto a uma extensa mesa. A seguir, ele mesmo sentou-se e disse:

- Guardiã, acertei tudo com o responsável pelas suas atividades atuais. Ele ficou bem interessado em ter mais um que esteja apto a atuar, também, no campo mediúnico.

Sorri, satisfeito, com a informação. Mantive-me, contudo, em silêncio, de modo que Robério fornecesse mais detalhes sobre o futuro. E ele continuou:

- Guardiã, depois dos cursos que realizar, você trabalhará mediunicamente através de alguns médiuns, para que desenvolva suas habilidades no intercâmbio.

Permaneci prestando muita atenção, sem interromper o chefe da Triagem. Eu queria saber mais, e assim, ele prosseguiu:

- Depois de cerca de sete anos terrenos, estará pronto e apto a ser o guardião principal de Luciano. Você sabe que esta tarefa é de muita responsabilidade, não sabe?

- Sim, Robério. – respondi prontamente – E tenho preocupação em não ser bom o suficiente. Mas, não tenho receio de tentar. Se eu não estiver à altura deste serviço, aceito ser substituído sem qualquer reclamação.

- Guardiã, muito me anima sua boa disposição. Você não seria chamado a esta tarefa, se não tivesse bom potencial. Tudo dependerá da sua dedicação.

Fiquei quieto, após as últimas palavras de Robério. Quando ele falou em dedicação, veio-me à memória a minha falha como médico no Mundo Físico. Na realidade, eu havia perdido o foco da profissão, deixando-me levar pela bebida e pelos prazeres sensuais. Então, meu amigo chamou-me de volta ao presente:

- Meu caro, lembrar-se dos desvios só é útil para reforçar a sua vontade em acertar. Vamos planejar os acertos! Você quer saber quem provavelmente será seu primeiro médium?

- Mas claro, Robério! – respondi curiosamente – E eu nem imaginava que já havia alguém para fazer esta parceria comigo. Quem é o indivíduo? Quando o conhecerei?

O chefe da Triagem explicou:

- Guardiã, quem deverá aceitar esta tarefa contigo é uma tia de Luciano. O nome dela é

Sara, tratando-se de uma médium bastante equilibrada de um centro de Umbanda. Já conversei com o mentor dela, que concordou com este auxílio de sua pupila em relação a ti. Falta, apenas, que a própria médium aceite e entenda a sua aproximação, para seu aprendizado prático, após os cursos que você realizar.

- Mas Robério, como ela poderá saber disso tudo e decidir se vai querer de fato cooperar? – indaguei, um pouco inseguro.

- Meu caro, vamos entrar em contato com ela, durante um desdobramento espiritual da médium. Ela estará lúcida, fora do seu corpo físico, e nos comunicaremos diretamente desta forma.

Fiquei muito feliz com todas as notícias apresentadas. No fundo, estava também ansioso, tanto para conhecer Sara, como para iniciar os estudos mediúnicos programados.

16- O ENCONTRO COM SARA

A noite estava chegando sobre o lar de Sara. Eu, Robério e Anastácio (mentor da jovem senhora) já esperávamos a oportunidade de conversarmos com a médium. Enquanto os afazeres domésticos perduravam, Anastácio explicava-nos um pouco sobre a vida de Sara. Pude admirar as vitórias que ela vinha tendo, dividindo-se entre o trabalho de criação de um filho, entre as atenções dadas a um marido exigente e, ainda, com relação ao zelo a sua tarefa mediúnica nos finais de semana. Após estas informações, Anastácio, que guardava a aparência de um antigo escravo negro, que fora no Brasil Colonial, colocou:

- Companheiros, vocês já sentiram que o clima geral doméstico é bom. Aqui há a necessária harmonia, que possibilitará o nosso encontro com Sara, depois que todos se recolherem para o descanso noturno.

Robério, que também já conhecia aquele lar, e ao próprio Anastácio, agradeceu a acolhida e a colaboração com relação aos planos futuros, que envolvia a mim, à Sara e ao seu sobrinho, Luciano. Em seguida, Robério deu ênfase a um aspecto:

- Anastácio, na sua comunicação mais tarde com Sara, será importante deixar claro a ela, que tudo isso terá como foco central, o desenvolvimento mediúnico vindouro de seu sobrinho Luciano. Ela tem muito carinho pelo jovem e isto facilitará as coisas.

- Sim, Robério. Não se preocupe. – respondeu o mentor de Sara – Se ela não registrar perfeitamente todas as informações hoje, ao longo do tempo retornaremos mais vezes, até que ela entenda tudo conscientemente.

Fiquei na expectativa dos acontecimentos. Eu não teria grande participação neste evento, já que ainda não tinha experiência na questão da chamada “projeção astral” ou “desdobramento espiritual”.

Não demorou muito e a casa já estava silenciosa. Adentramos o quarto do casal. Sara e o esposo dormiam profundamente. Ela (seu veículo astral) flutuava próximo ao corpo denso, em sonolência. Seu esposo também tinha o corpo astral fora da matéria, dormindo junto ao solo. Anastácio, com delicadeza, segurou num dos braços sutis da médium, levando-a para o quintal. Eu e Robério os seguimos de perto.

Uma vez lá fora, Anastácio despertou-a:

- Sara! Sara! Acorde minha filha! Sou eu!

A médium, aos poucos, ia abrindo os olhos perispirituais. Parecia confusa, falando algumas coisas sem muito nexo. Ela estava imersa num processo onírico, muito comum, denunciado pelas suas palavras:

- Meu filho, você já resolveu sua lição de casa?

Então, a um sinal de Anastácio, Robério se aproximou e aplicou uma irradiação sobre a cabeça de Sara. O magnetismo de Robério logo surtiu efeito e a sensitiva já apresentava melhor lucidez, pois disse:

- Pai Anastácio, que bom ver o senhor! Me traz alguma mensagem?

- Sim, minha filha! – respondeu o atencioso preto velho – Trouxe alguém para você conhecer. Robério, você já conhece! Mas temos aqui, hoje, este companheiro que precisa da sua ajuda.

Aproximei-me de Sara, ficando bem a sua frente. Ela sorria simpaticamente. Respondi, também, com largo sorriso. A seguir, Anastácio explicou resumidamente a minha situação, quando eu deveria, no futuro, ser uma entidade de trabalho estreitamente vinculada a seu sobrinho Luciano. Ela pareceu compreender razoavelmente a questão, mas quis detalhes, colocando-se da seguinte forma:

- Com muita honra, Pai Anastácio, serei médium para este guardião, até que ele esteja bem preparado para trabalhar com Luciano. Mas, ele vai substituir o meu guardião atual?

Então, Anastácio esclareceu:

- Não, minha filha. Este nosso irmão vai fazer a tarefa inicial de limpeza. Ele vai passar por você, no início dos trabalhos mediúnicos, e em seguida, o seu bom e velho companheiro assumirá o restante da tarefa.

Ela pareceu compreender, pois balançava positivamente a cabeça. Deste modo, Anastácio complementou:

- Mais à frente, depois de um tempo treinando através de ti, é que este guardião irá falar pela sua boca, em algumas oportunidades. Por enquanto, ele vai somente atuar no “descarrego”.

- E daqui há sete anos aproximadamente, você terá oportunidade de levar Luciano a conhecer o centro onde você labuta. – terminou a orientação, o guia de Sara.

Em seguida, Pai Anastácio aproximou-se de sua médium, dando-lhe um abraço. Colocou uma de suas mãos nas costas da sensitiva, levando-a para o interior da residência.

Acompanhamos de perto e vimos quando ele ajudou-a no reencaixe em seu corpo físico, induzindo a um despertar.

Logo Sara abriu os olhos materiais e, excitada pela vívida e inesperada experiência, catucou o marido, até que ele acordasse sonolento. E ela prontamente lhe disse:

- Marcelo, sonhei com Pai Anastácio! Ele me mostrou um espírito diferente, que vai incorporar em mim lá no centro!

- Tá bom, mulher. Já entendi! Preciso dormir agora! – resmungou o marido.

- Marcelo, me escuta! E este espírito vai trabalhar através do Lucianinho, daqui há alguns anos. – acrescentou Sara, de forma ansiosa.

Está bem, Sara, amanhã você me conta mais... – finalizou o diálogo, o esposo da médium.

17- PROJEÇÃO ASTRAL

Fiquei feliz por notar que Sara havia entendido a mensagem e por ter concordado em ajudar-me no aprendizado mediúnico. Entretanto, de volta ao quintal da casa da médium, expressei uma dúvida:

- Ela compreendeu tudo, já na primeira tentativa! Foi um golpe de sorte? Ou isto ocorre com mais frequência?

Anastácio, que tinha larga experiência em desdobramentos espirituais, explicou:

- Guardião, a lembrança do que os encarnados fazem fora do corpo físico é, muitas vezes, reduzida. O caso de Sara é uma das raras exceções, pois ela já tinha uma predisposição, adquirida em vidas anteriores. Além disso desenvolvi, junto com ela, uma forma de ação que facilita a recordação das atividades no Astral.

Como eu devo ter olhado Anastácio, com certa perplexidade, ele complementou:

- Meu caro, a forma de ação a que eu me referi, foi o que você acompanhou. Passo uma mensagem relativamente curta e objetiva para Sara, levando-a logo em seguida ao veículo material e a induzo ao despertar. Assim ela, em boa parte das vezes, rememora bem as instruções. De outra maneira, ela poderia retornar a sonhar e provavelmente os conteúdos estariam perdidos, total ou parcialmente.

Então, após um intervalo de Pai Anastácio, Robério comentou:

- Seria muito interessante se a humanidade, numa escala maior, pudesse ter a competência em realizar incursões lúcidas no Astral, adquirindo conhecimentos além do que é vulgarmente divulgado no Plano Físico.

O guia de Sara sorriu para Robério e falou:

- Companheiro Robério, o desdobramento espiritual é uma conquista individual. Conforme a consciência do ser se expande, seus horizontes se alargam...

Então, arrisquei uma pergunta:

- E quando a humanidade, como um todo, vai adquirir esta habilidade? Faltam muitos séculos terrenos?

Pai Anastácio, a seguir, esclareceu:

- Guardião, sei que há um planejamento, em dimensões mais sutis, de promover uma grande divulgação desse tema das “experiências fora do corpo” lá na Terra. Mas, para isso, já está em andamento um treinamento de muitos espíritos neste assunto. Eles vão reencarnar nos próximos anos. Estes seres já tiveram bom desenvolvimento na arte de explorar o Astral, em suas vidas progressas. Terão oportunidade, uma vez encarnados, de praticar a projeção astral, sentindo também o impulso em divulgar e ensinar, de diversas formas, o fenômeno para aqueles menos experientes na questão.

Fiquei muito interessado naquilo que revelava o bom Anastácio. Assim pedi que explicasse, se possível, os objetivos gerais deste planejamento. E ele assinalou:

- Guardião, hoje o planeta já experimenta uma onda crescente de materialismo, que oprime a sociedade. As próprias religiões e doutrinas filosóficas que apontam para a continuidade do espírito humano, além túmulo, estão passando por um processo de deterioração, causado por interpretações radicais diversas. Duvida-se de tudo e, mais à frente, isto tende a se expandir. Então, é importante que cada ser humano encarnado possa ter uma experiência mais direta com aquilo que transcende à matéria. A projeção astral é uma porta que se abre. Aqueles que se dedicam a ela, não terão outros intermediários humanos, corrompidos por desejos egoísticos, a tentarem desviá-los da realidade além do Mundo Físico.

Quando o guia de Sara terminou sua explanação, sentia-me feliz. Aquilo que ele falou foi inspirador. Embora eu não pudesse vislumbrar com grande clareza, naquele momento, as amplas possibilidades da viagem extracorpórea para a humanidade, senti que isto seria muito importante no futuro...

18- APRENDENDO SOBRE MEDIUNIDADE

Um tempo depois, iniciei meu curso básico sobre mediunidade. As aulas eram ministradas por professores experientes no assunto, que conheciam com profundidade a teoria do intercâmbio, bem como a prática. Eram espíritos que sabiam os mecanismos energéticos, mas também já se utilizavam de médiuns encarnados, há algum tempo. As aulas consistiam de palestras, acompanhadas por imagens explicativas, projetadas numa imensa tela. Aliás, o recinto deste curso era um amplo teatro, de cidade espiritual relativamente distanciada do Mundo Físico, num nível vibratório mais sutil do que o Posto de Atendimento, minha base de trabalhos próxima à frequência energética terrena.

Naquele teatro cabia muita gente. Os alunos regulares do curso somavam pouco mais de 200 indivíduos, mas, volta e meia, haviam “alunos extras”, provenientes da própria Terra. Estes últimos eram médiuns encarnados em desdobramento, a maioria trazidos por amigos espirituais, no intuito de aprenderem sobre mediunidade, assim como desenvolverem aspectos da viagem astral.

Ali aprendia muito, pois, na realidade, eu não tivera qualquer contato com o tema “mediunidade” na minha última existência material. Eu sabia que, em vidas antigas, havia exercido atividades relacionadas ao intercâmbio mediúnico, mas isto estava embotado no fundo da minha mente espiritual. Portanto, precisava reaprender o básico, para depois dar mergulhos mais profundos.

Fiquei feliz, no intervalo da primeira aula, em rever Lourdes, a minha parceira de excessos na última encarnação. Eu soubera, anteriormente, que ela estava se preparando para ser uma guardiã, mas não tinha conhecimento de que também enveredaria pelo campo da mediunidade. E naquele momento, abordei-a:

- Lulu, fico feliz em vê-la aqui! Quais são seus planos?

Recebi como resposta:

- Meu querido, não vou trabalhar somente nas áreas umbralinas. Precisarei descer à Terra, com regularidade, para realizar tarefas através da mediunidade.

Então coloquei a Lourdes, que agora estava remoçada, o seguinte:

- Mas isto é incrível! Parece que temos uma programação semelhante!

A bela senhora, na sequência, respondeu-me um tanto preocupada:

- Guardiã, tenho esperanças com relação a tudo o que está sendo planejado. É para o meu bem, mas, duvido um pouco de minhas forças...

- Não Lulu! – retruquei – Vamos pensar positivamente. O treinamento será longo e confio que ficaremos bem preparados.

Ela sorriu timidamente, ao ouvir meu ponto de vista, e eu voltei a falar:

- Lourdes, você já sabe em que tipo de instituição vai trabalhar no Plano Terreno?

Prontamente ela explicou:

- Sim, Guardiã! É uma casa umbandista.

Não me surpreendi com a informação e comentei:

- Parece que os nossos caminhos estão entrelaçados, ou, pelo menos, estão em paralelo. Também estou me preparando para labutar na Umbanda.

Em seguida, soou um sinal e nos posicionamos para a continuidade daquela primeira aula.

NOTA DO MÉDIUM – Gostaria de deixar registrado um fato curioso, no dia em que foi psicografado este capítulo (5 de janeiro de 2014). Eu estava na casa da médium e amiga Tetê Souza e era um domingo bastante quente de verão. Assim, todos na residência foram dormir no cômodo que tinha o melhor aparelho de ar condicionado. Tetê estava em sua cama, já dormindo. Eu localizava-me acomodado num colchonete em frente à cama dela, enquanto que Fabíola (filha de Tetê) estava num outro colchonete à esquerda do leito da mãe. Era mais de meia-noite e, como havia se aproximado de mim inesperadamente o Guardiã, com a intenção de psicografar, eu dialogava mentalmente com ele. Estava preocupado em me levantar e acabar acordando as pessoas do quarto. No entanto, ele insistia, dizendo que o momento era propício, pelo silêncio e energia positiva na casa. Permaneci deitado por uns minutos naquele impasse até que cedi e concordei, comunicando-lhe que iria me levantar, assim que eu lembrasse onde poderia pegar papel e caneta, sem incomodar os demais. Pensei um pouco e recordei onde teria o necessário, planejando descer devagar pela escada até o térreo, indo para um escritório no quintal da residência. Quando ia me erguer do colchonete, Tetê Souza despertou e sentou-se abruptamente na cama, falando: “Pablo tem um homem aí flutuando em cima de você! Veja o que ele quer contigo!” Respondi a ela que era o Guardiã e que ele queria psicografar. Expliquei que eu iria descer para realizar a tarefa. Em seguida, Tetê, meio sonâmbula, perguntou se a sua filha já estava deitada. Ela própria (Fabíola) respondeu, pois ainda não havia pegado no sono. Tetê, imediatamente, deitou-se novamente e dormiu. No dia seguinte indaguei se ela recordava alguma coisa. Ela respondeu que lembrava da entidade, descrevendo-a como parecida com um conhecido nosso, de origem portuguesa. Usava uma boina branca na cabeça e aparentava cerca de 50 anos de idade. Explicou que ela o via somente da cintura para cima, com uma vestimenta branca., flutuando em círculos sobre mim. Esta foi a única vez que o Guardiã foi visto com sua forma original de médico. Nas oportunidades que eu o encontrei no Astral, durante projeções astrais, apenas pude vê-lo com a aparência que assume nos trabalhos umbralinos.

19- SÍNTESE DA PRIMEIRA AULA

Depois do intervalo, tivemos o restante da primeira aula. Ao final, fiquei bastante interessado em aprofundar os conhecimentos sobre os centros de energia (chacras) do corpo humano. Suas conexões com os órgãos físicos, muito me impressionaram! Eu bem entendera, através dos estudos médicos terrenos, no passado, o funcionamento desses elementos físicos. Agora, abriam-se novos horizontes. Antes eu tinha a visão estreita de que os órgãos materiais eram supridos pelo sangue, que por sua vez era abastecido pelos nutrientes, oriundos da digestão dos alimentos. Naqueles momentos, eu compreendia que o sistema era mais amplo, incluindo as trocas energéticas com o universo. Anteriormente, eu me envaidecia com o saber médico adquirido no Mundo Material. Agora, eu descobria que era um ignorante e que só conhecia a superfície da fisiologia humana. Mas, não me entristeci. Muito pelo contrário! Confesso que havia um certo deslumbramento de minha parte.

Eu estava, nesse contexto, ansioso para as aulas vindouras. Assim, perguntei a um monitor (auxiliar dos professores-palestrantes) quando seria a aula, que abordaria as trocas energéticas entre os chacras de pessoas distintas. E ele respondeu-me:

- Companheiro, isto virá depois. Primeiramente vocês precisarão aprender mais sobre os fluxos energéticos dentro de cada ser: o que facilita; o que gera bloqueios; o papel das emoções; e a força da mente.

Fiquei muito curioso sobre os temas que o monitor apontou. E nesse ínterim, coloquei:

- Interessante demais! Só o que você falou, já me faz pensar... Mas, logo depois disso virá a questão do intercâmbio entre nós e os encarnados?

O monitor, pacientemente, explicou:

- Meu caro, ainda ocorrerão algumas aulas antes de se chegar ao assunto “intercâmbio mediúnico”. Por exemplo, antes, vocês precisarão tomar conhecimento das trocas energéticas entre desencarnados e aprofundar detalhes. Somente mais tarde, é que se abordará a comunicação entre os encarnados e nós. Entretanto Guardiã, entenda um aspecto: há mediunidade também entre nós, que não possuímos mais o corpo material.

Eu devo ter apresentado uma fisionomia com algum espanto, pois o monitor sorriu e logo continuou os esclarecimentos:

- Você já deve ter percebido que, aqui, a comunicação entre as nossas mentes flui com

facilidade. Mas, você talvez não tenha ainda notado um de nós, desencarnado, em transe mediúnico, transmitindo informações de seres mais sutilizados, que habitam dimensões vibratórias de alta frequência.

Como eu permaneci em silêncio, o monitor compreendeu minha limitação no assunto. Assim, tornou a falar:

- Pois você não percebeu que isso aconteceu hoje, neste recinto, através do instrutor Aurino, quando proferiu o discurso de boas vindas a todos.

Então saí do meu mutismo e manifestei-me:

- Realmente, ele parecia muito inspirado e feliz, a partir de certo ponto do discurso!

- Isso mesmo, Guardião! – colocou o monitor – Esta diferença que você notou, de um dado momento em diante, era a mediunidade em ação, entre seres desencarnados. Quem inspirou Aurino, foi Hércules, patrono e criador de nossa escola espiritual, que já vive em dimensão mais sutil. Hércules, após muitos anos de dedicação aqui em nossa cidade, ascendeu a uma nova posição, em outro campo vibratório. Porém, como ama esta escola de mediunidade, ainda vem a nós, pela força de seu pensamento, através da mediunidade de Aurino.

Após a explicação do paciente monitor, agradei de coração. Talvez este esclarecimento tenha sido a principal lição que eu aprendi, naquela primeira aula: a mediunidade não tem barreiras!

20- O CURSO BÁSICO DE MEDIUNIDADE

O curso básico sobre mediunidade transcorreu pelo tempo terreno equivalente a pouco menos de seis meses. Aconteceram, na maioria das vezes, aulas totalmente teóricas. Mas também foi possível ver fenômenos de trocas energéticas, bem como de intercâmbio mediúnico, através da grande tela que compunha nosso ambiente de aprendizado. Naquela tela, foram apresentados casos reais que aconteciam tanto no Astral como no Mundo Físico. Vi situações que jamais imaginaria durante o período em que estive encarnado. Neste curso básico, ainda fizemos algumas aulas práticas, mas isto se restringiu aos intercâmbios entre desencarnados. Foi um período de grande crescimento para mim. Posso dizer que, a partir deste evento, tornei-me de fato um espírito com mais liberdade em relação à matéria, pois minha mente se expandiu. A minha visão de vida, agora, ia além do pensamento limitado do ser humano comum encarnado. Portanto, eu estava feliz e esperançoso quanto ao futuro, embora tivesse consciência das fraquezas que me fizeram cair, na última existência material.

Aqui, neste livro, não é possível descrever com minúcias o que aprendi naquele curso, porque o vocabulário terreno é limitado para expressar certas realidades. No entanto, posso passar um caso que me marcou, ao identificar-me com uma vivência apresentada na grande tela. Era sobre um alcoólatra que ainda envergava o corpo denso. O “filme” mostrava partes selecionadas de um dia vivido pelo dependente da bebida.

Pela manhã, o personagem real despertava na sua residência. A bagunça de seu lar era característica de um homem solitário e escravo de seu vício. Já levantava, pensando na bebida, pois de sua cabeça partiam “fios” obscurecidos, que levavam até uma entidade também viciada. Eram elos magnéticos fortes, permanentemente alimentados pelos dois seres, que viviam em dimensões diferentes. Conforme o encarnado ia buscar um alimento, logo depois do despertar, aproximou-se o “bêbado astral”, já o inspirando a tomar o primeiro gole logo cedo. E assim o alcoólatra procedeu, pois seu “café da manhã” foi um pão velho com manteiga, somado a uma dose de bebida. Em seguida, o homem saiu de casa para ir trabalhar. Era operário num porto. Seu “amigo espiritual” o acompanhou, ficando por perto até a hora do almoço. Quando ele bateu o ponto, para o intervalo de alimentação, teve aproximação intensa da entidade, no intuito de beber. O homem comeu num estabelecimento próximo e tomou uma cerveja com outros operários. Cada gole de sua cerveja era dividido com o espírito alcoólatra. Era muito interessante notar os vapores alcoólicos se desdobrarem em nível sutil, através dos poros da pele do homem, indo para o campo magnético da entidade viciada. Além disso, jatos de bioenergias do encarnado fluíam dos seus centros de

energéticos (chacras) para o obsessivo, que, em retorno, devolve vibrações deletérias. Era uma visão, como falei anteriormente, inimaginável para mim, se eu ainda detivesse a mentalidade do médico encarnado que eu fora. Confesso que, em determinado ponto daquela aula, não me senti muito bem, pois afinal de contas, eu havia sido um alcoólatra na última passagem terrena.

O período da tarde do operário foi marcado por uma certa melancolia, caracterizada pelos matizes cinzentos que apresentava em sua aura. Aproveitando-se desses sentimentos, o seu companheiro de bebida o instigou a beber no início do período noturno. E foi o que ele fez, até voltar cambaleante para a sua residência. Quando o homem deitou-se para dormir, a entidade desequilibrada ainda permaneceu bem próxima ao corpo estirado do alcoólatra, absorvendo os vapores viciosos abundantes. Só de madrugada o obsessivo afastou-se, para perambular pelos bares ainda abertos da cidade.

Ter assistido a esta aula do curso, posso dizer que foi terapêutico para o meu espírito. Além disso, compreendi mais profundamente algo muito importante sobre as trocas energéticas e o intercâmbio mediúnico! Percebi que o cerne desta questão, passa pelo tipo de pensamento e sentimento dos seres. Ou seja, a mediunidade depende fundamentalmente da sintonia de interesses das criaturas.

21- O CURSO AVANÇADO DE MEDIUNIDADE

Após terminar o curso básico, teria pela frente o curso avançado de mediunidade. Haveria o intervalo de algumas semanas, na contagem de tempo relativa à vida terrena, até o início dos meus novos estudos. Eu estava muito satisfeito com a ampliação dos meus horizontes. Notava que as minhas atitudes também alteravam-se, conforme os novos entendimentos adquiridos, até mesmo nas minhas tarefas corriqueiras de guardião, nas zonas umbralinas. Quando nos transformamos interiormente, as nossas ações tendem a melhorar, acompanhando o novo padrão mental. É claro que não há mágica! Os velhos hábitos teimam em persistir! Mas, algumas atitudes realmente mudam. Era sobre isso que eu falava a Robério, num dos meus raros momentos de descanso:

- Robério, estou me sentindo outra pessoa!

- Sim, Guardiã. – reagiu com satisfação o chefe da Triagem – Os cursos e aprendizados que temos aqui no Astral são transformadores. Mas, não se engane! O maior teste que passamos, é quando descemos à Terra, num novo corpo de carne.

Fiquei um pouco pensativo com a observação realizada. Relembrei rapidamente meu passado, avaliando o que eu seria e faria numa próxima encarnação. Voltaria a beber? Seria novamente um médico? As perguntas se seguiam, até que Robério interrompeu-me:

- Ei Guardiã! Pare de pensar no futuro, que ainda está distante. Você tem muito o que fazer por aqui.

Então, coloquei a Robério:

- Meu amigo, você sabe mais sobre mim do que me transmite, não é mesmo?

- Sim, meu caro. – assinalou a experiente entidade – Sei que você tende a ficar no Astral por várias décadas...

- Mas e se eu quisesse reencarnar em breve... Teria direito? – indaguei, curioso.

- Bem, Guardiã, temos normas e avaliações de instâncias acima de nós. – explicou Robério, que continuou – Até onde alcanço, posso lhe dizer que se você cumprir determinadas tarefas nos próximos anos, terá o direito de retornar à matéria. Contudo, se você permanecer mais tempo, as décadas de que lhe falei, terá um melhor preparo interior e mais mérito adquirido. Além disso, há espíritos com os quais deve reencarnar em agrupamentos próximos. Se você for antes,

perderá algumas oportunidades de reencontro, que seriam importantes para o seu desenvolvimento.

Ouvi suas palavras e fiquei um tanto atônito. Até onde ia o conhecimento de Robério sobre mim? O provável olhar de espanto, de minha parte, provocou novos comentários do chefe da Triagem:

- Guardiã, não se surpreenda tanto. A minha posição, hoje, me permite checar registros antigos de todos que pertencem a nossa “jurisdição”, bem como analisar múltiplos inter-relacionamentos.

Mantive-me quieto por momentos, até que saí do mutismo e me manifestei:

- Por isso você é o chefe da Triagem!

- Sim, meu caro, para ter a responsabilidade que hoje exerço, passei por longo treinamento. – esclareceu Robério, que prosseguiu – Estudei muito! Mas, há outros que têm acesso a mais informações que eu, bem como já atingiram maior sabedoria. Estes não estão aqui. Digamos que eu sou apenas a ponta pequena de um *iceberg*, cujo maior volume e conteúdo estão ocultos. Esta “ponta” aparece aqui na nossa comunidade, com a função de realizar a triagem, que encaminha espíritos que aportam neste lugar, para as oportunidades mais adequadas no momento.

- Isto é muito interessante! – coloquei – Poderia falar mais sobre isso?

- No momento não, Guardiã. E você sabe porquê? – inquiriu Robério, de uma maneira segura.

Como fiquei indeciso em dar uma resposta, meu amigo prosseguiu, ele mesmo esclarecendo:

- Companheiro, você não pode perder o seu foco. Vejo uma rota muito produtiva para ti na mediunidade. Falemos um pouco sobre o curso avançado.

Ao ouvir sua intenção, fiquei bastante interessado. O que ele poderia me adiantar sobre o curso que começaria em breve? Percebendo a minha intensa expectativa, o chefe da Triagem explicou:

- Guardiã, este curso é muito mais prático que o precedente. Sua turma, que agora será menos numerosa do que a anterior, contará com alunos selecionados para uma concentração maior na atividade umbandista.

Mantive-me quieto, aguardando mais informações, que logo chegaram:

- Vocês irão à Terra muitas vezes, visitando diversos tipos de comunidades religiosas.

Não irão apenas nos centros de Umbanda, pois precisarão conhecer a mediunidade em ambientes distintos. No início, apenas assistirão aos trabalhos mediúnicos. Com o tempo, vocês terão chance de influenciar diretamente aos médiuns encarnados...

Ao ouvir Robério, fiquei ansioso pelo início do curso. Se antes meus horizontes se expandiram no curso básico, o que seria nesta nova oportunidade, onde “poríamos a mão na massa”?

22- ABERTURA DO CURSO AVANÇADO

O dia havia chegado! Estávamos, todos os alunos, em número de 21, aguardando a chegada do coordenador do curso avançado de mediunidade. Além de nós, havia três monitores no salão, onde ocorreriam as aulas teóricas, que, como informado anteriormente, seriam numa escala menor do que as atividades práticas. Os monitores eram auxiliares diretos do coordenador e estariam sempre conosco durante as aulas.

Num dado momento, Lupicínio, o monitor mais experiente, avisou-nos que o coordenador estava se aproximando. Não percebemos nada, mas a comunicação mental entre Lupicínio e o mestre deveria ser bem intensa. Assim aquietamo-nos, aguardando a chegada tão esperada. Após instantes, reverberou uma longa gargalhada, ao longe. Nós, os alunos, entreolhamo-nos curiosos. Em seguida, aconteceu uma nova gargalhada, em tom mais elevado. De fato, alguém se aproximava. Então apareceu uma névoa cinzenta, penetrando o salão, através da porta principal. Logo depois, adentrou o recinto um homem alto, todo vestido de preto, com uma capa da mesma cor e um capuz cobrindo-lhe o crânio. Conforme ele se deslocou até a parte da frente do local, postando-se atrás de uma espécie de púlpito, a massa nevoenta de cor cinza o acompanhou. Agora ele estava ali, parado, de cabeça meio baixa, quando soltou a terceira gargalhada. Esta foi estrondosa e, após ela, o nevoeiro se dissipou.

Nós estávamos paralisados, diante do inesperado. Todos olhávamos para aquela estranha figura de roupagem negra e de cabeça ainda pendente. Não era possível ver o seu rosto, mas, pela abertura frontal do capuz, saía uma luminosidade branca. Paulatinamente esta luz foi se reduzindo e, então, a pessoa ergueu o crânio. Pudemos ver o seu rosto, que não era nada bonito. Tinha face cadavérica e os olhos eram saltados. Ele sorria com dentes muito brancos, mas as gengivas eram bastante diminutas, evidenciando um processo de retração.

Quebrando o silêncio, o monitor Lupicínio falou:

- Salve o mestre Alceu!

Os outros dois monitores repetiram a saudação, juntamente com alguns dos alunos, que conseguiram sair daquela hipnose coletiva.

Na sequência, mestre Alceu abaixou novamente a cabeça, para, em seguida, reerguê-la e retirar o capuz. Agora a sua aparência era quase jovial. Um homem de meia idade, caucasiano, barba negra e bigode bem aparados. Olhos esverdeados e um sorriso perfeito. Aliás, ele agora sorria

com simpatia, logo dizendo:

- Prezados alunos e companheiros, meu nome é Alceu. Sou o coordenador deste curso e lhes dou as boas vindas. Sou um guardião antigo por aqui e, por já ter alguma experiência acumulada, pretendo compartilhá-la com vocês.

Após ligeira pausa, o professor continuou:

- Como não gosto muito de desperdiçar o tempo, que gastei indevidamente na minha última existência terrena, hoje já cheguei com o primeiro aprendizado para vocês, antes mesmo de me apresentar. Quem arriscaria a dizer qual foi a primeira lição?

Houve um silêncio após a pergunta, que perdurou incomodamente. Desta forma, levantei meu braço e perguntei:

- Mestre, por acaso foi relativo a sua transformação astral?

Alceu, tornando-se sério, respondeu:

- Não meu caro! O primeiro aspecto que desejo passar a vocês é a força do verbo, a força do som, que é a manifestação da vontade do espírito, a força da sua mente em ação. Notaram que a névoa cinzenta sumiu, após minha gargalhada aqui, no salão? Pois o som que emiti, tinha um sentido dispersante em relação ao nevoeiro, que eu mesmo havia criado. Minha mente criou a névoa, minha mente também a dispersou.

Ficamos em silêncio, meditando naquilo que ele dissera, até que o próprio Alceu voltou a comunicar:

- A segunda lição, que todo bom guardião deve aprender e exercitar, é o que foi assinalado pelo nosso amigo (e me apontou). É preciso dominar a forma perispiritual, como diriam os nossos companheiros da Doutrina de Kardec, ou corpo espiritual, ou corpo astral, como se fala em outras plagas. Um bom guardião, uma vez nas áreas sombrias, ou lá na Terra, carece de se apresentar numa forma coerente com os trabalhos realizados. Além disso, sua aparência precisa ter estabilidade. Isto também é manifestação da vontade espiritual, ou força mental, de cada um.

Após ligeiro intervalo, o coordenador prosseguiu:

- Um bom guardião, em resumo, precisa ter firmeza em seus propósitos. Não se lida com o lado obscuro da vida, sem o desenvolvimento de um caráter forte. Para se trabalhar na Corrente Astral de Umbanda, como entidades incorporantes lá na Terra, é necessário possuir uma boa dose de obstinação.

23- O PORQUÊ ESTÁVAMOS ALI

Alceu, continuando a abertura do curso, que na realidade já consistia na primeira aula do mesmo, em seguida indagou:

- Quem aqui, na última vida material, abusou de bebidas alcoólicas? Apenas levante o braço direito.

Então, instantes depois, a maioria dos alunos, incluindo todos os monitores, ergueram o braço. O professor, a seguir, disparou outra pergunta:

- Quais de vocês admitem que cometeram excessos no campo sexual?

Não demorou muito e boa parte dos presentes levantou o braço direito, incluindo a mim, que também já havia respondido afirmativamente à primeira questão. Logo o mestre Alceu voltou à carga:

- Quantos trabalharam na área de saúde, como médicos, dentistas ou na enfermagem?

A esta indagação, todos suspenderam seus braços. Assim, comecei a ficar muito curioso com tudo aquilo. Onde o coordenador queria nos levar? Mas, não pude pensar muito sobre isso, pois ele voltou a inquirir:

- Quem aqui, concorda que era pessoa arrogante, com frequência dando razão a si próprio em detrimento dos outros?

Em pouco tempo, todos tinham a mão direita no alto. Então, houve um silêncio mais prolongado. Alceu parecia desejar que pensássemos nesta situação. Havia uma atmosfera de expectativa e curiosidade em torno de nós. Mas, o professor interrompeu o silêncio, dizendo:

- Companheiros, esta inquisição toda é para que vocês percebam que não estão aqui por acaso. Há fortes traços de similaridade de caráter entre todos, inclusive quanto a mim. Em outras palavras, temos uma vibração em comum e, por isso, podemos trabalhar em grupo, no que denominamos “falange”. Vocês estão neste lugar para aprenderem um ofício, com diversas nuances, de ajuda a seres em sofrimento no Astral, como na Terra. E enquanto vocês trabalharem, estarão conhecendo a si próprios e ganhando força para superarem suas limitações. Alguma pergunta?

Como ninguém se atrevia a indagar, resolvi tirar uma dúvida que me acompanhava há um certo tempo:

- Mestre Alceu, noto que vamos atuar mais diretamente no Mundo Terreno, através da

mediunidade. Isto, pelo menos no meu caso, será um teste difícil, pois tive fortes vícios por lá, durante vários anos.

Entretanto, fui interrompido brevemente por alguns colegas, que soltaram curtas frases, concordando comigo e manifestando a mesma preocupação. Porém, completei meu raciocínio, com a seguinte questão:

- Professor, seremos fortes o suficiente?

Diante da minha pergunta, Alceu ficou mudo por um tempo indefinível. Num dado instante, sorriu. Parecia estar inspirado e passou a explicar:

- Caros guardiões, a história da humanidade está repleta de casos de superação. Muito frequentemente é preciso que o ser humano desça ao nível do lodo, para desejar a limpeza. Esqueça-se de que é espírito da mesma Essência Divina, para entregar-se aos instintos da animalidade. Perde-se nos sentidos físicos, para ter a profunda aspiração a entender o sentido da vida. Todos nós, aqui, descemos com vigor, guiados pelas paixões e prazeres materiais. Mas, isto indica que temos uma vontade intensa e que necessitamos redirecioná-la. Então, eu afirmo e lanço uma ideia a vocês: quem é forte no erro, é forte no acerto! Quem aceita o desafio? Mas, assinalo que este desafio, se aceito, deve ser vencido passo a passo. Neste curso, que hoje se inicia, vocês terão oportunidade de se colocarem à prova. Iremos muitas vezes à Terra, para treinamento da mediunidade com encarnados. A vitória depende fundamentalmente de cada um. Alguém quer desistir?

Após momentos de quietude, o coordenador abriu novamente um largo sorriso. A sua confiança irradiava-se para nós. Nesse contexto, ele voltou a se manifestar:

- O silêncio, diante da minha proposta de desistência, me faz sentir que vocês são fortes. Aguardo todos na próxima oportunidade. Os monitores deixarão as instruções necessárias.

24- PRIMEIRA AULA NA TERRA

Estávamos reunidos num grande terreiro de Umbanda. Era o centro de Sara, cujo mentor, Pai Anastácio, nos recebia com alegria evidente. E ele, dirigindo-se ao mestre Alceu, disse:

- Venha Alceu! Vamos até o salão principal, onde está Guarabitã, que os aguarda.

Lá chegando, nos deparamos com um robusto índio, de elevada estatura. Logo entendemos que ele liderava aquela comunidade de trabalhos espirituais. Ao nos ver, abriu largo sorriso e dirigiu-se ao nosso professor:

- Mestre Alceu! Vejo que traz mais uma turma de aprendizes! Sejam bem vindos!

Após um abraço entre ambos, Guarabitã voltou a falar:

- Esta casa está de portas abertas para as suas aulas práticas.

Então, o coordenador do curso manifestou-se:

- Muito agradecido, meu cacique! Viremos aqui em várias oportunidades, como combinado, e de início apenas observaremos as atividades dos médiuns da casa, com seus respectivos trabalhadores. Quando possível, e se necessário for, daremos um auxílio nas tarefas de proteção e limpeza do ambiente.

Em seguida, Guarabitã despediu-se, explicando que estava nos preparativos para a sessão que transcorreria somente à noite. Deixou-nos no salão com Pai Anastácio, para recebermos instruções de Alceu. O professor, desta forma, voltou a comunicar:

- Companheiros, esta casa será o nosso principal ponto de referência no Plano Terreno, para as aulas práticas do curso avançado. Iremos, futuramente, também em outras instituições. Mas, aqui, será a nossa principal escola e laboratório. Respeitem zelosamente as regras do centro de Guarabitã e as orientações que vou passar, bem como aos nossos monitores. Lembremos que não podemos interferir nas atividades, sem que sejamos solicitados. Alguma pergunta?

Como não houve indagação, Alceu nos convocou:

- Vamos lá fora! Venham observar uma coisa...

Seguimos o coordenador e Pai Anastácio. Atravessamos uma parede material e chegamos na parte dos fundos do centro umbandista. Ali havia um extenso quintal, que prosseguia até um pequeno morro. Subimos a breve elevação e, atingindo o topo, tivemos uma vista privilegiada de toda área do centro. Então, Alceu assinalou:

- Observem os quatro cantos do terreno. Em cada um, está um guardião que foi treinado por mim, sendo aceitos por Guarabitã para integrarem sua força de trabalho. Notem que eles, nas horas que antecedem a sessão, estão recolhendo energias do ambiente, concentrando-as em si próprios. Estão se densificando para cumprirem suas tarefas de proteção à casa, contra possíveis agressores ou entidades simplesmente desequilibradas.

Após um intervalo na explicação, ele continuou:

- Assim, companheiros, esta é a primeira tarefa de vocês hoje. Posicionem-se em três grupos de sete alunos, cada grupo com um monitor, e assimilem a energia do solo deste morro, pelos pés, conforme os monitores vão demonstrar. Mais tarde, perceberão que poderão ser úteis na sessão. Irão aprender com os trabalhos mediúnicos, mas darão uma possível contribuição ao centro de Guarabitã.

25- A PRIMEIRA AULA CONTINUA

A noite chegou e ocorria um bom fluxo de pessoas do lado material, acompanhado por uma movimentação ainda maior no lado espiritual. Depois de todos se acomodarem, os médiuns em círculo no salão principal, e os consulentes em bancos de madeira, ao fundo, surgiu um cântico. Era um “ponto cantado” que falava sobre defumação com as ervas da mata. Logo a seguir, entrou no salão um médium que portava um braseiro, onde despejava uma mistura de folhas secas e incenso. Conforme a fumaça subia e se espalhava, era possível notar que havia um efeito sobre o campo de energia das pessoas, no geral. Alguns indivíduos, os mais integrados àquela atividade, após a passagem da fumaça, que era acompanhada por vibrações reverberantes no Astral, passaram a apresentar uma aura mais clara e brilhante.

Na sequência, todos silenciaram. O dirigente encarnado da casa, o médium Carlos, que já tinha cabelos grisalhos, iria proferir uma oração. Neste momento, observamos a aproximação de Guarabitã, que apenas colocou a destra em frente à testa de Carlos. Este começou a fazer uma prece, visivelmente inspirado pela entidade com forma indígena. Da mão de Guarabitã se irradiava uma energia amarelo-dourada, que atuava na mente do sensitivo. As palavras fluíam com facilidade, convocando a todos os presentes a manterem concentração nas forças superiores.

Após aquela oração de abertura, passaram a entoar os chamados “pontos cantados”, pedindo a presença de entidades de várias linhas de trabalho (correntes energéticas), de modo que a sessão tivesse a proteção necessária. Era muito interessante a influência da música e das entidades espirituais sobre os médiuns. Eu estava extasiado com as ondas coloridas de energia que cruzavam o salão, cumprindo funções variadas.

Então, aconteceria a primeira “incorporação”. Guarabitã, ao chamado específico do cântico em sua intenção, se aproximara mais de Carlos. Ao aconchegar-se junto ao médium, pelas costas, era possível notar uma fusão de vários centros de energia da entidade, com os respectivos chacras de Carlos. Uns tinham uma conexão mais intensa. Logo Guarabitã havia expandido seu campo energético, de tal forma, que englobava o corpo físico do pequenino Carlos. Ali acabara de ocorrer uma incorporação em nível profundo, tema que fora abordado anteriormente por Alceu, conosco.

O caboclo Guarabitã, manifestado através do dirigente, levantou o braço direito do médium, fazendo cessar a cantoria. A entidade passou a dar algumas instruções verbais, prontamente atendidas por alguns auxiliares encarnados. A seguir, Guarabitã solicitou a presença de

outros trabalhadores espirituais. Então, três guias de aparência indígena incorporaram seus respectivos aparelhos. Pude perceber que, das três novas manifestações mediúnicas, apenas uma apresentava uma conexão mais profunda. As duas demais eram relativamente parciais, com menos chacras envolvidos intensivamente e uma fusão de campos áuricos menor.

Iniciava-se a atividade de passes de descarrego. Ordenadamente, eram chamadas as pessoas que estavam aguardando nos bancos e que precisavam de algum tipo de ajuda. Nós, os alunos do curso, nos dividíamos em três grupos de sete, sendo cada agrupamento acompanhado de um monitor, e nos aproximamos das entidades manifestadas o quanto possível. O objetivo era observarmos como agiam mediunicamente na limpeza dos encarnados. Cada monitor, em dado momento, chamava a atenção de seu respectivo grupo de aprendizes, para detalhes do processo em andamento.

Eu e meus colegas acompanhávamos a médium Sara, que estava permitindo a manifestação de um caboclo, com uma ótima conexão. Era deveras interessante observar como o atlético índio deslocava “placas obscuras” do campo áurico de uma velha senhora a sua frente. Esta “matéria astral” era, em parte, transformada em uma espécie de substância volátil, que subia, indo para além do ambiente do salão. No entanto, partes mais densas daquelas placas iam para o nível do chão, como uma gosma de forte aderência. Neste instante, atuavam guardiões como nós, só que mais experientes, que recolhiam o material, levando-o para fora do recinto. Ou seja, o caboclo que mediunizava Sara, não realizava solitariamente a limpeza da idosa consulente. Entidades espirituais, não percebidas pela maioria dos encarnados presentes, tinham um papel relevante no procedimento e no centro umbandista como um todo.

26- A NOSSA PRIMEIRA ATUAÇÃO

Após as limpezas pelas quais passaram quase todos os presentes, Guarabitã chamou um rapaz. Ele fora deixado por último, propositadamente. Seu campo áurico estava bastante obscurecido, apesar dele já estar ali há vários minutos, dentro da egrégora do centro. Seu caso era diferenciado e mais difícil. De alguns pontos de seu corpo, partiam fios escuros, com reflexos de um tom rubro. Esses fios se estendiam para fora do local. Sua cabeça tinha algo como uma névoa marrom no entorno. Ele parecia deprimido. Seus gestos eram um tanto letárgicos. Fora trazido ali pela mãe, que permanecera num dos bancos, a espera de uma ajuda para seu filho.

O caboclo chefe do terreiro orientou que o jovem ficasse no meio do salão. Em volta dele, postaram-se vários médiuns. Alguns já estavam em transe, conduzidos por seus guias na forma indígena, enquanto que os outros sensitivos ainda permaneciam plenamente despertos. Então, num dado momento, Guarabitã soltou um assobio agudo. Rapidamente surgiram, vindos de fora, vários guardiões do templo umbandista. Estes formaram um círculo externo no entorno dos médiuns. Algo estava por acontecer, iniciando quando Guarabitã entoou um cântico, seguido pelos demais. O primeiro círculo, o mais próximo do rapaz, agora tinha todos os médiuns incorporados por seus guias caboclos. Estas entidades, com sua força peculiar, tragavam as bioenergias escuras do jovem, jogando-as para trás. No círculo externo, os guardiões recolhiam essas bioenergias que, naquele momento, tinham se coagulado, tornando-se um tipo de massa gelatinosa. Em pouco tempo, esses guardiões saíram do templo, levando o material descrito, mas retornaram a seus postos, no círculo externo aos médiuns. Isto se repetiu por mais três vezes, enquanto o cântico era mantido. Num certo instante, Guarabitã ergueu o braço direito, fazendo cessar a música. A seguir, ele disse a todos:

- Eu vou subir, mas volto! Vou trazer aquele que quer derrubar este moço.

Então o caboclo, postando-se atrás do jovem obsediado, deixou o médium Carlos. Uma vez estando no Astral, conversou rapidamente com um guardião antigo do centro. Esta entidade foi até Alceu e disse-lhe que precisaria da nossa ajuda. Mestre Alceu olhou para os monitores, que logo entenderam o que fazer. Eles nos posicionaram junto ao círculo mais externo, próximo aos guardiões mais experientes do templo. Formamos, assim, uma espécie de muralha, com apenas uma brecha. Sabíamos que deveríamos bloquear a entrada de qualquer entidade para dentro do círculo, com exceção da primeira que fosse trazida.

Depois de momentos de expectativa, Guarabitã, ainda no Astral, tocou num dos fios obscuros que saía da cabeça do jovem. Era uma conexão específica e importante. E ele manobrou

este elo magnético até Carlos, que estremeceu. Em breves instantes, o dirigente estava incorporado com um ser bastante desequilibrado. Desta maneira, mantivemos fechado o círculo externo, que rapidamente passou a ser pressionado pelos subalternos do obsessor principal, momentaneamente “preso” à mediunidade de Carlos. Enquanto o assediador chefe perdia as suas forças vibratórias densas, drenadas através do médium, as demais entidades desarmônicas tentavam vencer nosso bloqueio, com agressões e impropérios. Mas, isso não durou muito. Por trás desses obsessores, chegaram outros guardiões, que os neutralizaram, arrastando-os para fora.

Quanto ao obsessor principal, após perder boa parte de sua energia, ainda tentou argumentar através do aparato mediúnic de Carlos. Reclamou e tentou barganhar sua liberdade, até que Guarabitã se aproximou e lhe sedou. O assediador chefe caiu em sonolência profunda e foi retirado por outro trabalhador espiritual da casa. No instante em seguida, Guarabitã mediunizou Carlos novamente. Agora a tarefa do guia era limpar e revitalizar seu colaborador encarnado. O corpo perispiritual do dirigente estava nitidamente carregado por “matéria astral” doentia, que impedia o fluxo equilibrado de bioenergias do médium e a livre troca com o Mundo Sutil. Mas, o caboclo chefe do terreiro tinha grande competência na questão, logo fazendo o seu valoroso médium tornar a um estado de harmonia.

A sessão transcorreu com seus procedimentos normais e haveria a fase de instruções aos encarnados, pelos mentores incorporados. A primeira aula prática estava quase no seu final.

27- ÚLTIMAS LIÇÕES DA PRIMEIRA AULA

Após o descarrego do rapaz, os médiuns voltaram as suas posições originais. Houve um pequeno intervalo na sessão. Durante este período pude conversar brevemente com o monitor Lupicínio. Ele me esclareceu que, quando a obsessão tem características muito destrutivas, a ação mais recomendada é a retirada das entidades agressoras, pois estas não aceitam o diálogo no primeiro momento. E esta era a situação do jovem, que acabara de ser ajudado.

Na última fase da reunião, haveriam algumas consultas. Os frequentadores da casa umbandista teriam acesso às orientações das entidades de trabalho. Pude acompanhar a conversa de Guarabitã, através de seu médium Carlos, com a mãe do rapaz que passara pelo descarrego. O diálogo, em si, não era o mais importante para mim e meus colegas do curso, mas sim como o caboclo utilizava as possibilidades mediúnicas do dirigente. Percebi que o fluxo de energias era diferente do que vira anteriormente. Agora, as conexões mais profundas de davam pelos chacras da coroa, da testa e da laringe, embora outros estivessem também envolvidos. Os fluxos bioenergéticos eram intensos, denunciando a comunicação de ideias da entidade, através da fala que saía pela boca de Carlos.

Então, para minha surpresa, acabara de adentrar no salão principal, uma entidade flutuando de forma um tanto desequilibrada. Alceu, vendo que ficamos curiosos, aproximou-se junto com Pai Anastácio. O coordenador do curso comentou:

- Sabem quem é?

Respondi que eu não conhecia, mas percebia que era um encarnado projetado no Mundo Astral, já que notei os elos magnéticos típicos, que se estendem para longe. Alceu, por sua vez, disse que Anastácio explicaria melhor. Assim, o simpático espírito que se apresentava como velho escravo colonial que fora, passou a discorrer:

- Ele é Cassandro, um médium muito ativo deste terreiro. Como está adoentado já há algum tempo, tem aparecido por aqui no transcorrer das sessões, sobretudo na parte final delas. Não pode, ainda, estar fisicamente aqui. Mas, sua vontade se manifesta após adormecer em sua residência. Inconscientemente ele vem para cá, em espírito.

Ouvindo a explicação, arrisquei uma pergunta:

- Pai Anastácio, ele está acordado? Ele pode perceber o que se passa aqui?

Logo obtive uma resposta:

- Não, Guardiã. Ele não está exatamente desperto. Tem momentos de lucidez e logo volta a dormir aqui, neste plano.

Como minha curiosidade era grande, tornei a questionar:

- Mas ele vem sozinho? Isto não é um risco para ele?

E a entidade voltou a esclarecer:

- Só, ele não está. Há uma certa distância, o acompanha o seu guardião protetor. Essas saídas de Cassandro são úteis, pois são ensaios de lucidez no Astral. Funciona como um treino, já que este médium tem uma facilidade grande em se desdobrar.

Então, um companheiro de curso, neófito como eu, indagou:

- E se ele sofrer um ataque repentino, uma agressão de um obsessivo?

Pai Anastácio colocou:

- Caso ele seja importunado, acaba retornando de supetão ao corpo denso. É uma reação instintiva de autopreservação. O problema maior para os encarnados, não são os sustos que possam ter, quando estão nesta condição de desdobramento, mas sim os assédios ostensivos e duradouros no dia a dia terreno. A melhor prevenção e remédio para os processos obsessivos é o “orai e vigiai”.

Após aquele diálogo tão instrutivo, fomos interrompidos pelos cânticos de fechamento daquela reunião do templo umbandista. Era o momento da limpeza final e muitos guardiões circulavam pelo terreiro, absorvendo e levando, ainda, traços de “sujeira astral”. Estes trabalhadores espirituais eram entidades com treinamento mais específico, funcionando como verdadeiras “esponjas humanas”. Consistia em algo bastante curioso vê-los, atraindo para si, os detritos e miasmas do ambiente. Eles inflavam razoavelmente os seus corpos perispirituais, tornando-se também mais opacos e escuros, para, em seguida, saírem do local. Alceu nos explicou que, ao se retirarem do terreiro, iam descarregar aquelas “mazelas” no âmbito da natureza. A “Mãe Terra” e o “Mar Sagrado” eram repositórios transformadores daquelas energias densas.

28- CONVERSA COM ROBÉRIO

Dias depois, considerando a escala de tempo terrestre, estava eu meditando sobre o que vivenciara na primeira aula no Plano Físico. Havia muita riqueza em tudo, mas minha mente fervilhava com algumas dúvidas e, além disso, pelo desejo de saber mais.

Estava marcada uma aula teórica, mais breve que a prática, que sempre ocorreria após cada aprendizado do Mundo Material. Ou seja, haveria uma alternância entre os dois tipos de aula, embora as vivências práticas fossem de duração maior. Na realidade, as aulas teóricas seriam mais para sanar dúvidas quanto às atividades já realizadas, também planejando-se o que ia ser feito na Terra, na próxima oportunidade.

Robério me acompanhava, questionando as minhas impressões:

- Guardião, o que sentiu na sua ida ao centro espiritualista, lá no Mundo Físico?

Respondi-lhe com toda sinceridade:

- Robério, gostei muito de tudo. E quero aprender mais rápido, para atuar de forma mais efetiva.

O chefe da Triagem sorriu, ao ouvir minha resposta, logo colocando:

- Mas isso não me surpreende, meu caro! Você está retornando para as suas origens!

A observação de Robério aguçou minha curiosidade. Assim, perguntei:

- Você pode me falar mais sobre essa questão?

- Não muito! – redarguiu Robério – Mas, posso afirmar que no seu passado, você lidou bastante com as forças mediúnicas.

Fiquei em silêncio e o chefe da Triagem continuou:

- Guardião, você esteve atuando do lado de cá e do lado de lá! Ora você era médium encarnado, numa vida, e ora você era entidade espiritual incorporante, noutra período.

Mantive-me quieto, como a suplicar por mais informações, que a minha mente, ainda embotada, não liberava naturalmente. E Robério falou:

- No momento certo, você irá reassumir suas habilidades de outrora. Este curso, para ti, é fundamentalmente uma atividade de relembrar.

Então, manifestei-me:

- Mas eu me sinto exatamente assim! Ao ver Guarabitã mediunizando Carlos, algo em mim gritou: “eu sei fazer isso!”

Robério, após um curto intervalo, retomou a palavra:

- Guardiã, de fato você sabe intercambiar bem. Sua tarefa inicial será lembrar e treinar. Mas, o curso terá desafios para ti.

Quais desafios? – indaguei de supetão.

- Meu caro, você terá alguns novos aprendizados. Um deles é relativo a trabalhar em equipe, já que, outrora, o individualismo era um forte traço seu. Além disso, – continuou Robério – você terá que assimilar as características da falange na qual está inserido. Estes aspectos serão novos.

- Você pode me adiantar alguma coisa a mais? – interroguei, curioso.

O meu amigo logo colocou:

- Em breve saberá, Guardiã, pois se avizinha a aula teórica, onde a sua turma será preparada para a segunda atividade prática: uma sessão específica para exus...

29- PREPARATIVOS

No dia da aula teórica, Alceu nos instigou a perguntar, questionar, enfim, tirar todas as dúvidas surgidas na primeira aula prática terrena. Ocorreram esclarecimentos muito relevantes, bem como debates entre nós. Percebi, com satisfação, que os colegas de curso estavam tão interessados em aprender quanto eu.

Depois, o professor explicou como ocorreria a “sessão dos exus” no centro de Guarabitã. Deu detalhes de cada fase da referida reunião e de como nós deveríamos nos comportar, de uma forma geral. Então, apresentou instruções mais específicas quanto aos trabalhos mediúnicos dos guardiões, deixando claro que já estava combinada a participação de nós, alunos do curso, em certas tarefas que iriam transcorrer na Terra. Fiquei feliz com a notícia, pois, dentre outras ações, poderíamos pela primeira vez influenciar um médium encarnado. Alguns de nós, como eu, já estávamos autorizados a aproximarmos-nos mediunicamente de um participante do terreiro. No meu caso, Sara estava programada para um trabalho conjunto e este seria o meu primeiro contato bioenergético com ela.

Em seguida, mestre Alceu passou a discorrer sobre as características de nossa falange. Comentou quais os tipos de trabalhos mais frequentes que realizaríamos no Astral e no Plano Físico. Falou das nossas responsabilidades e deu exemplos de limitações de autorização quanto a determinadas atividades. Havia regras. E elas eram bem estabelecidas, de modo que esse respeito era fundamental para o sucesso dos trabalhos, bem como para haver maior segurança para os médiuns e nós guardiões. Conforme as orientações e explicações do coordenador, era fácil compreender os riscos daquele tipo de empreitada. A disciplina consistia num ponto crucial para as tarefas junto às sombras.

Ao final da aula teórica, o professor e os monitores deram demonstrações de como se apresentavam, dentro dos padrões da falange. Eles alteraram suas formas astrais, assumindo aparências estranhas e intimidadoras. Seguiam um estilo cadavérico, com ligeiras nuances de um para o outro. As vestimentas eram negras, com capa às costas e capuz sobre a cabeça. Após as transformações perispirituais, passaram instruções quanto à maneira de agir, sobretudo quando estivéssemos durante um processo de incorporação. Tudo era importante, segundo mestre Alceu, porque em certo nível isto nos identificava junto aos encarnados, facilitando a compreensão deles sobre qual entidade estava se manifestando e que tipo de atividade poderia ser desenvolvida. Além disso, esta estabilidade na forma astral, bem como nas atitudes um tanto padronizadas, tinham sua

razão de ser junto aos desencarnados desequilibrados, principalmente os obsessores que ainda não estavam preparados para trilhar um caminho melhor. Ou seja, entidades com intenção fixa em perturbar o semelhante, precisavam manter-se à distância, pela nossa presença intimidante por vezes, ou pela nossa ação policiadora em outras oportunidades.

30- A SESSÃO DOS EXUS

Guarabitã, no Astral, coordenava os trabalhos prévios ao início da sessão. Nós já estávamos lá, com boas expectativas de novos aprendizados. Mestre Alceu passava-nos as últimas instruções, quando os cânticos de abertura começaram. Houve a defumação, seguida de uma prece de abertura por parte de Carlos, intuída por seu guia, Guarabitã. Após isso, o médium dirigente fez breve explanação a todos os presentes, no sentido de estarem bem concentrados, já que o trabalho dos guardiões envolvia a manipulação de energias bem densas. Aliás, as entidades que se manifestariam como guardiões, já estavam a postos, aguardando a convocação através dos pontos cantados específicos. Era interessante observá-los. Ali se localizavam exus de variadas correntes vibratórias. E eles mantinham formas perispirituais bem diversas, conforme a falange de trabalho. Alguns já eram entidades graduadas, pertencendo a mesma falange, dentro da qual eu e meus colegas de curso estávamos nos preparando para ingressar. Outros guardiões eram de falanges diferenciadas e, por isso, suas formas astrais tinham características distintas. Uns apresentavam-se como africanos parrudos, vestimenta preta e vermelha, com capa às costas. Outros usavam vestuário semelhante aos boêmios da noite carioca, com ternos brancos, gravata vermelha e chapéu na cabeça. Havia também guardiões na polaridade feminina, umas no estilo cigano, outras trajadas como antigas cortesãs. Em resumo, haviam muitas entidades capacitadas a trabalhar em diversas correntes vibratórias da chamada “Linha dos Exus”.

Então, começaram os cânticos destinados aos guardiões. O primeiro ponto cantado saudava o guardião-chefe do terreiro, que incorporaria no dirigente Carlos. Esta entidade labutava na falange onde eu estava me desenvolvendo. Por isso, Alceu acenou para a nossa turma, de modo que focássemos bem no processo mediúnico que iria ocorrer. Durante a cantoria, que era acompanhada pelas palmas dos presentes, o guardião-chefe arroudeou Carlos. Estava, de início, envolvendo-o em seu magnetismo. Era um método interessante. O exu circulou algumas vezes em volta do médium, enquanto lançava jatos de energia sobre alguns chacras de Carlos. Quando o sensitivo deu sinais claros de um certo grau de transe, houve um acoplamento mais intenso. Carlos curvou-se ligeiramente e a incorporação estava completa. O conjunto médium-guardião, então, soltou uma longa gargalhada. O som emitido teve um efeito energético interessante do lado astral. Emanações rubras, alaranjadas e também em tons de amarelo expandiram-se no ambiente, transcendendo as paredes materiais do templo. Alguns guardiões surgiram no salão, vindos de fora, passando a realizar uma inspeção detalhada em tudo, mas, em especial, nos frequentadores do centro, que vinham àquela sessão para consultarem-se com os exus.

A seguir, a entidade incorporada dirigiu-se ao público:

- Boa noite pra quem é de boa noite! Bom dia pra quem é de bom dia!

Algumas pessoas da assistência responderam ao cumprimento. Outras, mais tímidas, mantiveram-se quietas. Depois, o guardião-chefe cumprimentou cada médium presente e mandou chamar seu “braço-direito”, outro tarefeiro de sua falange, que iria manifestar-se através de Sara. Passaram, desta forma, a entoar outro cântico.

A sessão estava apenas no seu começo...

31- MINHA PRIMEIRA TAREFA MEDIÚNICA

O trabalhador espiritual que estava prestes a mediunizar Sara, olhou para mim, fazendo ligeiro sinal. Eu já sabia que iria ter uma participação mais direta, nas atividades da noite. Tudo estava combinado, desde antes. O guardião contornou a posição de Sara e, após uma adaptação de seu magnetismo às bioenergias da sensitiva, acoplou-se com profundidade. Era bonito ver a desenvoltura da dupla entidade/médium, caminhando pelo salão e cumprimentando os chamados “pontos de firmeza” da casa. Também houve uma forte gargalhada, que conduziu uma emanção de vibrações pelo ambiente.

Depois de um tempo, todos os médiuns incorporantes do terreiro estavam mediunizados. Desta maneira, começaram as consultas dos frequentadores encarnados. Ficamos, nós alunos do curso, assistindo de perto às atividades da sessão. Alguns de nós já poríamos a “mão na massa”, de uma forma ou de outra.

O guardião de Sara conversava com o primeiro consulente. Era um senhor negro, de meia idade, com um problema na perna. Ele queixava-se que os médicos não davam jeito numa ferida, que mantinha-se aberta por meses. O infeliz assim colocou:

- Confio muito no “povo da rua” – uma denominação comum aos exus – e no senhor em especial. Já corri postos de saúde e hospitais e nada resolve o meu problema. Esta ferida só pode ser macumba!

Ouvindo isso, o guardião sorriu confiante e respondeu:

- Eu vejo que você tem fé. E quem tem fé já ganhou 50% da batalha.

A seguir a entidade, que já portava um charuto aceso, abaixou-se até o nível da ferida. Então, bafou várias vezes a fumaça na superfície machucada. Logo era possível notar umas formas astrais semelhantes a vermes, saindo da ferida. Estes “organismos” vinham à superfície, pulsando intensamente, para em seguida cair no solo, como escamas rígidas e sem vida.

Após este procedimento, o guardião disse ao consulente que iria buscar a “macumba”. Este era o sinal para a minha participação previamente combinada. A experiente entidade pôs a mão num ponto do corpo do homem, de onde saía um filamento escuro. Concentrou-se naquilo e, após Sara estremecer-se, deixou abruptamente o local, indo num percurso através daquele rastro energético negativo. A médium caíra de joelhos e eu, automaticamente, a envolvi com o meu magnetismo protetor. Foram momentos inesquecíveis para mim, pois pude treinar a combinação de

minhas energias com as de um encarnado, pela primeira vez num centro. Não foi um processo fácil, pois, além de eu ser um neófito, não tinha desenvolvido qualquer afinidade anterior com Sara. Porém, o objetivo não era a incorporação, mas basicamente envolvê-la numa “nuvem protetora” porque, em breve, haveria o retorno de algo bastante “pesado vibratoriamente”.

Instantes depois, voltava o guardião de Sara. Ele arrastava uma massa escura, através de uma protuberância, que parecia a borda de um tecido. E colocou aquilo entre a médium e o consulente, no solo. Logo surgiram mais dois exus, pelas laterais, que contiveram aquele ser. Sim! Era um ser humano, embora fosse difícil distinguir. Conforme se debatia por entre as dobras de sua roupa andrajosa, era possível notar seus membros. A um sinal do guardião de Sara, recuei, abrindo-lhe espaço para se reacoplar no aparato mediúnico. Sara, então, ficou de pé. Agora estava sustentada pelo trabalhador espiritual, com o qual tinha forte afinidade. Minha tarefa havia terminado. Apenas a protegi, naqueles momentos, do ricochetear de energias densas que iriam retornar do ser desequilibrado, ali trazido a contragosto. Eu sentia-me um pouco letárgico, pois havia absorvido as referidas emanções. Assim saí do terreiro, em busca da natureza, para descarregar aquelas vibrações. Eu acabara de ajudar na retirada de um espírito ligado à chamada “magia negra”, que importunava o infeliz consulente. Soube depois que, em poucas semanas terrenas, a ferida do homem finalmente fechara. A conjunção do uso dos remédios da medicina terrestre, com a intervenção espiritual, saíra vitoriosa.

32- A AULA CONTINUA

A sessão prosseguia e, assim, a aula também. Quando retornei, fui chamado pelo monitor Lupicínio para acompanhar o trabalho de determinado médium do terreiro, chamado Rogério. Ele era inexperiente e desejava ardentemente ser como os médiuns mais antigos, ou seja, incorporar as entidades e dar consultas de qualidade, ajudando as pessoas. Lupicínio, próximo ao rapaz semi-incorporado, me explicou:

- Guardiã, veja como esse intercâmbio não é profundo! Repare na maior superficialidade dos acoplamentos chakra a chakra.

Após instantes de observação, respondi:

- É verdade Lupicínio...

O monitor, a seguir, detalhou:

- Mas, note que os chacras localizados da região torácica para baixo têm razoável acoplamento.

Então, indaguei:

- Sim e o que significa isso exatamente?

- Bem, isto significa que este médium, no seu atual estágio de desenvolvimento, é mais eficiente no descarrego de energias deletérias. – esclareceu o monitor.

Ouvi a explicação e, notando que o conjunto Rogério-entidade estavam conversando com um consulente, comentei:

- Mas, está ocorrendo uma consulta! Isto pode ser problemático, não é?

Lupicínio me olhou com satisfação, pois percebera que eu havia captado o seu ensinamento. Na sequência, tornou a falar:

- Sim, Guardiã. O médium Rogério, na realidade, induz a esta situação, pois deseja ter uma experiência e capacidade que ainda não adquiriu, e talvez nunca alcance nesta vida.

Fiquei um pouco espantado com o acontecimento. Tive algumas dúvidas, em decorrência do que o monitor colocava. Percebendo isso, Lupicínio voltou a se comunicar, no intuito de clarear a minha mente:

- Guardiã, há médiuns que renasceram na Terra com uma função fundamental de

transmutar “energias pesadas”. Então, o trabalho mediúnico dessas pessoas é mais intenso através dos chacras da porção inferior do corpo, numa incorporação mais parcial.

- Este é o caso de Rogério? – perguntei.

- Sim e, por isso, a qualidade da consulta não é tão boa. – colocou meu amigo, o monitor.

Fiquei pensativo, observando que de fato o sensitivo não tinha um bom acoplamento de seus chacras localizados no pescoço e na cabeça, em relação aos correspondentes da entidade comunicante. Lupicínio, captando minhas ideias e persistentes dúvidas, explicou:

- O guardião que se utiliza das possibilidades de Rogério, tenta travar os ímpetus mentais médium, o que se reflete em falas de conteúdo distorcido e relativamente inúteis ao consulente. A função mais importante de Rogério é a limpeza de energias negativas, que o consulente trouxe consigo.

Ouvindo o que o monitor dissera, concluí:

- Rogério está com o mal da vaidade!

- Perfeito, Guardiã! Você entendeu! – completou o monitor.

- E isto não é perigoso? O que poderá acontecer se, na consulta, for orientado algo errado ao consulente? – indaguei.

Lupicínio, arrematando aquela “aula particular”, assinalou:

- Guardiã, conforme o tempo passar, virão à tona falhas e exageros do médium. Os guias maiores da casa estão atentos. Ele será chamado à responsabilidade e, se persistir no erro, poderá ser afastado dos trabalhos da casa.

33- CUSTÓDIA

A sessão transcorria com toda a intensidade típica dos trabalhos de entidades guardiãs. Alguns desses espíritos, incorporados em seus médiuns, davam consultas, enquanto outros faziam os chamados “descarregos”.

Mestre Alceu, em dado momento, chamou parte da turma para assistir a atividade de um guardião na polaridade feminina, mais detidamente. Ela era uma experiente entidade, em cuja última encarnação na Terra, tivera uma difícil vivência nômade, em tribo cigana, em plagas espanholas. Seu nome era Dolores. Naquele instante ela, bem acoplada a sua médium, uma bela jovem de longos cabelos (no mesmo estilo do espírito feminino), dançava em torno de velha senhora, uma consulente adoentada. Enquanto dançava, segurando numa ponta da saia que vestia a médium, por vezes batia com o tecido no corpo da consulente. Em cada oportunidade que isso ocorria, havia um impacto energético sobre o corpo astral da anciã, que liberava formas ondulatórias escuras. Estas bioenergias desarmônicas, em seguida, iam para o chão, como num processo de “coagulação”. Após a dança, no piso ficaram estranhas “tiras onduladas” e alguns filamentos, à semelhança de algumas espécies de algas que se desenvolvem no mar. Alceu, então, se manifestou:

- Perceberam o que aconteceu? Isto que está no chão será recolhido em breve. É parte da doença que acomete à senhora, no nível astral. Este material é formado por substância ectoplásmica da consulente, que ficou acumulada em si própria, pelo não uso deste recurso que ela possui.

A seguir, um colega de curso indagou:

- Isto significa que ela é médium?

O professor, prontamente, respondeu:

- Sim. Esta senhora tinha uma longa missão a exercer, através de uma mediunidade ostensiva. Mas, preferiu se fechar dentro de seus próprios pensamentos negativos, de baixa autoestima e de desconfiança em relação aos seus semelhantes. Ela poderia ter transformado seu pessimismo diante da vida, através do trabalho ao próximo.

Na sequência, muito interessado na questão, arrisquei uma pergunta também:

- Ela só teria sucesso através do trabalho mediúnico?

Quem respondeu, aproximando-se de nós, foi Pai Anastácio:

- Conheço bem o caso dela. Custódia frequenta o nosso centro há muitos anos. Há épocas em que ela fica um tempo sem aparecer por aqui. Só se aproxima para pedir, esquecendo-se que todos sempre têm sempre algo a dar. Na realidade, ela deveria ser médium desta casa, mas invariavelmente negou-se a contribuir. E agora ela está gravemente enferma, porque não permitiu uma doação eficiente da reserva energética que trouxe ao reencarnar.

Ouvindo aquela interessante explanação, tornei a perguntar:

- Anastácio, ela tinha programação de ser médium incorporante?

O mentor esclareceu:

- Guardião, a resposta é sim. Contudo, mesmo que ela não se desenvolvesse da melhor forma, neste sentido, possivelmente não estaria na situação de desequilíbrio que alcançou. Para isso, seria necessário que ela pelo menos tivesse bons sentimentos e ações para com seus semelhantes. Enquanto estivesse agindo desta forma, no dia a dia, estaria doando suas bioenergias, ainda que inconscientemente.

Fiquei pensando na explicação do preto velho, quando a sábia entidade arrematou:

- Se Custódia agisse como aqueles médiuns ali (e apontou para algumas pessoas vestidas de branco, num canto do salão), que sempre vêm às sessões no intuito de serem úteis, mesmo não sendo incorporantes, ela seria benéfica como eles, que são médiuns de sustentação. Eles, enquanto participam das orações e dos cânticos, doam energias fundamentais para os trabalhos. Além disso, aquelas pessoas atuam em diversas outras atividades do terreiro, que não funcionaria bem, sem a boa vontade deles.

Após os ricos esclarecimentos de Pai Anastácio, pude perceber a satisfação de Mestre Alceu, com a positiva intervenção daquele valoroso guia do centro.

34- O FECHAMENTO DA SESSÃO

A sessão dedicada aos trabalhos dos guardiões prosseguiu. Tivemos mais alguns aprendizados relevantes. Era notável, por exemplo, a energia movimentada pelos cânticos. Conforme as letras das músicas eram entoadas, ocorriam emanações de ectoplasma de vários tipos, oriundas dos médiuns e também das pessoas da assistência. Estas substâncias, então, eram combinadas com energias mais sutis, trazidas pelas entidades da casa umbandista. Esta combinação, em determinados momentos, resultava em fluxos que se assemelhavam a rodamosinhos. Estes tragavam miasmas e formas-pensamento negativos do ambiente, que eram direcionados ao fundo da terra, abaixo do piso do próprio salão.

As entidades incorporadas trabalhavam com bebidas alcoólicas. Alceu salientou que ali, nenhum daqueles espíritos dava vazão a qualquer espécie de vício, trazido da Terra. Então apontou para o guardião-chefe do terreiro, que falava através da boca do dirigente Carlos. Assinalou que, do lado do pé esquerdo do médium, no chão, jazia uma cuia (coité) com cachaça. Orientou-nos a prestar atenção na conversa daquele guardião com um consulente. Depois de um tempo de prosa, o trabalhador espiritual passou a dar tapas no corpo do consulente, desde os ombros até os pés. Cada batida no corpo do homem produzia a liberação de “escamas escuras”. Estas, como por encanto, flutuavam na direção da bebida. Ali as “escamas” se dissolviam. Alceu explicou que a mente do guardião-chefe conduzia aquelas “cargas” até o álcool.

Então, chegava a hora do fechamento da sessão dos exus. Alguns cânticos, neste sentido, começaram a ser entoados. O contexto geral das letras das músicas era de despedida das entidades. Algumas gargalhavam, agradeciam e davam “boa noite” aos presentes. Um e outro já se desacoplava de seu respectivo médium. E nesse processo, era visível que levavam bioenergias densas e deletérias que, por força das atividades, haviam sido encaminhadas ao corpo físico dos intermediários encarnados. Os guardiões atraíam para si “substâncias” de tonalidades enegrecidas, amarronzadas, cinzentas e, ainda, rubras. Em outras palavras, eles eram como ímãs. Conforme se deslocavam de seus médiuns, os tarefeiros espirituais saíam do terreiro, indo até a natureza, em seus vários campos vibratórios, para deixar aquelas bioenergias indesejadas.

Ao final, já com todos os médiuns de retorno à vigília, cantou-se um ponto que evocava um processo de limpeza do terreiro. Durante a música, foi possível ver a entrada de outra classe de guardiões que, como já comentado anteriormente, atuavam como verdadeiras esponjas, pois absorviam algumas “mazelas astrais” que ainda perduravam no ambiente.

O encerramento da sessão ocorreu através de uma prece do dirigente Carlos. Enquanto suas palavras eram proferidas, sob a intuição direta de Guarabitã, houve uma espécie de chuva de fagulhas no local. Aquelas energias que desciam de esfera superior, recuperavam a imantação positiva do terreiro, reforçando a proteção daquela casa umbandista, prestes a fechar as suas portas materiais naquela noite.

35- AULA NA IGREJA

O curso adiantou-se. Muitas vezes estivéramos no centro de Guarabitã, aprendendo intensivamente através das aulas práticas. Aquele templo umbandista era a nossa base para a realização do curso avançado de mediunidade. Eu estava satisfeito com a minha evolução pessoal na questão. Mas, haveriam outras aulas práticas, em ambientes diferentes. A primeira dessas seria numa igreja católica.

Antes da referida atividade, tivemos a aula teórica preparatória, onde foram combinados os procedimentos e a sequência em que ocorreriam no Mundo Terreno. Mestre Alceu era bastante rigoroso e detalhista quanto ao conteúdo e execução de cada aula prática.

No dia aprazado, descemos ao Plano Físico. A hora local era 17:30h. Nós participaríamos da missa das 18:00h. A igreja tinha uma boa estrutura e estava bem conservada. Nos arredores, predominava a limpeza. Estávamos numa praça, a poucos metros do templo. Alceu, tomando a dianteira do grupo, disse:

- Sigam-me! Vamos saudar os guardiões que fazem a segurança da igreja.

Depois que percorremos um trecho, estacamos diante da porta principal do templo. Lá estavam, invisíveis aos encarnados que já adentravam o local, dois guardiões paramentados com roupas num estilo medieval. Cada um segurava uma longa lança. O coordenador do curso fez um gesto de saudação e as duas entidades ergueram as lanças, cujas pontas estavam direcionadas para o alto, batendo com o cabo no solo. Eles já se conheciam e havia um aviso prévio sobre a nossa visita, bem como quanto às atividades que realizaríamos ali. A seguir, o professor falou:

- Aproximem-se! Vejam a proteção interna!

A turma achegou-se à entrada da igreja e pudemos notar que, ladeando o altar, a uma certa distância, haviam mais dois guardiões semelhantes aos da porta principal. Além desses, em cada canto do grande salão interno, estava postado um trabalhador da mesma estirpe. Logo após, Mestre Alceu assinalou:

- Vamos à segunda fase da aula!

Então, recuamos novamente até a praça. Agora, teríamos uma atividade mais intensa. Nós nos dividiríamos em dois grupos. Um iria até uma lateral externa da igreja, pela frente da mesma, até uma área onde estava uma grande cruz, onde os devotos acendiam velas. O outro grupo se dirigiria para o mesmo lugar, mas o atingiria por trás, contornando o templo pela outra lateral.

Nós iríamos cercar o chamado “cruzeiro das almas”, o local onde os encarnados faziam suas orações, usando velas como veículo aos pedidos ou agradecimentos.

Quando lá chegamos, já sabíamos o que fazer. Logo divisamos algumas pessoas orando de frente às velas, mas também alguns espíritos em desequilíbrio, a maioria em sofrimento pela própria ignorância em relação à vida após a morte. Estes foram retirados por nós e os levamos até alguns tarefeiros espirituais, que os transportariam a um posto de primeiros socorros. Em seguida, voltamos ao cruzeiro. Alceu, então, manifestou-se:

- Companheiros, prestemos atenção naquelas duas senhoras, que sempre vêm aqui, para a missa das 18:00h. Elas são médiuns de grande magnetismo.

As duas mulheres, que já atingiam idade madura, aparentando pouco mais de 50 anos terrenos, tinham acabado de acender algumas velas. Eram irmãs de sangue, consistindo no que o povo chama de “beatas”. Em voz baixa, iniciavam suas orações. Elas estavam bem concentradas no que faziam. Não demorou muito e fagulhas luminosas desceram sobre suas cabeças. As senhoras eram sinceras em suas intenções e pediam por pessoas enfermas em hospitais. Conforme diziam as palavras do “Pai Nosso” e da “Ave Maria”, as fagulhas aumentavam em intensidade sobre elas, espalhando-se sobre seus corpos inteiros. Depois de um tempo, aquela energia luminosa fundiu-se às bioenergias das beatas-médiuns. Esta fusão permitiu a “materialização”, no nível astral, de duas entidades de vibração sutil. Uma delas era um padre desencarnado e a outra era uma irmã de caridade, ambos pertencentes à Corrente Espiritual Mariana (falange de origem católica, sob inspiração de Maria de Nazaré). Aqueles dois seres, após a “materialização” completa no nosso patamar vibratório, olharam para nós e sorriram. A seguir, o padre convidou-nos a entrar na igreja.

36- MEDIUNIDADE NA IGREJA

A missa estava por se iniciar. O pároco designado para conduzir o ofício religioso verificava os últimos detalhes necessários. Os bancos de madeira do templo estavam quase cheios. As duas senhoras que, há pouco, oravam no cruzeiro das almas, agora estavam devidamente acomodadas num canto do salão.

Quando o pároco iniciou a missa, desceu sobre ele um tipo de chuva prateada. Aquilo era um sinal evidente de um amparo de esferas superiores. Enquanto o ofício se realizava, Mestre Alceu dividiu nossa turma em dois grupos. Um deles acompanhou o padre desencarnado que, momentos antes, nos convidara a entrar na igreja. O outro grupo, onde eu me encontrava, seguiu a irmã de caridade pelo espaço interno do templo. Ela era uma entidade especial. Sua tarefa, ali, era a de emitir energias curativas a alguns dos encarnados que foram assistir à missa. Lupicínio, um dos monitores do curso, falou ao nosso grupo:

- Vejam como ela faz a irradiação espiritual! Percebam que parte disso é dela, mas os “fluidos” mais densos que manipula, são oriundos de uma das “beatas” que assistimos, lá fora, orando em frente às velas.

Quando Lupicínio nos esclareceu, ainda apontou um laço magnético que unia a entidade à “beata”, que estava sentada a uma certa distância, prestando atenção à celebração. Então, o monitor tornou a explicar:

- Olhem lá atrás agora! Notem que o padre João, um dos espíritos-guia desta igreja, faz o mesmo. Está realizando um trabalho de cura, utilizando-se das bioenergias da outra “beata”. Vocês entenderam isso?

Diante do nosso mutismo, o monitor arrematou:

- Isto é mediunidade em ação, dentro da igreja, ainda que de forma sutil. As “beatas” são médiuns com bioenergias curativas, embora atuem sem perceberem com exatidão. São doadoras de “fluidos”. São intermediadoras de alívio a outros encarnados, consistindo em auxiliares passivas. Os princípios ativos dessa assistência espiritual são o padre João e a irmã Clara.

Depois de observarmos mais um pouco aquela atividade mediúnica sutil, houve um sinal do Mestre Alceu. Então, os dois grupos se reuniram novamente e o nosso professor logo comentou:

- Prestem atenção ao altar agora!

O pároco iria iniciar um sermão. Dele se aproximou o padre desencarnado, que já terminara sua tarefa energética junto a algumas pessoas que assistiam à missa. Nesse ínterim, Alceu salientou:

- Padre João vai inspirar o pároco. Percebam a sua técnica!

Foi deveras interessante, embora singelo. O padre-guia espalmou ambas mãos junto à cabeça do condutor da celebração, por trás do mesmo. Foi evidente o ganho de vivacidade do pároco, que passou a comunicar-se com maior fluidez. A concatenação de ideias e a conjugação com ensinamentos do Evangelho ganhavam força e lógica. A mediunidade estava presente mais uma vez.

Após o sermão, o coordenador do curso nos enviou outro sinal. Deveríamos sair do templo. Nos reunimos na praça, em frente à igreja. Ali ouvimos explicações adicionais do nosso professor. Aquela aula prática estava encerrada.

37- ROBÉRIO E QUESTÕES SOBRE DESDOBRAMENTO

Num período de intervalo do curso avançado de mediunidade, pude conversar com Robério. Estávamos na Terra, na casa da médium Sara. Era noite e haveria um encontro com ela, em breve, para reforçarmos nossos laços e aprendizados mútuos. Pai Anastácio, mentor de Sara, também estava presente.

Aproveitei o ensejo para indagar sobre desdobramento a Robério:

- Quais as funções naturais das saídas do corpo físico durante o sono?

O chefe da Triagem logo respondeu:

- Guardiã, a libertação da alma em relação à matéria é um processo absolutamente normal e espontâneo. A função básica consiste nas trocas bioenergéticas necessárias à manutenção do equilíbrio e da saúde do encarnado. A alma, uma vez livre do veículo físico, pode mais facilmente eliminar energias deletérias e absorver outras mais salutares.

No entanto, não satisfeito ainda, tornei a perguntar:

- Mas, há outras finalidades além dessa?

- Sim, Guardiã. Os indivíduos que se projetam lucidamente podem realizar aprendizados no Mundo Astral, bem como rever amigos que não reencarnaram, reencontrar entes queridos que faleceram na Terra, dentre outros benefícios. – e Robério continuou o esclarecimento, em seguida – Mas, entenda uma coisa, a alma que se liberta momentaneamente durante o sono, simplesmente retorna ao seu ambiente natural. Há uma saudade inconsciente do seu verdadeiro lar e, cada um, busca suas “origens”.

Ouvi as explicações do amigo, admirando-me quanto às perspectivas colocadas. Minha mente, naqueles instantes, viajava por entre várias possibilidades. O chefe da Triagem, captando meus pensamentos, tornou a dissertar sobre o assunto:

- Porém, veja bem, quando falo sobre o encarnado que se projeta, na busca de suas “origens”, é preciso entender que cada indivíduo procurará aquilo que já vivenciou antes, ou seja, o que ele considerava como sua base de vida. Cada ser está num degrau de desenvolvimento e, assim, o somatório de seus sentimentos e pensamentos ditam onde querem ir, de forma praticamente automática.

Após um intervalo na interessante explanação, notei que Robério me observava como a

esperar minha reação. Mirei rapidamente o rosto de Pai Anastácio e ele sorria de maneira complacente. Diante da boa vontade de ambos, voltei a me manifestar:

- Robério, poderia explicar melhor?

- Sim, mas a melhor explicação você presenciará mais tarde, quando levarmos Sara a uma determinada região umbralina. Você já sabia que a levaríamos para um “passeio”, mas não tinha ciência sobre o lugar, não é mesmo? Bem, vou adiantar um pouco sobre o assunto da “sintonia espiritual”.

Permaneci quieto e bastante expectante em relação ao que Robério comentou. E ele continuou:

- Quando alguém encarnado sai do corpo material durante o sono, basicamente se desloca para a região de sua origem espiritual. É como a limalha de ferro atraída pelo ímã. Assim, se o indivíduo permaneceu por muito tempo, antes de reencarnar, em localidades ligadas a certos vícios, uma vez encarnado, durante o desdobramento, irá para o local de seu “objeto de prazer”.

Ao ouvir isso, disparei uma afirmativa:

- Então, a projeção astral tem seus perigos!

O instrutor amigo contemplou-me com atenção e retrucou:

- Não exatamente, Guardião. Como assinalei antes, o fenômeno é absolutamente natural. O perigo de continuar com hábitos perniciosos ou vícios não é da saída do corpo, mas sim da própria alma que ainda não se equilibrou o suficiente. Além disso, há que se considerar que todos se projetam, mas a lucidez é muito variável no Astral. Uns fundamentalmente dormem aqui. Outros ficam semiconscientes e, mesmo neste estado, buscam seus interesses de forma automática. Por exemplo, se a pessoa é viciada nos sentidos de ordem sensual, será atraída para regiões astralinas correspondentes a bordéis e similares.

Percebendo a complexidade do assunto, aquietei-me. Na sequência, Robério arrematou:

- Aguarde mais um pouco, meu caro. Está chegando o momento de despertarmos Sara.

38- SARA EM TRABALHO NO ASTRAL

Sara estava fora de seu corpo denso, flutuando inconscientemente. Pai Anastácio, seu mentor, tratou de despertá-la e posicioná-la, de pé, próximo a ele. Fez-me um sinal, para que eu ficasse à esquerda da médium desdobrada. Pai Anastácio e eu a sustentaríamos numa tarefa em região umbralina. A minha proximidade com Sara seria boa oportunidade para eu me afinar mais com suas bioenergias, já que ela estava me possibilitando, no centro de Guarabitã, o desenvolvimento de minhas habilidades mediúnicas.

Após breves instruções de Pai Anastácio à médium, erguemo-nos num deslocamento até uma localidade do Astral Inferior, onde acumulavam-se boates, bares e bordéis, à semelhança do que ocorre no Mundo Físico. Robério foi conosco, mas já havia se utilizado. Quando estivéssemos próximo de nosso alvo, eu e Pai Anastácio ficaríamos também invisíveis aos “habitantes” do local, ao elevarmos a nossa vibração. Mas, mesmo assim, estaríamos vinculados energeticamente à Sara, de modo a auxiliá-la em sua tarefa. Quanto às entidades que ela iria encontrar, consistiam em desencarnados que ainda dependiam de sensações terrenas e vícios típicos de quem está estagnado no caminho espiritual. Além desses, haviam os encarnados que, por meio da emancipação de suas almas, durante o sono físico, também buscavam seus velhos hábitos materiais. Dentre esses, Sara iria encontrar um em especial. Seu nome era Tibúrcio, sendo médium novato do centro de Guarabitã.

Ele, há tempos, vinha lutando contra o vício do álcool e também tentando arrefecer seu ávido interesse pelo sexo. Lá na Terra, estava travando seus desejos de forma intensa, na busca de se equilibrar e contando com a ajuda da egrégora do centro espiritualista. No entanto, certos vícios quando são cultivados ao longo de várias vidas, como era o caso dele, não podem simplesmente ser abafados e dominados de um momento para o outro. Então, Tibúrcio acabava por procurar, de maneira automática, nas regiões umbralinas, aquilo que estava se tolhendo no ambiente terreno. Com esta atitude um tanto radical do médium, não se permitindo ultimamente nem mesmo a ter uma namorada no Plano Físico, ele estava se expondo a um processo obsessivo mais profundo. Isto era o que vinha ocorrendo, já há alguns meses.

Após um tempo de voo razoavelmente rápido, fizemos a médium baixar ao solo. Deveríamos chegar ao vilarejo caminhando, para não chamar a atenção dos frequentadores do local. Logo que passamos a andar, Pai Anastácio disse à Sara que ficaríamos próximos a ela, mas estaríamos invisíveis por um período. Além disso, ele disse a ela para recordar da época da dança

flamenca, em terras espanholas, quando era formosa jovem, muito admirada pelos mancebos. Foi interessante que, após este comentário, Sara entrou numa espécie de transe leve. Seu olhar modificou-se e a jovem senhora transmutou sua aparência. Agora ladeávamos uma mulher na flor da juventude, de gingado sensual, trajando belo vestido rodado, em cores fortes. A seguir, Pai Anastácio comunicou que nós a conduziríamos até o lugar certo. Na sequência, olhou-me e eu entendi que deveríamos nos sutilar. Assim, tornamo-nos invisíveis aos seres comuns da região.

A médium, naquele momento como uma bela espanhola, seguia em passos sensuais e firmes na direção induzida por Pai Anastácio, que lhe tocava levemente o ombro direito. Eu, por minha vez, apoiava minha mão no outro ombro de Sara.

Não demorou muito e chegamos numa ribanceira. Lá embaixo estava a nossa meta, um vilarejo com várias construções e poucas ruas. Havia uma aura avermelhada em torno do conjunto dos pequenos prédios e casas. Era possível ouvir uma mistura de sons, com músicas animadas e gargalhadas diversas.

Descemos em direção ao lugar, por uma trilha estreita. Havia outros caminhos que se cruzavam pela trilha que pegamos. Nessas rotas, já percebia-se um fluxo de seres desencarnados e encarnados projetados. Havia entidades bêbadas pelo trajeto. Uns caídos e outros cambaleantes. Alguns pareciam verdadeiros sonâmbulos, agindo de forma automática, seguindo seus desejos mais secretos. Também era possível notar entidades mais vinculadas ao sensualismo, trajadas em roupas sumárias, caminhando de forma provocativa.

Após parte do percurso, Pai Anastácio fez com que Sara dobrasse à esquerda, dirigindo-a para uma espécie de boate. Lá era o nosso destino.

39- NA BOATE DO UMBRAL

Uma vez na boate umbralina, Sara foi conduzida até onde estava Tibúrcio. Ele permanecia logo abaixo de um tablado, onde mulheres desencarnadas dançavam e se despiam. O médium novato estava magnetizado àquelas entidades de formas femininas. Ele não via praticamente nada ao seu redor. Por isso, Sara seria utilizada nesta tarefa, já que ela continha bioenergias densas o suficiente para chamar a atenção de Tibúrcio, ainda mais que se apresentava como antiga personalidade sensual, que ela fora no passado.

Quando Sara alcançou de fato o médium desdobrado, postando-se ao seu lado, ela transmitiu-lhe que gostaria de conversar com ele a sós, num local reservado. Na realidade, Pai Anastácio intuía Sara a fazer com que Tibúrcio saísse dali. Mas, ele não se convenceu a sair do local, pois estava muito interessado na apresentação em andamento. Assim, comentou com a médium, que não reconheceria como a companheira do centro de Guarabitã:

- Vamos esperar o show acabar! Então, eu vou contigo com muito prazer!

Após este impasse e sabendo que não tínhamos tempo a perder, Pai Anastácio, totalmente invisível aos presentes no ambiente, induziu Sara a retrucar:

- Meu querido, garanto que nossa conversa vai ser muito mais interessante que a apresentação das damas!

Depois de ouvir este argumento e reparar, com mais cuidado, na beleza da aparência de Sara, Tibúrcio cedeu e resolveu acompanhá-la.

A dupla saiu de braços dados do turbulento estabelecimento, que estava apinhado de seres a busca de prazeres. Foram seguidos de perto por nós, que irradiávamos uma vibração protetora, de modo que eles não fossem perturbados pelos demais frequentadores do local.

No ambiente externo, Sara foi intuída a afastar-se da boate o quanto mais possível, trazendo Tibúrcio. Ele caminhava, observando-a com interesse, num estado que não se pode dizer que era de lucidez. Estava, na realidade, imerso em seus desejos e, portanto, sua consciência era limitada.

Quando nos afastamos o suficiente daquelas vibrações mais grosseiras, estávamos ainda no Astral Inferior. Mas, já era possível promover uma conversa sadia. Assim, Pai Anastácio passou a irradiar mais fortemente sua médium, que mantinha a aparência de dançarina espanhola. E ela falou a Tibúrcio:

- Irmão, sei que você veio até a este local na busca de seus interesses humanos. Mas, entenda que aqui, nesta área negativa, estão entidades que apenas querem aproveitar-se das forças que você carrega, como espírito encarnado. Eles não têm mais o corpo denso, mas estão presos a vícios e ao sexo, precisando de pessoas como você para perpetuar os velhos hábitos. Desta forma, insistindo em voltar aqui, quem tem a perder é você! Vai acabar ficando doente e seus propósitos, lá na Terra, de dedicar-se à Espiritualidade, serão perdidos nesta existência!

Ao escutar o inesperado sermão, Tibúrcio ficou em estado de choque. Sua lucidez vinha à tona e, agora, estava envergonhado. E sua interpretação para o que se passava, foi deveras interessante, ficando denunciada pelas suas palavras:

- Minha Pomba-gira Cigana é a senhora? Estou percebendo que é! Muito obrigado pelo seu aviso! Tenho vergonha do que sou! Queria me purificar mais rápido, mas estou preso as minhas necessidades de homem.

Pai Anastácio, aproveitando-se da situação que se formara, induziu Sara a dizer:

- Meu caro, o complemento que você precisa na Terra, necessita ser realizado na própria Terra. Você enverga um corpo de carne e osso e tem sentimentos humanos. Você não é santo! Seja o que precisa ser no Plano Físico, com equilíbrio. Busque uma companheira que possa te ajudar a ser feliz, respeite-a e forme família. Não tente uma evolução impossível para ti, agora. Quanto mais você insistir em travar seus sentimentos terrenos, mais vai sofrer, acabando por parar nestes submundos astrais.

Em seguida, Tibúrcio chegou a se ajoelhar. Ele chorava, entre envergonhado e grato à entidade, que ele julgava ser uma guardiã. Então, falou descompassadamente:

- Minha Cigana, muito obrigado! Me perdoe ter confundido a senhora com uma daquelas mulheres da boate. Eu vou seguir seus conselhos... Eu vou seguir seus conselhos...

Em meio aos soluços, o médium projetado foi desaparecendo de nossa visão, até que sumiu. Ele havia retornado ao seu corpo físico, devido à forte emoção que o dominava. A missão estava cumprida. Levamos Sara de volta ao seu veículo material. Depois, eu iria pedir esclarecimentos sobre o que ocorrera. Algumas dúvidas saltavam em minha mente...

40- DÚVIDAS E ESCLARECIMENTOS

Quando chegamos na casa de Sara, eu e Pai Anastácio ajudamos a médium a se reacomodar ao veículo material. Após isto, ficamos próximos do leito onde dormia a jovem senhora. O preto velho agradeceu ao guardião que zelava pela família de Sara, o bom Tibério, que ficara “montando guarda” no quarto da médium, enquanto esta trabalhava no Umbral, em desdobramento. E isto suscitou a minha primeira pergunta:

- Anastácio, qual foi exatamente a função de Tibério aqui?

Logo recebi como resposta:

- Guardião, Tibério estava próximo à Sara no intuito de evitar a influência negativa de alguma entidade umbralina, que porventura tentasse perturbar o sono dela ou que desejasse roubar-lhe energias.

Ouvindo isso, coloquei:

- Então, se isto tivesse acontecido o trabalho em andamento lá na boate teria sido interrompido...

- Sim, Guardião, como acontece com frequência com os encarnados que tentam colaborar conosco no Astral Inferior. – complementou Pai Anastácio.

Mantive-me em silêncio e o mentor de Sara prosseguiu:

- Às vezes, uma atividade como essa que executamos, demora um pouco a ter êxito, sendo necessárias duas a três tentativas até se chegar ao sucesso.

Na sequência, perguntei:

- O que mais pode atrapalhar uma atividade de trabalhadores encarnados projetados?

A entidade, pacientemente, respondeu:

- Meu caro, são muitos os motivos que impedem que uma tarefa saia vitoriosa. Por exemplo, se o companheiro de Sara estivesse passando por um problema físico ou por algum assédio espiritual, poderia ter uma noite de sono agitada. Então, com reflexos sobre o seu corpo, que poderia se mexer muito, acabaria despertando Sara.

- Assim, ela desapareceria de repente de nossas vistas lá no Umbral, como ocorreu com o Tibúrcio! – falei, interrompendo Pai Anastácio.

E ele continuou:

- Sim Guardiã, ocorreria isto. Você já pode notar que o trabalho em desdobramento tem seus percalços. Aponto também outras questões, como o estado de saúde de Sara. Se ela estivesse com algum distúrbio, como um simples resfriado, esta situação poderia interromper a tarefa, caso sua respiração ficasse limitada. Quando qualquer motivação perturbe o corpo físico, o espírito retorna a sua casa, para conferir o que está acontecendo.

Passei a meditar no que ele havia colocado, imaginando outras possibilidades. Pensei, até mesmo, que um mosquito impertinente poderia interromper uma ação espiritual relevante. Pela minha mente, em seguida, passaram outras possibilidades como outros insetos, gatos vagabundos a remexerem o lixo no quintal etc. Tudo isso poderia despertar Sara.

Em dado instante, Robério, que também retornara conosco da área umbralina, salientou que Sara estava acordando, chamando-nos a atenção. Após mexer-se um pouco, ela abriu os olhos físicos. Em seguida, sentou-se no seu lado da cama de casal e olhou para o marido na penumbra do quarto. Percebendo que seu companheiro dormia, ela levantou-se de mansinho e foi até o banheiro. No retorno, percebeu que seu marido despertara. Assim, ela indagou:

- Querido, você teve algum sonho?

Como ela teve uma resposta negativa do esposo, passou a discorrer:

- Pois eu tive um sonho muito estranho. Eu estava vestida com uma roupa antiga de dançarina. Parecia ser algo da Espanha. Era um vestido lindo.

Como Sara notou que seu companheiro não deu muita importância ao que ela relatava, a médium calou-se.

Então, voltei à carga de dúvidas que assolavam a minha mente, dizendo:

- Esta é uma questão que eu queria saber! O que Sara se recordaria da experiência?

Robério, em seguida, esclareceu:

- Guardiã, enquanto você conversava com Anastácio, há momentos atrás, a médium deveria estar processando automaticamente tudo o que vivenciou no Astral. Mas, o cérebro físico é poderosa barreira para certos fatos que ocorrem no Mundo Sutil. Só ficará registrado conscientemente e com clareza, aquilo que tem alguma correspondência com o cotidiano da vida material de Sara. Portanto, provavelmente pouco ela lembrará.

Na sequência, não pude deixar de lamentar:

- Poxa, então ela perderá memórias tão interessantes!

Mas, Robério assinalou:

- Não exatamente, Guardiã. Tudo está registrado na mente espiritual de Sara, ou seja, boa parte do que ela viveu conosco, está armazenado no chamado nível inconsciente. E isto poderá vir à tona, em determinadas condições, pois nada do que se vivencia, se perde.

Aproveitando o ensejo, Pai Anastácio completou a lição:

- Veja bem, no momento em que Sara foi estimulada por mim, ela trouxe à baila novamente a sua vida pretérita como espanhola. Uma parte de sua experiência, como espírito imortal, que aparentemente estava sepultada, ganhou vitalidade mais uma vez. Aquilo era necessário para ajudarmos Tibúrcio, que está desperdiçando seu tempo e energias naquele lugar.

Muito satisfeito com o que estava ouvindo, tornei a questionar:

- Tocou num ponto importante, que eu também desejava saber. A médium, naqueles momentos, estava num tipo de transe?

O mentor de Sara respondeu:

- Ela estava num transe leve, que a permitiu relembrar o passado e transformar a sua própria aparência. Além disso, estava intuída pela minha energia mental a tomar certas atitudes. Digamos que foi uma parceria de minha parte, com a antiga espanhola que habita em Sara.

Após esta colocação, Pai Anastácio, um típico preto velho na corrente umbandista, alterou sua forma perispiritual. Agora, apresentava-se como um cigano, com trajes que percebi serem da Espanha, da mesma época em que vivera Sara no passado. Pareceu-me que eles já se conheciam desde aquele período. A simpática entidade sorria para mim e salientou:

- Isso mesmo, Guardiã! Foi o que você notou! Tive vida em comum com Sara há um tempo atrás. No entanto, nossa afinidade é bem mais antiga do que a época em que estivemos na Espanha...

41- NA CASA DE TIBÚRCIO

Em seguida, fomos à residência de Tibúrcio. Lá encontramos um ambiente carregado por vibrações densas, fruto dos pensamentos e sentimentos do médium, muito focado na sensualidade. Embora desejasse impedir seus impulsos no Plano Físico, a contraparte astral de seu lar denunciava seus desejos ocultos. Ali perambulavam duas entidades de formas femininas, que vinham realimentando os interesses mais secretos de Tibúrcio, provocando, constantemente, verdadeiras “batalhas mentais” no íntimo do médium.

Eu, Pai Anastácio e Robério mantínhamos, agora, uma frequência vibratória mais sutil, de maneira a não sermos vistos pelas obsessoras. Percebemos, também, uma névoa avermelhada no local, que refletia o “clima” geral da residência de Tibúrcio.

Então, indaguei se o médium estava desprotegido naquela situação, em sua própria casa. Robério, logo esclareceu:

- Não, meu caro. Ele apenas está morando no ambiente que construiu para si mesmo. Embora ele pareça estar muito exposto às assediadoras, aqui há um guardião em atividade constante de higienização. Se não fosse por esta presença, a atmosfera seria bem pior.

Não me contive e perguntei novamente:

- Mas, onde está este guardião, que não o percebo neste momento?

Robério olhou-me de forma enigmática, apenas comentando:

- Daqui há pouco deverá aparecer. Por ora, vamos ao quarto de Tibúrcio.

Assim fizemos, nos deslocando rapidamente para lá. O sensitivo estava desperto, pois, após o seu encontro com Sara no Astral, ele retornara ao corpo material, acreditando ter se encontrado com uma guardiã. E pelo que pudemos presenciar, não voltara mais a dormir. Aliás, o céu clareava no Mundo Físico. Em breve, Tibúrcio se dirigiria ao seu trabalho, para ganhar o pão de cada dia. Assim, já se arrumava com esta intenção.

Então, ouvimos sons de discussão. A origem do conflito era a sala do modesto lar. Quando lá chegamos, vimos que as duas obsessoras estavam sendo confrontadas por uma terceira entidade feminina. Esta, que era uma mulher vestida à moda das tradicionais dançarinas da Espanha, esbravejava contra as duas assediadoras, nesses termos:

- Ele é meu! Não adianta vocês virem aqui atrás dele! Aqui quem manda sou eu!

Ponham-se para fora já!

As obsessoras, embora xingando muito, afastaram-se da casa. Sabiam que não podiam medir forças contra a “espanhola”. A seguir, manifestou-se Pai Anastácio:

- Esta entidade cumpre o papel de guardião quanto a Tibúrcio. Portanto, é uma guardiã e tem vínculos profundos com o médium, desde um passado já distante dos dias atuais.

Em seguida, o preto velho nos convocou:

- Vamos nos densificar e ajudá-la na higiene desta casa.

Assim fizemos e a guardiã, que já havia notado a nossa presença, desde antes, agradeceu o auxílio de nossa parte. Depois de um tempo de irradiação em cada cômodo da residência, a atmosfera local já estava mais leve e não apresentava a névoa avermelhada do início.

Ficamos no ambiente até o momento em que Tibúrcio, já pronto para ir ao seu trabalho, se dirigiu até a porta de saída. No instante que ele segurou a maçaneta, falou em voz alta:

- Obrigado minha Pomba-gira Cigana! Não me sai da cabeça a sua beleza e a sua luz, no sonho em que te vi. Conto com a sua proteção! Eu vou fazer a minha parte! Eu vou melhorar...

Depois disso, rumamos para a nossa base de operações no Astral. No trajeto, a partir de um questionamento que fiz, Anastácio explicou:

– A caminhada de Tibúrcio será longa na busca de equilíbrio. Ele não pode jogar, mesmo que parcialmente, a responsabilidade de seus sentimentos sobre a sua guardiã. Ele é o responsável fundamental pelo que emite e pelo que atrai na vida. Isto irá aprender passo a passo, provavelmente tropeçando em muitas pedras ainda...

42- O CENTRO ESPÍRITA

O curso avançado em mediunidade prosseguia. Por diversas vezes fôramos ao centro de Guarabitã, para as aulas práticas. Eu já tinha um razoável desenvolvimento através da médium Sara, que era uma excelente colaboradora. Mas, numa determinada oportunidade, mestre Alceu nos preparou para uma atividade num centro espírita, onde a linha fundamental de raciocínio e ação seguia os preceitos de Allan Kardec. No nosso encontro prévio, o professor deixou algumas advertências, bem como planejou conosco o que iríamos fazer.

No dia da sessão, descemos ao Plano Terreno. Logo a turma atingiu a localidade do centro kardecista, justamente faltando pouco tempo para o início de uma palestra. As pessoas já adentravam a construção, uma casa ampla com quintal, através de uma porta dupla, que era a entrada principal. Ladeavam esta entrada dois guardiões. Além desses, haviam outros guardiões do templo, no lado externo, na área do quintal. Era possível notar, também, um magnetismo protetor no entorno da casa.

Alceu adiantou-se e, indo ao encontro dos guardiões da entrada, fez um sinal, ao qual foi logo correspondido. Tudo estava programado para a nossa participação e aprendizado.

É interessante destacar que, conforme os encarnados interessados iam entrando no centro, havia uma triagem magnética automática em funcionamento. Algumas companhias espirituais dos participantes conseguiam penetrar no ambiente. Já outros, por um mecanismo sutil, sentiam-se repelidos, permanecendo do lado de fora. Alceu, antes, nos prevenira que veríamos isto acontecendo. Ele explicara que algumas entidades deveriam, de fato, entrar na casa espírita, de modo a assistirem a palestra programada. O assunto seria importante para o esclarecimento deles. Com relação àqueles que foram repelidos, pelo campo magnético instalado, eles seriam encaminhados à segunda fase de trabalhos, que ocorreria mais tarde, na chamada “sessão de desobsessão”. Nesta fase, a nossa turma seria útil, em determinado momento.

No entanto, aproveitaríamos aquele primeiro período destinado à palestra, para observarmos e aprendermos. Assim, uma parcela da nossa turma penetrou no templo, enquanto a outra permaneceu no exterior. Esses grupos fariam aprendizados distintos, que seriam compartilhados, após o retorno à nossa base no Astral.

Eu fiquei, com alguns colegas e o monitor Lupicínio, do lado de fora do centro. Pudemos acompanhar o trabalho dos guardiões da casa espírita. Alguns deles imobilizaram entidades mais desequilibradas, algumas em franca revolta, para que pudessem participar

exclusivamente da sessão de desobsessão. Sobre isso, Lupicínio explicou-nos:

- Companheiros, estes espíritos não teriam condições de frequentar o ambiente da palestra. Se lá entrassem, perturbariam em excesso o público assistente da preleção. Poderiam, até mesmo, desarmonizar o palestrante, a ponto deste perder a conexão com o mentor que o inspira.

Ao comentar isso, o monitor fez um sinal indicando que observássemos um pouco, de onde estávamos, o preletor e a entidade que o intuía durante a palestra.

Pude perceber que o encarnado que falava, tinha perto de 50 anos de idade. Atrás dele, permanecia de pé, com as mãos espalmadas em sua direção, um instrutor espiritual de aparência idosa. Em volta deste ser havia uma luz amarelo dourada bonita e ampla. O assunto explanado era sobre culpas e o remorso. O conteúdo fluía muito bem, demonstrando-se que ações cometidas sem reflexão, invariavelmente levavam à culpa e ao remorso. Não pude deixar de pensar no meu passado, naqueles instantes, mas não entreguei-me ao remorso, seguindo à orientação do palestrante, que dizia que alimentando-se este sentimento, permanece-se estagnado no tempo, preso ao passado. O ideal, segundo a dupla médium/mentor, era reconhecer onde falhamos e, a partir disso, mudar de atitude. Ou seja, colocar em prática novos pensamentos e sentimentos construtivos, o quanto antes. E era justamente isso que eu pretendia, nesta minha fase de desenvolvimento espiritual. Mentalmente, agradei àquela oportunidade de aprendizado como guardião. Eu estava feliz por estar ali e já sabia que remoer os atos falhos do passado, sem tomar novas atitudes, de nada valia.

A palestra transcorreu positivamente e, ao final, foram convidados para uma outra sala, alguns dos encarnados presentes. Estes já estavam previamente avisados de que deveriam estar na sessão de desobsessão, pois seriam beneficiados por ela.

43- A SESSÃO DE DESOBSESSÃO

Após um intervalo, iria começar a sessão de desobsessão. O cenário estava montado numa extensa sala anexa, onde numa grande mesa estavam dispostos vários médiuns, o dirigente da casa espírita e um homem denominado “doutrinador”. A este, principalmente, caberia a conversação e esclarecimento das entidades que se comunicariam em breve.

De início, houve uma prece. Na sequência, assistimos a algumas comunicações mediúnicas de espíritos perdidos no Astral. Uns não sabiam que haviam desencarnado. Outros eram seres que tinham ciência da própria morte material, mas ainda mantinham vícios e apegos ao modo de vida terreno.

Novamente, metade da nossa turma estava dentro do cômodo e a outra metade observava as tarefas do lado de fora. Desta feita, o meu grupo foi orientado a ficar dentro do templo. Alceu transitava entre os ambientes externo e interno. Nessas primeiras manifestações mediúnicas, o nosso professor chamou atenção para o modo mais típico de trabalho nos centros kardecistas, durante a desobsessão. Ele apontou alguns detalhes dos procedimentos e salientou o menor grau de acoplamento entre os espíritos desequilibrados e os médiuns, durante a comunicação mediúnica. Isto se diferenciava das chamadas “incorporações” que ocorrem na Umbanda, entre os guias e seus médiuns. E isto é compreensível, pois um acoplamento mais profundo, chakra a chakra, entre entidades em sofrimento e os médiuns, poderia dificultar a limpeza e reequilíbrio posterior dos trabalhadores encarnados do centro kardecista. Assim o intercâmbio ali, por ser mais superficial, possibilitava um trabalho mais adequado à transformação e esclarecimento de seres desequilibrados, que era uma tarefa fundamental no ambiente sob orientação kardequiana. Em outras palavras, as finalidades imediatas de um centro espírita diferiam daquelas de um centro umbandista. Por outro lado, como mestre Alceu nos explicara previamente, ambos trabalhos eram aprovados pelas esferas superiores e bastante necessários à higienização da atmosfera terrena.

Enquanto eu observava as atividades psicofônicas, o “doutrinador” conversava com uma entidade confusa, dizendo-lhe, dentro de um contexto particular:

- Na casa do Pai há muitas moradas!

Logo raciocinei que aquela frase evangélica cabia para os diversos tipos de centros espiritualistas, como a Umbanda e o Espiritismo de Kardec, ainda também para outras religiões. Cada uma tem sua função no mundo, entre as diversas nações e sociedades.

Mais à frente, o dirigente do centro assinalou um pequeno intervalo. Após aquelas interessantes manifestações, onde se ouviam confissões, lamentos e argumentos de espíritos sofredores no ambiente, através dos médiuns, era chegado o momento de um trabalho especial. Assim Onório, o dirigente, falou:

- Irmãos, agora precisamos de uma atenção redobrada de todos. Mantenhamos, ainda, uma atitude mental de prece, pois rogaremos ajuda do Alto em favor de Carlina, que se encontra muito doente. Mas, nós sabemos que a doença de nossa querida colaboradora, aqui no centro, não é só devida às mazelas físicas que podem derrubar qualquer um de nós. Sabemos que entidades presas a ambições trevosas estão atuando sobre a saúde de nossa irmã. Por isso, rogo aos trabalhadores espirituais da casa que possam trazer o principal causador deste male, para que possamos conversar e quiçá remover esta intenção malfazeja, trocando-a pelo perdão e o amor de Cristo!

Depois de instantes de expectativas dos presentes, dois guardiões do centro trouxeram um espírito bastante obscurecido, colocando-o atrás de um médium experiente do centro. O espírito estava imobilizado, mas poderia influenciar o sensitivo e, através do intercâmbio psicofônico, traria suas razões para a obsessão que adoecia Carlina.

44- O CASO DE CARLINA

- Malditos! Malditos! – logo falou o obsessor pela boca do médium.

Percebendo que ali estava um espírito muito endurecido, o “doutrinador” procurou travar um diálogo em bases bem amistosas:

- Seja bem vindo irmão! Nesta casa, você está rodeado de amigos.

- Não, que besteira é essa? Este lugar protege meu grande inimigo. Como vocês podem ser meus amigos? – retrucou a entidade desequilibrada.

Então, o “doutrinador” tentou uma outra abordagem:

- Meu caro, antes de mais nada, vamos nos apresentar. Meu nome é Dulcídio. Qual é o seu?

- Não te interessa isso! Não sou seu amigo! E como poderia estar rodeado de amigos, se estou amarrado?

A aspereza do assediador era evidente, após sua última fala. Dulcídio, em seguida, tentou mais uma vez amenizar a situação, argumentando:

- Irmão, se você sente que está amarrado, deve ser devido ao magnetismo do nosso centro, que impede aos visitantes tomarem atitudes agressivas. Procure se acalmar e se sentirá mais leve e solto. Acompanhe-me numa oração, dirigida a Jesus.

Quando ouviu a menção a Jesus, o obsessor revoltou-se por completo:

- Não! Não quero oração nenhuma. Foi por causa dos padres que sofri. E ali está um deles, disfarçado de mulher.

Tendo dito isso, olhando em direção à Carlina, não foi difícil compreender que a colaboradora do centro espírita, no passado, estivera encarnada como um padre, que fizera algum mal ao obsessor presente no local. Em seguida, a própria entidade deu mais detalhes do assédio que imprimia sobre Carlina, causando-lhe doença de difícil diagnóstico pela medicina terrena:

- Foi por ouvir os conselhos dos padres, que cometi os maiores desatinos de minha vida. Me levaram ao precipício da loucura! Fui torturado por crimes que não cometi sozinho! Eles me orientaram a fazer o mal, mas só eu levei a culpa! Levei a culpa sozinho! Paguei pelos pecados de todos! Malditos! Malditos!

Dulcídio, percebendo que não poderia transformar a intenção da entidade apenas com palavras, passou a orar por ela. Sua intenção era que, através da oração, descesse sobre aquele ser em sofrimento energias que lhe acalmassem e que produzissem algum tipo de conforto e alívio. De fato, enquanto realizava a prece, fagulhas de forte luminosidade desciam sobre o espírito perturbado. Essas vibrações eram fundidas com as bioenergias dos médiuns presentes, promovendo uma limpeza perispiritual profunda no assediador.

Em breve tempo, o obsessor chorava. Um grande “peso” havia lhe sido tirado. Seu choro se refletia no médium, ocorrendo uma reverberação evidente. A sintonia se revelava intensa entre o espírito comunicante e o intermediário encarnado. Não era como uma “incorporação” típica da Umbanda, onde ocorre acoplamento mais profundo dos chacras do médium aos da entidade, mas, ali, a manifestação traduzia com grande exatidão os pensamentos e sentimentos do ser desequilibrado.

Após o choro do assediador, Dulcídio voltou a dialogar com ele. Embora o sofredor estivesse menos endurecido, era perceptível, através de suas palavras, que ainda haviam ideias e sentimentos conflituosos dentro dele. O espírito tinha mágoas profundas de Carlina e ainda não estava plenamente disposto a perdoar.

A conversa do “doutrinador” com a entidade se estendeu. Como se tocaram em detalhes muito desagradáveis do passado (o que era esperado), houve a atração de seres mais obscurecidos que o próprio obsessor que se manifestava. Então, mestre Alceu nos fez um sinal. A nossa falange agiu, conforme estava programado, na imobilização e retirada dos seres trevosos que tentaram interferir naquela tarefa. Desta forma, Carlina foi libertada da influência da entidade, que finalmente aceitou seguir um novo caminho, amparado por obreiros espirituais adequados ao seu caso.

45- PREPARAÇÃO PARA AULA NA CASA DE MALÊ

Estávamos em mais uma reunião preparatória, com mestre Alceu, para que pudéssemos descer à Terra em oportunidade próxima. O professor, de início, disse-nos que iríamos a um outro centro espiritualista, também vinculado à corrente umbandista. No entanto, ele asseverava que este centro não era como o de Guarabitã, pois labutava mais intensivamente combatendo forças trevosas ligadas à magia negra. Assim, segundo ele, suas ferramentas eram um tanto diferentes, bem como o estilo e o ritmo de trabalho. Após a breve introdução, Alceu passou a discorrer mais profundamente sobre o assunto:

- Companheiros, a Umbanda é como aquelas colchas feitas com vários tipos de tecido lá na Terra. Há pedaços de tecido mais espessos, outros mais aveludados, outros com trama fina... Alguns pedaços são meio escuros, outros mais claros, outros refletem intensamente a luz do sol, ou seja, há vários matizes. Mas, o conjunto desses tecidos forma uma colcha que protege e aquece muito bem aos médiuns e dirigentes sérios, bem como aos sofreadores que batem na porta de um templo umbandista. Desta forma, vocês que estão se preparando para serem guardiões na Umbanda, serão enviados a diferentes centros, dentro desta grande e diversificada corrente, conforme as questões cármicas de cada um e as necessidades próprias de aprendizado. Embora vocês pertençam a uma mesma falange, trabalharão de forma um pouco diferenciada, de acordo com cada templo no Plano Físico, pois os médiuns encarnados possuem formas variadas de entendimento, relativos ao meio cultural onde reencarnaram.

Então, mestre Alceu fez breve intervalo em sua fala, avaliando o impacto de suas colocações em nós. Logo voltou a explicar:

- Bem, vocês estavam acostumados ao centro de Guarabitã, onde praticamente não se faziam as chamadas “oferendas”, através de alimentos materiais. Agora, na Casa de Malê, onde vamos daqui há três dias terrenos, notarão que eles usam intensivamente grãos, tubérculos e outros vegetais, bem como flores, velas e bebidas para “desmancharem” os trabalhos de magia negra, ou simplesmente “feitiçarias”. Essas são atividades nefastas, realizadas por encarnados ainda voltados ao uso da mediunidade exclusivamente para conseguir poder ou benefícios materiais. Estes encarnados, obviamente, têm a sua disposição espíritos desequilibrados que vocês já bem conhecem.

Após nova interrupção, mestre Alceu, notando que estávamos muito atentos e curiosos, tornou à palestra:

- Lá vocês perceberão como e porque usam a matéria para os trabalhos chamados “espirituais”. Adianto que essas oferendas são repositórios de energias que vocês aprenderam, antes, a buscar diretamente na natureza. E já explico, também, que os guardiões que lá exercem suas funções, não se alimentam dessas oferendas, como querem fazer crer alguns incautos do Mundo Terreno. Na verdade, os guardiões e outras entidades da Casa de Malê, e tarefeiros de centros assemelhados, manipulam a energia dos alimentos ofertados a benefício dos próprios médiuns da instituição, bem como para criarem uma egrégora protetória mais densa. Além disso, essas oferendas, em certos casos, são usadas no desmanche de “magias negras”, quando servem como alvo para o descarrego de vibrações deletérias.

Em seguida, o coordenador do curso, com a ajuda dos monitores, teceram mais algumas explicações. Logo após, planejaram junto a nós como deveríamos nos comportar lá e também qual seria o nosso papel, na próxima aula prática.

Ao final, um dos alunos indagou se era mesmo fundamental o uso de alimentos materiais em algumas casas umbandistas. Foi mestre Alceu que respondeu:

– Há muitas formas de trabalhar espiritualmente, tantas quantas são as religiões e suas subdivisões no planeta. Por enquanto, não julguemos. Apenas aprendamos como utilizar as ferramentas que Deus nos disponibiliza. No entanto, não se prendam às ferramentas em si, mas sim no tipo de uso e na intenção. Na casa do Pai há muitas moradas! Um dia a Terra não necessitará dos utensílios mais brutos. Contudo, este dia ainda não chegou.

46- NA CASA DE MALÊ

Ali estavam vários alguidares, com alimentos diversos, em frente ao altar. Dentre eles, canjica, fubá, feijões e frutas, todos preparados conforme as tradições que a Casa de Malê seguia. Algumas velas iluminavam a oferenda e bebidas foram servidas. Aquele dia era especial para o terreiro, pois a data comemorava um santo católico, cujo sincretismo era importante para o centro, bem como acontecia o aniversário de fundação daquela instituição.

A nossa turma, capitaneada por mestre Alceu, era convidada de honra das entidades diretoras da Casa de Malê. Portanto, o nosso aprendizado se daria num dia cujo clima se fazia festivo. Entretanto, o ambiente de festa ocorria muito mais do lado material, do que no Astral. Os guias do centro estavam atarefados nos preparativos para ajudarem aos encarnados presentes, inclusive aos médiuns, com as bioenergias dos alimentos ofertados.

Antes mesmo do início da sessão, os guardiões da casa já retiravam a “essência” de comidas específicas para, logo em seguida, fortalecer a egrégora protetória do terreiro. Acompanhei de perto um desses exus, quando ele foi para o exterior depositar uma espécie de “massa” no piso e laterais da entrada do local, onde, do lado físico, estava um velho portão de ferro. Ele distribuiu diligentemente a “substância”, que assemelhava-se a um cimento úmido, e conforme suas manipulações, ganhava consistência e aderência ao local depositado. Reparei que outros guardiões faziam o mesmo, em determinados pontos da Casa de Malê. Lupicínio acercou-se de mim, explicando:

- Companheiro, as entidades do centro estão usando não só a “essência” dos alimentos, mas também o ectoplasma de alguns médiuns, para dar este reforço de segurança.

- E como funciona essa proteção extra? – indaguei em seguida.

O monitor, solícito, logo esclareceu que a “massa protetória” funcionava como um ímã, atraindo certos tipos de energia, que seriam desarmonizantes para o ambiente. E acrescentou:

- Além disso, entidades obsessoras mais grosseiras acabam por não conseguir adentrar o terreiro, ficando presas nessas passagens. Outros seres em desequilíbrio, ao perceberem que estão “perdendo força”, recuam a partir do portão de entrada, fugindo daqui o quanto antes.

A seguir, ouvimos o cântico de abertura da sessão e fomos para dentro do galpão, onde funcionava a Casa de Malê.

Nós, os alunos do curso, estávamos mais uma vez divididos em grupos, de maneira que

pudéssemos acompanhar atividades diversas para, depois, trocarmos impressões e aprendizados. Assim acompanhei Lupicínio, com mais alguns colegas, para uma posição estratégica. Dali de onde estávamos, era possível observarmos alguns guias espirituais da instituição, que atuava em conformidade com os cânticos entoados em homenagem a Oxalá. Então aqueles seres, naqueles momentos, fundiam energias que vinham do Alto com a contraparte física e sutil dos alimentos disponibilizados. Após um tempo, as oferendas brilhavam de forma especial. E assim ocorreu durante os cânticos de outras linhas da corrente umbandista, quando desciam luzes de tonalidades diversas, conforme o campo vibratório evocado.

Na sequência, iniciaram-se as chamadas “incorporações”. Alguns mentores acoplavam-se aos seus médiuns, com a intenção básica de manipularem de outra forma o conjunto de bioenergias densas dos alimentos, agora imantado com energias provenientes de dimensões mais elevadas. Lupicínio, então, falou rapidamente ao nosso grupo de alunos:

- Observem atentamente, a partir de agora, como os guias da casa vão beneficiar aos encarnados presentes.

Notamos que a maioria das entidades incorporadas emitiam descargas ectoplásmicas, a partir de seus médiuns, sobre as comidas. Assim, o campo áurico das oferendas aumentou bastante o seu perímetro, bem como ocorreram mudanças de coloração. Ali havia um verdadeiro “banquete bioenergético”.

Então, alguns guias incorporados agora já retiravam parcela daquele repositório de bioenergias, para devolver aos seus aparelhos, também direcionando aos encarnados da assistência, que vieram à busca de ajuda.

E Lupicínio voltou a se manifestar:

- Algumas dessas substâncias são usadas para o fortalecimento perispiritual desses médiuns que, por trabalharem intensivamente com antimagia, desfazendo “trabalhos” voltados a prejudicar ao semelhante, precisam dessa reposição e proteção. Esses médiuns são alvos frequentes de entidades desequilibradas e francamente hostis.

Após curto intervalo, quando pudemos observar mais um pouco as atividades, o monitor voltou a esclarecer:

- Vocês devem ter notado que algumas pessoas da assistência ficaram sonolentas e que isso foi devido à verdadeira transfusão energética que passaram. Esses indivíduos precisavam muito dessas bioenergias, que tiveram como base os alimentos ofertados, pois estão adoentadas no nível

físico. Esses vêm sendo obsediados há um bom tempo e são casos especiais. Precisam desse suporte, até que os guias da casa possam desfazer a ligação deles com seus perseguidores astrais, o que é oriundo de magia negra.

Aproveitei o ensejo e arrisquei uma pergunta:

- Lupicínio, mas se esses encarnados não mudarem sentimentos e hábitos negativos, a obsessão há de retornar, não é mesmo?

O monitor, respondendo à questão, acrescentou algo que tinha relação com a aula em andamento:

- Sim Guardiã, com certeza, mas repare você e os demais no objeto principal desta aula: a base dessas bioenergias doadas foi o alimento das oferendas, porque a magia negra que afeta aquelas pessoas foi realizada também através alimentos materiais. Ou seja, para que ocorra uma recuperação mais rápida daqueles indivíduos, a Casa de Malê especializou-se na manipulação de bioenergias densas.

47- APRENDIZADOS E ESTÁGIO

Num dado momento, mestre Alceu comunicou que era hora de todos nos reunirmos do lado de fora da Casa de Malê. O nosso professor apontou para um grande alguidar, com uma oferenda já velha. Ele explicou, a seguir, o motivo daquele chamamento:

- Guardiões, observem bem o material depositado neste alguidar! É evidente que este alimento não está só desvitalizado, mas também que carrega bioenergias densas e obscurecidas. Vocês devem saber o porquê, mas gostaria de ouvir a opinião de alguém.

Então, adiantei-me, buscando assinalar o que de fato aconteceu:

- Mestre, como é comum nas casas umbandistas que trabalham com alimentos ofertados, após o uso das melhores energias, este serve como um tipo de para-raio.

Alceu, satisfeito, complementou:

- Isso mesmo! Depois da utilização da essência vibratória da comida, somada ao ectoplasma dos médiuns e às energias que vêm de cima, os guardiões da casa descarregam a negatividade na própria oferenda. Por isso, esses alimentos precisam retornar à natureza, para a devida reciclagem. E este alguidar está prestes a ser despachado pelos trabalhadores encarnados do centro. Não passa de hoje!

Em seguida à explanação do coordenador do curso, notamos que uma pessoa da assistência, acompanhada de dois médiuns, acabavam de sair por uma das portas do barracão, dirigindo-se ao fundo do terreno que pertencia ao centro. O professor aparentemente ignorou o fato, voltando a falar:

- Vocês vão fazer um estágio na Casa de Malê. Virão aqui, com os monitores, por sete sessões seguidas, que ocorrem uma vez por semana. Aprenderão algumas técnicas de manipulação das bioenergias dos alimentos, com os guardiões veteranos desse centro. É uma ótima oportunidade, aprovada pelo diretor espiritual desta casa, que nos auxilia já há um bom tempo.

Fiquei bem interessado no assunto e criei boa expectativa de aprendizado, sobretudo em saber fundir as energias sutis do Alto, com o ectoplasma liberado no ambiente, em associação com as oferendas. Mas, meus pensamentos foram logo interrompidos por Alceu, que tornou a se manifestar:

- Vamos na parte de trás do centro! Lá tem uma tarefa que nos cabe hoje.

Nos deslocamos até onde estava a pessoa que saíra há pouco do terreiro, com os dois médiuns da Casa de Malê. Estes dois últimos terminavam de macerar uma série de ervas, pois dariam um “banho de descarrego” no rapaz. Era muito interessante que, conforme derramavam o líquido esverdeado no corpo do jovem, placas escuras, como crostas firmemente aderidas ao seu perispírito, soltavam e dissolviam-se em direção ao solo. Enquanto este procedimento era realizado, entidades desequilibradas esbravejavam veementemente. Quatro obsessores do rapaz estavam presos num “ponto de firmeza” da casa, fortemente imantados ao local. Xingavam muito e diziam que não o deixariam em paz. Do lado de fora dos muros da instituição, haviam mais alguns assediadores vinculados ao jovem. Mestre Alceu nos deu uma ordem e parte de nós foi destacada para irmos no encalço daqueles que se revoltavam do lado de fora. Eu e mais alguns alunos-guardiões ficamos encarregados de levar os quatro assediadores presos no “ponto de firmeza”, para uma prisão no Astral.

A sessão ainda transcorria lá dentro, mas nossa aula estava terminada.

48- PRISÃO E DIÁLOGO

Depois da imobilização dos obsessores na Casa de Malê, os levamos para uma prisão no Astral Inferior. Totalizavam nove entidades que perseguiram o jovem, que fora buscar ajuda naquele centro umbandista. Eles estavam, agora, em recinto cercado por barreiras magnéticas. Não poderiam evadir-se do local. Ficariam um tempo ali, de maneira que pudessem ter a oportunidade de modificarem seus pensamentos. Para isso em breve iriam, até eles, entidades especializadas no diálogo, que ofereceriam outro modo de vida e trabalho no Astral, para, mais à frente, terem uma chance de reencarnar. Mas, o caso era complexo. Foi o que revelou, o diálogo de mestre Alceu com o “chefe” daquele grupo, assim que os encarceramos. A conversa, na realidade, surgiu por iniciativa do líder dos assediadores, quando questionou:

- Vocês nos prendem aqui, por quê? Somos tão exus quanto vocês!

Alceu não tinha uma intenção original de confabular com eles. Apenas cumpria a parte que nos cabia, naquele dia de sessão e aprendizado na Casa de Malê. Contudo, o professor resolveu responder:

- Vejo que você é o chefe! Entenda uma coisa que nos diferencia. Nós trabalhamos dentro de uma Lei Maior, através da Corrente da Umbanda. Vocês, por outro lado, pretendem fazer a lei e a justiça pelas próprias mãos, não é?

O assediador, que não era totalmente ignorante da Lei de Causa e Efeito, retrucou:

- Sei muito bem a base da Lei. Josefo nos pertence, pois nos fez sofrer no passado. Prometeu e não cumpriu! Estamos aqui para cobrar o que nos deve! Assim é a lei da vida! Quem deve, precisa pagar. Nós estamos cobrando e não vamos desistir.

O professor, logo em seguida, argumentou:

- Não serei eu que vou te convencer de nada quanto à Lei. Aguarde os juízes que virão até aqui. Eles vão mostrar um passado mais antigo, que a mente de vocês não alcança agora. Então, tudo será esclarecido.

As palavras do nosso orientador não agradaram às entidades, que começaram a praguejar. O líder dos obsessores levantou a mão e os demais se calaram. Ele tornou a falar:

- Eu sou exu! Estou aqui com a minha falange! Você e sua tropa estão interferindo na execução da lei contra Josefo. Os juízes vão me dar razão! Você vai ver!

Alceu, desejando evitar um alongamento da conversação, colocou:

- Vocês não são guardiões, pois querem legislar e executar a Lei de uma só vez. Há uma Lei Maior! Num outro momento, entenderão... Tudo será devidamente esclarecido...

Os assediadores voltaram a protestar, enquanto nos retirávamos da área da prisão. Era bem perceptível o ódio deles. Pude captar imagens que brotavam de suas consciências, notando que, no passado recente, Josefo realmente lhes prejudicara muito.

Mais tarde, já na nossa base de operações, mestre Alceu teceu alguns comentários adicionais sobre o caso:

- Esta questão é complexa! Josefo é o nome da encarnação anterior do rapaz doente e perturbado, que foi pedir socorro na Casa de Malê. Naquela vida, ele atuava na magia negra. Provocou muito sofrimento alheio e prometeu benefícios a outros que, não conseguindo o desejado, lhe cobram as barganhas até hoje. Alguns desses que lhe perseguem agora, foram colaboradores frustrados na vida pregressa. Mas, essa história vem de bem longe. Há muita gente envolvida. Em épocas mais antigas, os papéis estavam trocados. Josefo também já foi prejudicado, ou seja, esteve na posição de vítima. Por isso, neste momento, recebe alguma ajuda através da corrente umbandista. No entanto, o jovem precisa melhorar sua índole e resgatar erros do passado. Voltou à matéria com a intenção de assumir a mediunidade na Umbanda, fazendo real caridade, sem ganhos monetários. Entretanto, estes perseguidores astrais pensam apenas na vingança, pois estão com a memória restrita à última passagem pela Terra. Tudo deverá ser colocado “em pratos limpos” brevemente. Talvez alguns desses inimigos possam se converter em entidades tarefeiras, através da própria sensibilidade mediúnica de Josefo. Contudo, isso não depende de nós. Há orientadores mais capacitados para este propósito. Por ora, cumprimos a nossa missão.

49- MAGIA NEGRA

A nossa turma do curso de mediunidade avançada estagiou por um período na Casa de Malê. Lá realizamos aprendizados que, no futuro, se revelariam importantes na execução de nossas tarefas como guardiões incorporantes, dentro da Corrente Astral de Umbanda, sobretudo no quesito “combate à magia negra”.

Após esta fase intensa, mestre Alceu nos chamou para a preparação de uma aula prática especial. E ele assim se manifestou, na nossa base operacional:

- Guardiões, vocês já assimilaram ensinamentos de grande relevância nos últimos tempos. Posso afirmar que estou bastante satisfeito com o que tenho visto até agora. Percebo que tenho, aqui, espíritos aguerridos e muito dedicados a atingir a meta que almejam.

Então, o professor fez uma parada nos seus comentários. Ele nos olhou, percorrendo todo o espaço, de modo a captar nosso ânimo geral. A seguir, tornou a se comunicar:

- A próxima aula prática será especial e vocês já vão entender o porquê. Até o momento, notaram que essas aulas de cunho prático têm sido, sempre, dentro da zona de influência de templos, com suas respectivas egrégoras protetórias. Pois bem, a próxima aula será em ambiente adverso! Atuaremos, em aprendizado, dentro de um local onde se pratica a chamada “magia negra”.

Nós, alunos, nos entreolhamos com a notícia recém recebida. Havia um franco espanto no nosso grupo. Mas, o coordenador não permitiu que aquela sensação se estendesse, voltando a falar:

- Tendo-se em vista esta programação, fundamental como experiência para vocês, informo que de fato há riscos e, por isso, a turma será dividida em agrupamentos menores. Assim, eu e os monitores teremos um controle maior da situação.

Permanecemos quietos, porém interrogativos mentalmente. Desejávamos maior compreensão do que aconteceria. Por isso, Alceu continuou:

- Cada aula prática terá a presença de sete alunos, dois monitores e eu. Iremos em locais diferentes com cada grupo de alunos, de modo a assistir atividades de magia negra na Terra. Estaremos numa vibração mais sutil do que as entidades que assessoram aos feiticeiros encarnados. Ou seja, estaremos invisíveis a eles durante os procedimentos mágicos e mediúnicos.

Depois desta explicação, mantivemo-nos em silêncio. Eu confesso que entusiasmei-me

com o que viria. A curiosidade era crescente em mim. Alguns pensamentos passaram rápido pela minha cabeça, mas logo voltei a prestar atenção ao professor, que prosseguiu:

- Precisaremos estar muito concentrados, quanto ao que vamos assistir, para que o aprendizado se produza. Contudo, também será fundamental não nos envolvermos com as vibrações das atividades em andamento, pois se isso acontecer com alguns de nós, poderemos ficar visíveis aos seres desequilibrados. E isto causará confusão, desgaste desnecessário de energia e a interrupção da aula. Alguma pergunta?

Um colega de turma, aproveitando a oportunidade, indagou:

- Mestre, corremos algum perigo de ficarmos presos numa dessas egrégoras dos feiticeiros?

Então, Alceu asseverou:

- O risco não é grande, mas se qualquer um do grupo se afinar com aquelas energias movimentadas, permitindo-se voltar ao passado de negatividades que já praticaram, poderão sentir impactos desagradáveis. Quanto a ficar preso, isto acontecerá apenas se um de vocês desejar de fato ligar-se novamente à magia negra. Lembro que o livre-arbítrio é respeitado entre nós. Em outras palavras, ficar preso àquilo dependerá basicamente de cada um.

Em seguida a esta resposta houve um silêncio. Entretanto, o coordenador complementou:

- Com relação à possibilidade de alguém ficar retido na egrégora negativa dos lugares que visitaremos, contra a própria vontade, tranquilizem-se: teremos uma proteção extra do Alto nos dias que virão.

Na sequência, instruções adicionais nos foram transmitidas. No final, o professor pediu aos monitores que informassem a divisão da turma em grupos, bem como o cronograma das aulas vindouras.

Saímos daquela aula preparatória com grandes expectativas, mas também com alguma apreensão. Todos nós éramos espíritos endividados e, no fundo, tínhamos traços sombrios que ainda faziam parte de nosso ser.

50- O SACRIFÍCIO

Era chegado o dia da aula prática do meu grupo. Eu, seis colegas, Alceu e os dois monitores estávamos prontos em determinado ponto do Astral. Fizemos, após as devidas instruções, um ajuste energético em nossos veículos astrais, padronizando ao máximo as nossas vibrações. A conexão entre nós estava muito boa e podíamos agir em grupo, com boa desenvoltura. Funcionariamos como um organismo, embora fôssemos consciências independentes. Isto era possível devido ao foco fundamental da atividade, que compartilhávamos de maneira bem concentrada. Mas, o teste maior seria lá na Terra, dentro da egrégora de um feiticeiro reencarnado, na sua base material de ações.

Quando atingimos o Plano Terreno, logo nos dirigimos a um subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro. A localidade tinha aspecto rural e a habitação do feiticeiro era uma pequena gleba, cercada por arames farpados, pregados em velhos moirões. Havia um casebre, que servia de moradia para Sebastião, o bruxo voltado a interesses puramente egoístas, bem como um velho galpão, onde eram realizados os “trabalhos”. O quintal era composto por uma área com mato, onde estavam soltas algumas galinhas e cabras. Havia uma outra área de terra batida, sombreada por uma grande figueira. Se o espaço físico não era limpo, nem organizado, muito pior era a contraparte astral do lugar. Ali coabitavam com Sebastião, muitos seres com aspecto sombrio. Alguns apresentavam deformidades perispirituais. Havia também formas-pensamento enegrecidas e pulsantes, que correspondiam aos sentimentos e pensamentos emanados pelo feiticeiro e seus consulentes, que iam buscá-lo com frequência, pagando-lhe em dinheiro por seus “serviços”.

Para penetrar no galpão, foi perceptível que existia no seu entorno, uma atmosfera mais densa ainda. A construção era cercada por seres trevosos, que transmitiam vibrações bastante negativas, reforçadas pelo ectoplasma de Sebastião e pelas bioenergias retiradas dos animais sacrificados nos rituais de magia negra.

Colocamo-nos a um canto do galpão, em bloco, para assistirmos a uma atividade prestes a se iniciar. Procuramos nos manter serenos ao máximo, embora tivéssemos expectativas, de modo a não sermos vistos e nem mesmo percebidos pelos desencarnados presentes.

Sebastião já trocava palavras com o cliente do dia, procurando saber seus desejos e queixas. O bruxo era ladeado por um auxiliar encarnado, que obedecia fielmente a suas ordens. Por trás do feiticeiro, permanecia um ser alto, embora corcunda, com vestes negras. Este espírito chefiava as demais entidades desequilibradas dali.

Após assistirmos à barganha, Sebastião solicitou ao seu ajudante que lhe trouxesse uma galinha. Rapidamente foi atendido. Em seguida, o próprio feiticeiro sangrou o animal sobre uma vasilha larga de barro. Enquanto o animal estertorava, a entidade trevosa que estava atrás do bruxo, acoplou-se em seu médium. Esta parte da atividade era bastante relevante para o nosso aprendizado sobre mediunidade. Precisávamos prestar atenção aos mecanismos em ação, para compreender melhor como funcionava a magia negra.

Sebastião entrou em transe profundo. Havia intenso acoplamento entre os centros de energia do médium feiticeiro e de seu comparsa espiritual. As bioenergias da galinha moribunda eram amplamente sorvidas pelo ser trevoso, que estava agregado ao bruxo. Outras entidades, naqueles momentos, aproximaram-se dos atores principais do sacrifício, fechando um cerco obscuro. Pareciam urubus em volta da carniça.

Quando o galináceo parou de se debater, ouviu-se uma gargalhada saindo da garganta de Sebastião. Era a manifestação de satisfação de seu companheiro espiritual. Ele estava, agora, repleto de bioenergias mais densificadas. O conjunto médium/entidade se deslocou até a porta do galpão, bradando ordens a alguns lacaios do Astral. Estes, após receberem parcelas das energias sorvidas pelo ser que mediunizava o feiticeiro, partiram para cumprir as tarefas barganhadas há pouco.

Era interessante observar que os pés descalços de Sebastião, a cada passo que dava, apoiando-se à terra batida, ficavam como que “fundidos” ao solo por descargas escuras. Havia um profundo magnetismo entre a dupla médium/espírito e o chão do lugar. Mestre Alceu nos comunicou, que aquela conexão telúrica era realçada pelas bioenergias recém-assimiladas do animal sacrificado.

Num dado instante, sentimos um abalo na egrégora do nosso grupo. Um dos alunos havia se desequilibrado um pouco, pois em sua última vida terrena participara de rituais de magia negra. Ele estava nauseado pelas recordações intensas que lhe vinham à mente, o que não ficou oculto de nós. Assim, o professor resolveu dar por encerrada a aula. Retornaríamos a nossa base de operações no Astral, para maiores esclarecimentos.

51- ESCLARECIMENTOS POSTERIORES

Uma vez no nosso meio natural, no Astral, tudo se estabilizou. Catarino, que não se sentira bem, pôde reequilibrar-se. Ele ficou envergonhado, acusando-se pela interrupção da aula, mas mestre Alceu colocou:

- Não, Catarino! Nada se perdeu de aprendizado. Pelo contrário, o que tínhamos que assistir foi o esperado e, quanto a você, acabou por propiciar aos demais uma lição importante.

Nosso colega mostrou-se surpreso ante à explicação fornecida, aguardando mais detalhes, que não demoraram a ocorrer através do coordenador do curso:

- O fundamental era assistir ao mediunismo entre a entidade e Sebastião, observando-se como se dava a captação das bioenergias animalizadas provenientes do sacrifício. Além disso, foi importante registrar a transmissão de parcela dessas vibrações aos assediadores subalternos, que, já neste momento, devem estar se movendo para realizar influências e obsessões mais eficazes, nos inimigos do cliente do feiticeiro.

Depois de curto intervalo, Alceu prosseguiu:

- Com relação a você, Catarino, foi possível perceber o quanto um guardião precisa desvincular-se dos erros do passado, agindo de maneira impessoal, nas tarefas que nos são confiadas. A nós não cabe julgar àqueles a quem vamos ajudar ou combater e, além disso, também não devemos julgar a nós mesmos, durante as atividades de guardião. Enquanto estivermos em serviço, temos que ser fundamentalmente executores das tarefas.

Nova interrupção na preleção ocorreu. Catarino parecia um pouco envergonhado, mantendo o silêncio. Logo o professor voltou a se comunicar:

- Mas, dos erros é que vêm os acertos! Você, Catarino, cometeu pequeno deslize emocional. Em turmas anteriores, já assisti a derrocadas piores.

Não me contive e disparei uma pergunta:

- Mestre, poderia nos dar um exemplo dentre esses erros que você comentou?

A resposta não tardou:

- Bem, vou contar um caso bastante útil, que servirá a todos vocês. Numa das primeiras turmas deste curso avançado em mediunidade, havia um guardião em formação muito impetuoso. Ele sempre era um dos primeiros a experimentar as técnicas ensinadas, sendo frequentemente

voluntário nas atividades práticas mais complexas. Mas, um dia, ele causou grande confusão, numa aula como essa de hoje, dentro da egrégora de um feiticeiro praticante de magia negra.

Ficamos bastante expectantes quanto à continuidade do caso. Assim, mantivemos silêncio absoluto, enquanto o professor buscava em sua memória o restante da história. Parecia também, que ele estava selecionando a melhor forma de nos passar o relato, o que aconteceu em seguida:

- E justamente no momento crítico da aula prática, quando o bruxo sorvia bioenergias de um boi que fora levado ao sacrifício, que o aluno densificou-se ao nível das entidades voltadas à magia negra. Vocês poderiam imaginar o porquê?

Algumas hipóteses perambulavam pela minha cabeça e, provavelmente, pela mente de meus colegas. Porém, nenhum de nós quis arriscar uma resposta. Assim, mestre Alceu deu continuidade:

- Eu mesmo vou responder. O aluno densificou-se para atacar ao médium e seu comparsa espiritual, tentando interromper a atividade. Ele julgou, condenou e quis também punir aqueles seres de imediato.

Ao ouvir o que o professor narrou, vários de nós não se contiveram. Muitos risos eclodiram naquele instante. Mas, o coordenador logo voltou à narrativa:

- Em seguida, de fato o aluno atrapalhou o processo energético que transcorria, até porque o professor da época, os monitores e os demais alunos tiveram que agir em conjunto, densificando-se todos. Algumas entidades trevosas foram capturadas e o médium feiticeiro passou mal. Entretanto, perdeu-se o conteúdo principal da aula, que teve que ser repetida em outras circunstâncias.

Após essa vivência revelada, Alceu abriu oportunidade para diversas perguntas sobre a questão da magia negra. Muitos esclarecimentos ocorreram, inclusive sobre os aspectos cármicos envolvidos. O professor também apontou que o nosso planeta ainda seria campo fértil para essa atividade, por um tempo razoável, pois a magia negra fundamenta-se na mente desarmônica de cada um. Ele salientou que, na realidade, para prejudicar alguém não é fundamental utilizar sacrifícios de animais e outros artificios, pois essas práticas apenas potencializam a magia negra. Em outras palavras, isto existe porque a inveja, a arrogância, o ódio e outros sentimentos desequilibrados habitam o coração do ser humano.

Ao final do nosso encontro, um colega curioso indagou ao professor:

- Mestre, este aluno voluntarioso da história que você contou, tornou-se um guardião?
Ele ainda está entre nós, ou reencarnou? Pode nos revelar?

Alceu, de pronto, respondeu:

- Claro que sim! Esse guardião da história sou eu.

52- O TÉRMINO DO CURSO

Há um dia em que tudo termina, seja um estudo, um longo trabalho ou um ciclo de vida. Assim, o curso avançado em mediunidade teve mais algumas aulas práticas e aprendizados, mas atingia o seu final.

Estávamos, todos, muito felizes e expectantes porque, embora aquele convívio grupal se extinguisse, ainda nos “esbarraríamos” nas tarefas práticas umbralinas ou junto ao ambiente terreno. Alguns de nós trabalharíamos nos mesmos centros espiritualistas do Mundo Físico. Além disso, a satisfação era grande porque aprendêramos muito. Nenhum de nós era o mesmo ser, que começou aquela jornada na primeira aula. E em somatório, havia uma ansiedade positiva em “colocar a mão na massa” de vez. O trabalho mediúnico, para nós, era como uma porta de regeneração. Nossos débitos conscienciais e o desejo de ir além das limitações que sempre cultivamos, eram como um motor poderoso a nos impulsionar adiante.

Contudo, o curso não terminaria de forma repentina, sem algum evento demarcatório. Por isso, estava planejada uma cerimônia de caráter simbólico, como se fosse uma formatura em escola terrena.

O evento contou com a presença óbvia de todos os alunos, que conseguiram, sem exceção, finalizar positivamente o curso. Todos tínhamos adquirido as diretrizes mediúnicas fundamentais, que um guardião da corrente umbandista precisa ter. Inclusive, alguma prática já absorvêramos, embora a real experiência só viria a se concretizar, depois de anos de trabalho árduo. Estavam ali o mestre Alceu e os monitores, bem como entidades hierarquicamente superiores, que organizavam de forma mais ampla as atividades de aprendizado mediúnico. Também se encontravam naquele espaçoso teatro do Astral, muitos espíritos amigos e mentores daqueles guardiões, que acabavam de ganhar o direito de labutar dentro da esfera da Umbanda. Eu estava particularmente feliz com a presença de Robério e de Pai Anastácio.

O roteiro da cerimônia seguia, com alguns discursos inspirados dos principais responsáveis pelo curso. Mestre Alceu também teve oportunidade de falar aos presentes, quando foi saudado efusivamente pelos alunos. O clima era de grande satisfação.

Num dado instante, um coro de entidades da egrégora umbandista iniciou uma sequência de cânticos. Alguns desses são entoados no Plano Físico, enquanto outros só acontecem no Mundo Astral. Conforme esses “pontos cantados” eram realizados pelo coro e pelos demais, desciam sobre nós energias de diversos matizes. Estávamos sendo abençoados por vibrações

harmonizantes, algo difícil de descrever aos encarnados. Um fato muito interessante, é que a medida que as canções eram entoadas, iam surgindo alguns encarnados desdobrados. Aquela força vibrante os atraía e, em especial, muitos daqueles seres em projeção astral eram médiuns que seriam nossos parceiros lá na Terra, em variados centros espiritualistas. Uns estavam mais lúcidos, compreendendo que participariam de uma espécie de “festa espiritual”. Outros agiam meio sonambulicamente, mas também sendo beneficiados pelas energias que desciam de dimensões superiores. Eu já estava emocionado, mas fiquei mais ainda quando notei a presença sorridente de Sara, que era a minha primeira “porta de evolução” através das lides umbandistas. Ela vinha de mãos dadas com seu sobrinho encarnado, Luciano, que seria um médium fundamental para mim, no futuro, propiciando-me o ganho de experiência necessário. Eu e ele caminharíamos juntos muitos anos, numa parceria muito produtiva para nós dois...

53- O INÍCIO DOS TRABALHOS MEDIÚNICOS DE LUCIANO

Vários anos terrestres se passaram. Eu havia treinado intensivamente com Sara, no terreiro de Guarabitã. Outros aprendizados práticos, no campo da “incorporação”, também me foram possibilitados. E chegara o grande dia em que Luciano, sobrinho de Sara, agora com 18 anos, se tornaria médium no mesmo centro de sua tia. Finalmente, eu seria o guardião principal de alguém, numa missão mediúnica.

Robério me acompanhava naquele primeiro dia, pois foi a partir de sua orientação que tudo foi programado. Luciano, seu filho na última encarnação, iria compartilhar comigo muitas tarefas de auxílio pela via da mediunidade. No passado remoto, eu e ele erramos juntos em atividades de magia negra. Agora, iniciaríamos uma caminhada de resgate dos deslizes, com o desenvolvimento de uma parceria evolutiva.

Eu e Robério estávamos felizes. Pai Anastácio também estava presente e trazia uma aura de satisfação em torno de si. Aqueles momentos, prestes a acontecerem, eram o coroamento de anos de estudos e esforço de minha parte e de muitos outros no Plano Espiritual. Na contraparte terrena, também ocorreram muita labuta e dedicação.

Luciano, que reencarnara com uma ligeira deficiência física numa das pernas, tinha no geral uma saúde oscilante. Isto era reflexo de suas atitudes desequilibradas no passado. Assim, a fragilidade orgânica que apresentava, o aproximou bastante de Sara, que frequentemente o ajudava com seus recursos mediúnicos. Na realidade, sua saúde não era constante, pois os assédios espirituais se sucediam com alguma intensidade, o desequilibrando. Então, Luciano já era frequentador assíduo do terreiro de Guarabitã, como “consulente”. Mas agora ele estava ali, pela primeira vez, trajado com a típica roupa branca que se usa num templo umbandista. Iniciava, naquele dia, o seu desenvolvimento mediúnico.

A sessão já estava aberta e os cânticos tomavam conta do salão. Aquela era uma atividade direcionada para médiuns iniciantes. Junto ao Luciano haviam mais seis outras pessoas, homens e mulheres, que desejavam dar partida em suas atividades como sensitivos. Após os pontos cantados de várias correntes vibratórias da Umbanda, chegava a vez da “Linha dos Exus”. Assim, nós guardiões estávamos a postos. Iríamos influenciar nossos respectivos médiuns em instantes.

Quando foi entoado um cântico específico, com o nome que me designa como guardião, aproximei-me mais de Luciano. Ele logo percebeu a minha presença, que se refletiu, de uma forma geral, como uma espécie de tremor em seu corpo físico. Eu estava atuando em alguns de seus

chacras, de maneira que isso estimulava importantes centros nervosos. Como nossa afinidade vem desde tempos antigos, e como o jovem tinha boas expectativas quanto à mediunidade, foi possível que eu aprofundasse a minha influência.

Em pouco tempo pude utilizar, inclusive, o seu aparato de comunicação vocal. Embora com alguma dificuldade, consegui emitir uma gargalhada, que servia para desbloquear o chacra laríngeo. Isto fazia parte da preparação para, no futuro, eu poder me comunicar melhor, fornecendo instruções verbais através do médium. Aliás, esta típica gargalhada exercida pelos guardiões de diversas falanges, é uma marca desta linha de trabalho na Umbanda, tendo também outras finalidades no ambiente.

Logo em seguida consegui, com sucesso expressivo, controlar os movimentos de Luciano pelo terreiro. Quanto a sua parte mental, houve boa conexão com as minhas ideias. O rapaz chegou, naquela primeira “incorporação”, a uma boa profundidade mediúnica em parceria comigo.

Ao final do período determinado para treinamento com guardiões, realizei uma limpeza no campo áurico do jovem. Retirei alguns miasmas e imprimi sentimentos de confiança em Luciano, que era tímido em excesso. A deficiência física que carregava, embora não fosse severa, nem tão limitante, provocara uma baixa autoestima nele. Mas isso, com o tempo, tenderia a ser abrandado, com a ajuda das entidades que tinham programação de tarefa mediúnica com Luciano. Entretanto o próprio médium, com certeza, precisaria mudar alguns pensamentos e sentimentos.

Terminada a sessão, havia alegria entre os encarnados, sobretudo em torno de Luciano, o mais jovem dali, que teve um desempenho acima do esperado. Do lado de cá, no Mundo Astral, havia muita satisfação. Estava iniciada uma longa jornada mediúnica, que visava o rompimento com um passado de erros e, no presente, representava uma grande oportunidade de transformação.

54- CAMINHOS QUE SE CRUZAM

Três anos depois, com Luciano sendo bom médium atuante no centro de Guarabitã, aportam novos frequentadores no templo. Dentre eles, havia uma jovem com idade próxima a de Luciano. Rosa era o seu nome e apresentava-se desequilibrada, psíquica e organicamente. A moça tinha fobia quanto a lugares escuros e, por isso, dormia mal à noite. Só pegava no sono, em grande parte das vezes, ao raiar do dia. Vivendo dessa forma, por muito tempo, teve a sua saúde afetada. Estava magra demais e a melancolia era sua companheira íntima.

Ajudei bastante Rosa, através do aparato mediúnico de Luciano. Afastamos algumas entidades perniciosas, que perseguiram a jovem desde uma vida anterior. Eram cobradores de uma velha dívida. Mas, como o tempo de cobrança não é eterno, como muitos teimam em acreditar, o “inferno” na vida de Rosa estava por terminar. Os obsessores foram encaminhados para uma vida de renovação e, quanto à Rosa, ela deveria fazer o mesmo: transformar a própria existência.

Assim, ela foi convidada a permanecer no terreiro como médium, no intuito de desenvolver suas habilidades potenciais neste campo. A moça aceitou de bom grado, bem como seu padastro, um homem equilibrado e também possuidor de dotes mediúnicos.

Após alguns meses de recuperação e preparação, Rosa passou a usar o “uniforme” tradicional umbandista: as roupas brancas. Ela ficou um bom tempo como auxiliar nos trabalhos, atuando como cambono (médium da Umbanda que não incorpora, mas realiza várias atividades antes e durante uma sessão). Num determinado dia, ela foi avisada por Guarabitã que sua jornada como médium mais ostensivo (“incorporante”) iria iniciar. Desta maneira, passou a frequentar assiduamente às sessões de desenvolvimento mediúnico.

Não demorou muito! Em poucas semanas, Rosa já sentia a influência das entidades com as quais se afinava e que estavam programadas para a tarefa. Uma dessas entidades eu conhecia bastante bem. Ela era Lourdes, a “Lulu” com quem convivi na minha última existência terrena. Lulu se tornara uma guardiã e, pelos laços espirituais pretéritos com Rosa, seria a sua principal colaboradora na Linha dos Exus.

Em passado recente, eu e Lulu desperdiçamos juntos uma boa parcela de nossas vidas materiais, conforme assinalado no início deste livro. Agora estávamos próximos novamente e poderíamos atuar em cooperação, para ajudar alguns desvalidos do mundo, necessitados de reequilíbrio. Eu e ela tornamo-nos felizes pela oportunidade, que não se restringiria aos trabalhos no templo dirigido por Guarabitã. Havia algo a mais! Luciano e Rosa, na realidade, estavam se

reencontrando no ambiente terreno. Tinham, durante o período em que estiveram desencarnados, se prometido um ao outro na Terra, através de uma união sincera e dedicada. O que não conseguiram realizar bem no passado, pretendiam refazer em melhores bases. Assim, eles se casariam para formar uma família. Teriam filhos, que eram espíritos com os quais haviam débitos pregressos. Portanto, eu e Lulu funcionaríamos, também, como guardiões daquele núcleo familiar que estava prestes a se formar. Os caminhos de todos nós, encarnados e desencarnados, estavam cruzados...

55- OS DIAS ATUAIS

Décadas se passaram. Hoje sou um guardião com boa experiência, tanto nas lides umbralinas, quanto nas tarefas realizadas através de médiuns no ambiente terrestre. Faltam, ainda, longos anos para que eu possa reencarnar, se isto for observado pelo ângulo terreno. Para mim, que estou no Astral, diria que brevemente retornarei à matéria, de modo a aperfeiçoar-me como ser humano. Quando isto ocorrer, precisarei colocar em prática tudo que estudei e exercitei “do lado de cá”, aí na Terra.

Mas, ainda tenho período expressivo de labuta entre os falangeiros da Umbanda. Atualmente exerço atividades frequentemente através de três médiuns no Brasil. Um deles é Pablo de Salamanca, que, em especial, tem me propiciado a manifestação através da psicografia. Os outros dois são tradicionais medianeiros da corrente umbandista, que atuam fundamentalmente através da “incorporação”. No entanto, esses três médiuns são ótimos colaboradores nas regiões umbralinas, através do desdobramento espiritual ou projeção astral. Contudo, apenas Pablo consegue recordar bem algumas dessas tarefas nas regiões inferiores do Astral. A densidade energética desses trabalhos no Umbral dificulta tanto a manutenção de boa lucidez, quanto a memorização dos acontecimentos.

Entretanto, como Pablo teve uma programação de vida, antes do reencarne, para divulgar essas atividades umbralinas, veio preparado para isso. O que ele não consegue realizar, em termos de lucidez e de condição rememorativa, por suas próprias forças, é coberto por um suporte extra que podemos fornecer.

Futuramente, e ainda a depender de uma autorização, poderei retornar através deste médium, para apresentar informações sobre atividades em dimensões astrais de vibração próxima à terrena.

56- MENSAGEM FINAL

Em agosto de 2014, o autor espiritual desta obra, que chega ao seu final, manifestou-se através de um poema, que deixo àqueles que se interessaram em conhecer os conteúdos aqui narrados:

A MORTE SEMPRE VEM

I

A morte sempre vem
De formas, muitas vezes, inesperadas.
Nas casas, nas vilas, nas estradas,
Entre os fortes ou entre pessoas adoentadas.

II

A morte sempre vem.
Ela está presente entre velhos e adultos,
Como entre crianças e indigentes.
Chega aos piedosos e também aos inclementes.

III

A morte sempre vem.
Ceifa campos de arroz e de trigo.
Arrasa glebas de milho e de cevada.
Magoa aos pobres e às pessoas abastadas.

IV

A morte sempre vem.
Derruba penhascos e florestas,
Destruindo largas estradas.
Cala os rios, bloqueando suas águas.

V

A morte sempre vem,
Sob o céu enegrecido
Ou sob a lua prateada.
Muitas vezes, sob o sol e sua luz dourada.

VI

A morte sempre vem.
Atinge o ínfimo formigueiro.
Abate a grande manada,
Nas montanhas ou na planície esverdeada.

VII

A morte sempre vem.
Maldita para muitos,
Mas não pela Energia Divina,
Que tudo sabe e sempre ensina.

VIII

A morte sempre vem.
Para o descanso de alguns.
Para a renovação de outros.
Para o começo de todos.

XIX

A morte sempre vem,
Para os inteligentes ou tolos,
Que não fazem boa interpretação.
A morte é, em verdade, transformação!

X

A morte sempre vem,
Indesejada e até detestada.
Parece o fim, parece o nada.
Na realidade, é início de nova caminhada.

XI

A morte sempre vem,
Resoluta e altaneira,
Realizar a última ceifa,
Para análise da derradeira colheita.

XII

A morte sempre vem,
Causando inúmeras surpresas,
Ao novo, ao velho, ao vagabundo,
Aos poderosos e as suas empresas.

XIII

A morte sempre vem,
Com uma mensagem do Infinito,
Que de fato é muito bela:
A vida é eterna!

06 de agosto de 2014.

Guardião